



**Cláudia Andreia
Noronha Nepomuceno
da Silva**

**Turismo: bem-estar de turistas e animais de
estimação**



**Cláudia Andreia
Noronha Nepomuceno
da Silva**

**Turismo: bem-estar de turistas e animais de
estimação**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Celeste de Aguiar Eusébio, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro

Aos meus animais de estimação por serem a fonte de inspiração para o tema da presente dissertação de mestrado.

o júri

presidente

Prof^a. Doutora Zélia Maria de Jesus Breda

Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof^a. Doutora Ana Maria Balbino Caldeira

Professora Coordenadora do Instituto Superior de Línguas e Administração
de Santarém

Prof^a. Doutora Maria Celeste de Aguiar Eusébio

Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (Orientador)

Agradecimentos

A realização desta dissertação foi possível graças ao apoio por parte de alguns que merecem ser mencionados.

Aos meus animais de estimação por contribuírem, mesmo sem terem a noção de o ter feito.

Aos meus pais por todo o apoio.

À Catarina pela partilha de todas as etapas do percurso até à conclusão da dissertação, pela entreaajuda, pela constante motivação, por todos os detalhes que ajudaram a conseguir o resultado final.

À Professora Doutora Celeste Eusébio pela orientação, pelo apoio e dedicação, pela disponibilidade e amabilidade durante todas as etapas.

À Inês e à Isabel pelo encorajamento, pelo apoio e pelo papel fulcral desempenhado na divulgação dos questionários.

Às clínicas veterinárias do Grande Porto pela colaboração na aplicação dos questionários.

À Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária pela pronta disponibilização de dados essenciais à realização da investigação.

A todos os Professores que contribuíram de forma direta ou indireta na a minha formação e no o meu percurso universitário.

palavras-chave

Turismo, bem-estar, animais de estimação, pet-travel, pet-friendly

resumo

O turismo está associado ao bem-estar, pois as experiências turísticas obtidas pela realização de viagens têm consequências diretas na sensação de bem-estar dos praticantes. Se se considerar que o turista é proprietário de animais de estimação, admite-se que o bem-estar aumente com a participação dos seus animais nas viagens que realiza. Assim, cada vez mais os turistas procuram fazer-se acompanhar dos seus animais de estimação. No entanto, deparam-se com constrangimentos desde o momento de planeamento e no decorrer das viagens. O desajuste da oferta *pet-friendly* influencia negativamente a perceção de bem-estar dos turistas. Neste sentido, é necessário disponibilizar a este nicho de mercado *facilities* que terão impactes positivos para turistas e respetivos animais de estimação.

A presente investigação visa analisar as vantagens e os constrangimentos da realização de viagens turísticas na companhia de animais de estimação; compreender o impacte das viagens turísticas no bem-estar dos turistas e respetivos animais, analisando as dimensões do bem-estar onde se observa um maior impacte; identificar segmentos homogêneos de visitantes de acordo com o impacte percebido no seu bem-estar e no do animal de estimação decorrente da realização de viagens com os animais. Pretende-se, ainda, alertar para a questão do abandono de animais.

Foi adotada, para a recolha de dados primários, uma metodologia quantitativa, que consistiu na aplicação de um inquérito por questionário aos indivíduos que, nos últimos três anos, tenham realizado pelo menos uma viagem turística na companhia dos seus animais de estimação, com a duração de três ou mais dias. Os resultados obtidos foram analisados a partir de análises univariadas, bivariadas e multivariadas. Concluiu-se que o perfil do inquirido que viaja na companhia dos seus animais de estimação é maioritariamente mulher, de 37 anos, solteira, com habilitações literárias ao nível do ensino superior, que auferir entre € 500.00 e € 999.99 de rendimento líquido individual mensal. Tem um cão de porte pequeno com o qual viaja 1 a 2 vezes em três anos, planeia a viagem recorrendo a amigos e familiares como fontes de informação, prefere viajar de carro e ficar alojada em casas alugadas. Sente maioritariamente constrangimentos estruturais, relacionados com a adequação da oferta turística. Considera que as viagens na companhia de animais de estimação trazem benefícios tanto para o proprietário como para os animais de estimação. Considera, ainda, que as viagens contribuem para a diminuição dos níveis de abandono.

keywords

Tourism, well-being, pets, pet-travel, pet-friendly

abstract

Tourism is associated with well-being, because the tourist experiences obtained by the trips have direct consequences in practitioners' sense of well-being. If a tourist is a pet owner, their well-being is better satisfied with their pets as part of their trip. So, more and more tourists are looking for do-follow of their pets. However, tourists are faced with planning constraints and in the course of travel. The pet-friendly offer misfit negatively influence the lack of tourists' well-being. In this sense, it is necessary to provide this niche market facilities that will have positive impacts for tourists and their pets. This research aims to analyze the advantages and constraints of trips in the company of pets; understand the impact trips of tourists' well-being and their pets' well-being, analysing the well-being dimensions with a greater impact; identify homogenous segments of visitors according to the perceived impact on tourists' well-being and on pets' well-being due to trips with the animals. The aim is to also draw attention to the issue of abandonment of animals. Was adopted, for the primary data collection, quantitative methodology, which consisted in the application of a survey to individuals who, in the last three years, have held at least a trip in the company of their pets, with the for three or more days. The results obtained were analyzed from univariate analysis, bivariate analysis and multivariate analysis. It was concluded that the respondent profile that travels in the company of their pets is woman, 37, unmarried, with higher education level, which receives between €500.00 and €999.99 of individual monthly net income. She has a small dog with which travels 1 to 2 times in three years, plans trips using friends and family as sources of information, prefers to travel by car and stays in a rented house. She feels mostly structural constraints related to the adequacy of the tourist offer. She considers that the trips with pets bring benefits both to the owner and pets. Furthermore, she considers that the trips with pets contribute to reduction in levels of abandonment.

Índice

Índice de figuras	iv
Índice de tabelas	v
Lista de siglas	viii
Introdução	1
Capítulo 1 – Turismo e bem-estar	4
1.1. Introdução	4
1.2. Definições de turismo e conceitos subjacentes	4
1.3. Conceito de bem-estar.....	6
1.4. Relação entre turismo e aumento da sensação de bem-estar	10
1.5. Conclusão.....	13
Capítulo 2 – O animal de estimação	14
2.1. Introdução	14
2.2. Direitos dos animais.....	14
2.3. Definição de animal de estimação	14
2.4. Leis para a proteção dos animais de estimação	15
2.4.1. Medidas legislativas associadas ao animal de estimação	17
2.4.2. A questão do abandono.....	19
2.5. Benefícios mútuos da relação proprietário – animal de estimação.....	22
2.5.1. Vantagens e desafios de ter um animal de estimação	23
2.5.2. Benefícios da inclusão no seio familiar para o animal	27
2.5.3. Valia do animal de estimação na saúde humana	28
2.6. Conclusão.....	29
Capítulo 3 – Viagens turísticas na companhia de animais de estimação.....	30
3.1. Introdução	30
3.2. Viagens turísticas na companhia de animais de estimação.....	30

3.3. Viagens turísticas na companhia de animais de estimação: quais as vantagens? .39	39
3.4. Constrangimentos sentidos pelos turistas nas viagens realizadas com os seus animais de estimação41	41
3.5. Relação entre as ofertas turísticas <i>pet-friendly</i> e o aumento/diminuição do abandono de animais de estimação43	43
3.6. Saúde e bem-estar de turistas e animais: o contributo das viagens turísticas44	44
3.7. O contributo das viagens turísticas para o comportamento do animal de estimação45	45
3.8. Conclusão.....46	46
Capítulo 4 - Metodologia.....49	49
4.1. Introdução49	49
4.2. Objetivos de investigação do estudo empírico.....49	49
4.3. Metodologia de recolha de dados50	50
4.3.1. Recolha de dados primários50	50
4.3.1.1. Definição da técnica de amostragem51	51
4.3.1.2. Instrumento de inquirição – construção do questionário51	51
4.3.1.3. Validação do instrumento de inquirição58	58
4.3.1.4. Processo de administração do questionário58	58
4.4. Metodologia de análise dos dados59	59
4.5. Conclusão.....59	59
Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados61	61
5.1. Introdução61	61
5.2. Caracterização do perfil da amostra.....61	61
5.3. Identificação dos animais de estimação64	64
5.4. Motivações para viajar com animais.....65	65
5.5. Constrangimentos sentidos ao viajar com animais68	68
5.6. Benefícios percebidos da realização de viagens turísticas na companhia de animais75	75
5.7. Caracterização da viagem82	82

5.8. Identificação e caracterização dos clusters	87
5.8.1. Perfil dos clusters.....	91
5.9. Conclusão.....	104
Capítulo 6 – Conclusões	106
6.1. Introdução	106
6.2. Principais conclusões	106
6.3. Contribuições do estudo (teóricas e práticas)	109
6.4. Limitações e recomendações para investigações futuras.....	110
Referências bibliográficas.....	111
Apêndice	124

Índice de Figuras

Figura 2.1. Número de animais recolhidos por Centros de Recolha Oficial (CRO) em Portugal (2008-2016)	20
Figura 2.2. Categorias de combinação de características da personalidade	21

Índice de Tabelas

Tabela 1.1. Conceitos associados ao bem-estar subjetivo e ao bem-estar psicológico	7
Tabela 2.1. Decretos-Lei aprovados pela Assembleia da República Portuguesa relativos aos animais de estimação.....	16
Tabela 2.2. Dimensões da relação proprietário – animal de estimação.....	24
Tabela 3.1. Regulamento (UE) 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia.....	34
Tabela 3.2. Regulamento (UE) 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia (continuação).....	35
Tabela 4.1. Grupo A do questionário	53
Tabela 4.2. Grupo B do questionário	53
Tabela 4.3. Grupo C do questionário	54
Tabela 4.4. Grupo D do questionário	55
Tabela 4.5. Grupo E do questionário	56
Tabela 4.6. Grupo E do questionário (continuação)	57
Tabela 4.7. Grupo F do questionário	58
Tabela 5.1. Perfil da amostra	63
Tabela 5.2. Identificação dos animais de estimação	64
Tabela 5.3. Motivações para viajar com animais de estimação.....	66
Tabela 5.4. Análise fatorial das motivações para viajar com animais de estimação	68
Tabela 5.5. Constrangimentos sentidos ao viajar com animais de estimação	71
Tabela 5.6. Análise fatorial dos constrangimentos sentidos ao viajar com animais de estimação	73
Tabela 5.7. Benefícios percebidos para o turista das viagens com animais de estimação	77

Tabela 5.8. Análise fatorial dos benefícios percebidos de viajar com animais de estimação, para os turistas	79
Tabela 5.9. Benefícios percebidos para o animal decorrentes das viagens realizadas ..	82
Tabela 5.10. Caracterização das viagens realizadas na companhia de animais de estimação	83
Tabela 5.11. Frequência de utilização das fontes de informação no planejamento de viagens com animais de estimação	84
Tabela 5.12. Meios de transporte utilizados nas viagens com animais de estimação ...	85
Tabela 5.13. Meios de alojamento utilizados nas viagens com animais de estimação ..	86
Tabela 5.14. Comparação dos clusters em termos de variáveis utilizadas para a sua formação (ANOVA).....	90
Tabela 5.15. Perfil sociodemográfico dos clusters identificados (ANOVA, X^2 Test) ...	92
Tabela 5.16. Perfil dos animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA, X^2 Test).....	93
Tabela 5.17. Motivações para viajar com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA).....	96
Tabela 5.18. Constrangimentos decorrentes da realização de viagens com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA).....	99
Tabela 5.19. Caracterização de viagens com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA, X^2 Test).....	101
Tabela 5.20. Fontes de informação utilizadas nas viagens com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA)	102
Tabela 5.21. Meios de transporte utilizados nas viagens com animais de estimação dos clusters identificados (X^2 Test).....	103

Tabela 5.22. Meios de alojamento utilizados nas viagens com animais de estimação dos clusters identificados (X^2 Test).....	104
---	------------

Lista de siglas e abreviaturas

ACP	Análise de Componentes Principais
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BE	Bem-estar
CRO	Centro de Recolha Oficial
DGAV	Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IATA	<i>International Air Transport Association</i>
INE	Instituto Nacional de Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
OMT	Organização Mundial de Turismo
PWBS	<i>Psychological Well-being Scale</i>
QV	Qualidade de vida
SICAFE	Sistema de Identificação de Canídeos e Felinos
SWLS	<i>Satisfaction With Life Scale</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WOM	<i>Word of Mouth</i>

Introdução

Os conceitos de turismo e bem-estar são dois conceitos indissociáveis, pois, as experiências turísticas obtidas pela realização de viagens têm consequências diretas na sensação de bem-estar dos praticantes (Chen, Huang, & Petrick, 2016; Chen, Lehto, & Cai, 2013; Gilbert & Abdullah, 2004; Kim, Lee, & Ko, 2016; Uysal, Sirgy, Woo, & Kim, 2016). Atualmente, verifica-se que o conceito de bem-estar merece maior preocupação por parte dos indivíduos, que cada vez mais procuram satisfazer as suas necessidades e os seus desejos por forma a viver a vida com qualidade e a aumentar a sensação de bem-estar no seu quotidiano (Tuo, Bai, & Chen, 2014; Zenhas, 2012). O turismo é uma atividade que pode contribuir para aumentar o bem-estar dos seus praticantes. Se se considerar que o turista é proprietário de animais de estimação, admite-se que o impacto das práticas turísticas no bem-estar dos visitantes poderá ser influenciado positivamente se os animais de estimação participarem nas viagens realizadas (Dotson, Hyatt, & Clark, 2010; Hung, Chen, & Peng, 2016). Considera-se, também, que as viagens turísticas poderão ter impactos positivos no animal de estimação (Dotson & Hyatt, 2008). Neste estudo será dada maior relevância às espécies cão e gato, por serem os animais de estimação mais comuns.

A presente investigação propõe-se:

- i) analisar as vantagens e os constrangimentos da realização de viagens turísticas na companhia de animais de estimação;
- ii) compreender o impacto das viagens turísticas no bem-estar dos turistas e respetivos animais de estimação, analisando as dimensões do bem-estar onde se observa um maior impacto;
- iii) identificar segmentos homogêneos de visitantes de acordo com o impacto percebido no seu bem-estar e no do animal de estimação decorrente da realização de viagens com os animais;
- iv) e justificar que a inclusão dos animais nas viagens contribui diretamente para a diminuição dos casos de abandono animal.

Considera-se o tema relevante para a investigação nas áreas do turismo e do bem-estar, na medida em que se acredita que a participação de turistas e animais de estimação, em

conjunto, nas viagens turísticas tem, pelo menos, três grandes vantagens para o lado da procura: contribui positivamente para o aumento do bem-estar do turista e dos animais de estimação (Dolnicar, Yanamandram, & Cliff, 2012; Hung et al., 2016; Kirillova, Lee, & Lehto, 2015; Tuo et al., 2014); contribui positivamente para a ligação proprietário-animal de estimação (Dotson & Hyatt, 2008); e reduz significativamente os níveis do abandono animal. Ao conhecer o perfil do turista que viaja com os seus animais, o lado da oferta compreenderá as necessidades do mercado *pet-friendly* e desenvolverá a capacidade de responder de acordo com as necessidades e os desejos deste (Dotson & Hyatt, 2008; Kirillova et al., 2015). Neste sentido, a investigação científica resulta em contributos teóricos e práticos relevantes.

A presente dissertação está estruturada em sete capítulos. Nos capítulos 2 e 3 é realizada uma revisão de literatura sobre a temática em estudo. Nos capítulos 4 e 5 é apresentado o estudo empírico realizado. No capítulo 6 são apresentadas as principais conclusões, contribuições, limitações e recomendações de investigações futuras sobre o tema.

No capítulo 1 é feita uma abordagem elucidativa dos conceitos turismo e bem-estar. Seguidamente, é explicada a implicância e o impacte que um conceito tem no outro.

O capítulo 2 relaciona-se com os animais de estimação. Neste capítulo procura-se encontrar uma definição abrangente de animal de estimação. São descritas as leis que visam a proteção dos direitos dos animais e as questões legislativas associadas à posse de animais de estimação, à luz da Constituição da República Portuguesa. Em seguida, é abordada a questão do abandono. Posteriormente, são descritos os benefícios da relação proprietário-animal de estimação e as vantagens e os desafios de ter animais de estimação. Por fim, são explicitados os benefícios da inclusão dos animais de estimação no seio familiar para os próprios animais e ainda é explicada a valia dos animais na saúde humana.

O capítulo 3 aborda a temática das viagens com animais de estimação, as vantagens de os proprietários se fazerem acompanhar dos seus animais nas viagens turísticas que realizam e os constrangimentos por eles sentidos desde o planeamento até à finalização da realização da viagem turística. Neste capítulo é também relacionado o aumento/diminuição do abandono de animais com a oferta turística *pet-friendly* existente. No que respeita ao bem-estar de turistas e animais de estimação, procuram-se

compreender os impactes que as viagens com animais de estimação têm no aumento da sensação de bem-estar dos turistas e os impactes das viagens no comportamento dos animais de estimação. Compreendidos os impactes das viagens para turistas e respetivos animais, a oferta turística dispõe das ferramentas necessárias para se adaptar e contribuir para o aumento do número de viagens com animais de estimação e, consequentemente, para a diminuição dos casos de abandono.

O capítulo 4 pretende, primeiramente, descrever os objetivos gerais e específicos do estudo empírico realizado no âmbito da presente dissertação. Seguidamente, é definida a amostra, apresentada a metodologia utilizada para a recolha de dados e clarificada a técnica de amostragem utilizada. Depois, é descrito o instrumento de recolha de dados, a sua validação e posteriormente os métodos de administração utilizados. Concluída esta etapa, é apresentada a metodologia utilizada na análise de dados.

O capítulo 5 é referente à análise e discussão dos resultados obtidos. Neste capítulo são apresentados os dados obtidos em termos de perfil da amostra, motivações, constrangimentos, características da viagem e benefícios obtidos da realização de viagens turísticas na companhia de animais de estimação. Com o objetivo de identificar grupos de visitantes homogêneos em termos dos benefícios obtidos através da realização de viagens turísticas com animais de estimação, apresenta-se, também, neste capítulo, um estudo de segmentação onde foram identificados segmentos de visitantes (clusters). Os segmentos obtidos são depois comparados em termos de perfil, motivações, constrangimentos e características de viagem.

No capítulo 6 são apresentadas as principais conclusões, contribuições, limitações e recomendações para futuras investigações sobre o tema em estudo.

Capítulo 1 – Turismo e bem-estar

1.1. Introdução

Turismo e bem-estar são dois conceitos que se interligam, pois, de acordo com a literatura, as experiências turísticas obtidas pela realização de viagens terão consequências diretas na sensação de bem-estar dos praticantes. Neste capítulo pretende-se fazer uma abordagem elucidativa dos conceitos de turismo e de bem-estar, bem como do potencial impacto do turismo no bem-estar do seu praticante.

1.2. Definições de turismo e conceitos subjacentes

Em concordância com a Organização Mundial de Turismo (OMT), o conceito de turismo remete para o desenvolvimento de atividades durante viagens e estadas ocorridas em locais fora do ambiente habitual do visitante, por um período consecutivo que não exceda um ano, para fins recreativos, de negócios e outros (United Nations, 1994). A mesma entidade distingue as categorias: lazer, recreio e férias; visitas a familiares; negócios ou questões profissionais; saúde; religião ou peregrinações; entre outras, como motivações para viajar (WTO, 1995).

Tribe (1997) introduziu o conceito de “indisciplina” do turismo, com base na sua natureza multidisciplinar, multifacetada e complexa. Neste sentido, nas últimas décadas, têm aparecido várias definições de turismo, tanto do lado da procura como do lado da oferta. Contudo, considera-se existir uma interligação entre ambos os conceitos, no sentido em que a oferta cria estruturas e atividades interligadas com as necessidades e os desejos do lado da procura, ou seja, procuram corresponder às expectativas do consumidor (o visitante).

Segundo a OMT (2008), considera-se turista qualquer pessoa que passe, no mínimo, 24 horas, ou que pernoite, em outro local diferente da residência habitual, no próprio país ou no estrangeiro, num alojamento privado ou coletivo, por motivos que não sejam o exercício de uma atividade remunerada permanente no destino visitado.

Os resultados disponibilizados pela OMT (2016) indicam 1 235,2 milhões de chegadas de turistas internacionais, em todo o Mundo, no ano de 2016, que se traduziu num crescimento de 3,9% face ao ano anterior.

Relativamente ao caso português, segundo dados do INE (2016), no ano de 2016, os residentes em Portugal realizaram 4,54 milhões de viagens turísticas. Aproximadamente metade da população residente (44,1%) efetuou pelo menos uma viagem turística com dormida fora da sua residência habitual, apresentando como principal motivo para a realização dessas viagens turísticas “Lazer, recreio ou férias”, com 3,2 milhões de deslocações realizadas, o equivalente a 31,5%. Apresentaram também o motivo “Visitas a familiares ou amigos”, traduzido em 2,2 milhões de viagens (21,4% da população residente). Note-se que, face a 2015, o motivo “Lazer, recreio ou férias” apresentou um aumento de 9,3%. Contudo, estima-se que mais de metade da população residente (55,9%) não tenha realizado qualquer deslocação turística, apresentando como principal motivo para não viajar, as “Razões económicas”, mencionadas por 51,2% da população, seguidas do motivo “Falta de motivação” (22,8%). Acrescente-se, ainda, que mais de metade (53,3%) dos indivíduos não viajaram em 2016 por se encontrarem inativos a nível laboral, na condição de estudantes, reformados, domésticos ou outras situações.

Na sequência do novo perfil do turista, o turismo tem sofrido alterações podendo atualmente distinguir-se entre «turismo tradicional» (Maricato, 2012) e «novo turismo» (Pires, 2004). O «turismo tradicional» é caracterizado pela prática de consumo de massas, oposto ao «novo turismo». O «novo turismo» é comumente designado turismo alternativo (Pires, 2004), devido a alterações no perfil demográfico e no perfil do consumidor, que tende a utilizar mais sistematicamente as novas tecnologias. Devido ao aumento dos níveis de stress, os turistas procuram obter sensações de relaxamento e conveniência nas viagens que realizam, como forma de compensação dos défices do dia-a-dia, uma vez que têm em maior consideração as questões de saúde e segurança (Pirnar & Icoz, 2015).

De acordo com Pirnar & Icoz (2015), o novo turista apresenta mudança de preferências em relação ao destino e à duração das viagens que realiza. Na atualidade, os visitantes procuram, principalmente, personalização, individualização e autenticidade de experiências. Muitos visitantes procuram a componente cultural, aprendizagem e aventuras nas viagens que realizam. São de natureza mais flexível e independente, uma vez que começam a gerar uma procura por maior qualidade e flexibilidade na experiência

da viagem, estando dispostos a despende de maiores quantias monetárias para usufruir de experiências sustentáveis (Pirnar & Icoz, 2015). O novo turista procura diferentes formas de turismo (Spilanis & Vayanni, 2003), como por exemplo: turismo cultural e de património (Richards, 2004); turismo médico (Asri, 2015); turismo de saúde (Smith & Puczkó, 2014); turismo de voluntariado (Pastran, 2014); entre outros.

A atividade turística implica, sobretudo, a deslocação dos visitantes e os relacionamentos interpessoais com as comunidades e com o próprio destino (Pires, 2004). Neste sentido, podem associar-se ao turismo aspetos como o movimento físico (com uma ou mais deslocações) de pessoas a curta, média ou longa distância, a escolha do destino e o planeamento das atividades desenvolvidas. Merecem também destaque as estruturas, os serviços e os produtos criados com o intuito de satisfazer as necessidades dos turistas em geral (Barros, 2004).

1.3. Conceito de bem-estar

O conceito de bem-estar, surgido no século XX, traduz-se numa «sensação absoluta de harmonia plena» (Quintela, 2008, p.62), numa expressão pessoal e subjetiva, bem como numa avaliação direta e introspetiva com base em valores e padrões individuais (Novo, 2005). A par do conceito de turismo, também o conceito de bem-estar é de carácter multidimensional. Refere-se à noção de equilíbrio, mais numa perspetiva psicológica, não deixando, contudo, de contemplar a dimensão física. Smith e Kelly (2006, citados por Quintela, 2008), defendem que o conceito de bem-estar integra as dimensões social, física, emocional, intelectual, ambiental, ocupacional e espiritual. De acordo com Bernardo (2011, p. 17) o bem-estar consiste no «funcionamento e em experiências ótimas» experimentados pelo indivíduo.

Em 1980, dá-se a divisão concetual dos conceitos de bem-estar subjetivo e de bem-estar psicológico (Remédios, 2010).

Desde o ano 2000, o conceito de bem-estar tem sido objeto de investigação, sendo esta direcionada para as perspetivas subjetiva e psicológica, assentes nos conceitos hedonismo (doutrina filosófica que faz do prazer um bem supremo e objeto da vida)¹ e eudemonismo

¹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013.

(teoria moral fundada na ideia de felicidade concebida como bem supremo)², respetivamente. Estas perspetivas podem ter influências positivas nos pressupostos uma da outra, isto é, ambas contribuem para uma perceção abrangente do bem-estar e devem, por isso, correlacionar-se (Wayne & Tess, 2012). Apesar de complementares, as perspetivas descrevem dois tipos de felicidade e traduzem-se em dois tipos de bem-estar. O hedonismo traduz-se no bem-estar subjetivo e integra a componente cognitiva mais relacionada com a satisfação com a vida e a componente afetiva associada às sensações de prazer e desprazer e ao afeto positivo e negativo (Albuquerque e Lima, 2007; Vázquez et al., 2009). Por seu turno, o eudemonismo está associado ao bem-estar psicológico e é assumido como realização do potencial humano, associado ao ser em mudança, ao exercício do esforço e à procura do crescimento e desenvolvimento pessoal (Ryff, 1995; Waterman, 1993), recuperando, assim, o sentido aristotélico de felicidade (Novo, 2005) (Tabela 1.1.).

Tabela 1.1. Conceitos associados ao bem-estar subjetivo e ao bem-estar psicológico

Filosofia	Conceitos associados	Tipo de bem-estar	Exemplos de escalas de medição do bem-estar
<i>Hedonismo</i>	Prazer/desprazer Afeto positivo/negativo Balanço afetivo Emoções positivas Satisfação com a vida	Bem-estar subjetivo	Satisfaction with Life Scale – SWLS (Diener et al., 1985)
<i>Eudemonismo</i>	Personalidade Autorrealização Crescimento psicológico Necessidades e desejos (e/ou objetivos)	Bem-estar psicológico	Scales Of Psychological Wellbeing – SPWB (Ryff, 1989b)

Fonte: adaptado de Albuquerque e Lima, (2007); Vázquez et al., (2009)

² Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013.

O termo hedonismo tem origem etimológica na palavra grega *hedonê*, que significa prazer. Esta perspetiva, associada à gratificação imediata, assenta na identificação do grau de satisfação e felicidade do indivíduo (Zenhas, 2012), procurando identificar as condições sociodemográficas, políticas e culturais que lhe estão associadas (Couto, 2012) e tendo por base valores, necessidades, expectativas e crenças pessoais (Novo, 2005). Esta perspetiva prende-se com a experimentação das sensações de prazer e desprazer, que conduzem à sensação de felicidade ou infelicidade (Figueiredo, 2015). A felicidade é considerada um componente do bem-estar e está incluída no próprio conceito de bem-estar (Kahneman & Krueger, 2006; Pagán, 2015), posto que os principais problemas existenciais comumente sentidos pelas pessoas (exemplos: sensação de desconforto físico e/ou emocional, experiências negativas, entre outros) se prendem com questões que diretamente influenciam a sua perceção de bem-estar.

É aceite que o bem-estar subjetivo contempla a dimensão emocional (Zenhas, 2012) ou afetiva e a dimensão cognitiva (Simões et al., 2000). A dimensão emocional ou afetiva direciona para uma experiência imediata, representada através da afetividade positiva, isto é, a tendência para experienciar sentimentos agradáveis (por exemplo, emoções e humor positivos), em detrimento da afetividade negativa, ou seja, a experimentação de sentimentos desagradáveis. Enquanto a dimensão cognitiva é referente, por sua vez, à satisfação com a vida, quer em termos globais ou em termos de domínios específicos (Zenhas, 2012) e conduz a uma experiência a longo prazo (Van Dierendonck et al., 2006). Deste modo, quanto menor discrepância se verificar entre a perceção das realizações alcançadas pelo indivíduo e o seu padrão de referência, maior será a sensação de satisfação com a vida (Diener, 1985). Outra alternativa para aumentar a satisfação global com a vida será a tentativa de equilíbrio entre o que se possui e o que se deseja ou alterando a «importância da perceção dos objetivos para os diferentes domínios» (Zenhas, 2012, p. 13).

Determinados traços da personalidade (exemplos: a autoestima, o otimismo, a capacidade de controlo ou a extroversão) e padrões culturais têm sido objeto de estudo nas investigações sobre o bem-estar subjetivo (Zenhas, 2012). Por exemplo, a extroversão poderá ter impacte positivo no bem-estar subjetivo, na medida em que indivíduos mais extrovertidos envolver-se-ão com maior facilidade em interações sociais (Myers & Diener, 1995). Relativamente aos padrões culturais, as culturas mais individualistas, por colocarem maior ênfase nos sentimentos, emoções e objetivos do indivíduo, percecionam

maior satisfação com a vida, quando comparadas às culturas coletivistas, onde vigoram a vontade coletiva e as emoções negativas (Myers & Diener, 1995; Diener, 2000).

O bem-estar psicológico compreende as necessidades de carácter primário e as necessidades de carácter secundário. Ryan (1995) entende como necessidades básicas e fundamentais de carácter primário as necessidades biológicas, por exemplo, fome, sede ou sono (Cadilha, 2010). Ainda assim, também as necessidades aprendidas (necessidades secundárias) no decorrer do percurso do indivíduo e da sua experiência possibilitam uma maior sensação de bem-estar psicológico (Cadilha, 2010).

Segundo Van Dierendonck et al. (2006) e Pratas (2014), o conceito de bem-estar psicológico integra as componentes da autoaceitação (atitude positiva em relação ao próprio – autoconhecimento, funcionamento ótimo e maturidade), da autonomia (avaliação segundo padrões pessoais), do controlo sobre o meio ou controlo ambiental (procura no meio envolvente e/ou capacidade de criar ambientes adequados às suas características, bem como formas de satisfação das necessidades e desejos individuais), das relações positivas (desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais), do propósito na vida ou capacidade de estabelecimento de objetivos (estabelecimento de direções, intenções, objetivos que confirmem significado à vida) e de desenvolvimento pessoal (potencialização dos talentos e capacidades pessoais).

No que diz respeito à avaliação/medição do bem-estar de um indivíduo, existem na literatura várias medidas que poderão ser utilizadas para esse efeito. Estas medidas poderão ser categorizadas em dois grandes grupos: (i) medidas objetivas e (ii) medidas percetivas. Neste contexto, Andrews (1994) defende a utilização em conjunto de medidas objetivas e percetivas para medir o bem-estar. As medidas objetivas baseiam-se na medição direta do bem-estar. As medidas percetivas remetem para a autoavaliação sobre sentimentos e para as perceções sobre bem-estar.

Diener et al., (1985) elaboraram a Escala de Satisfação com a Vida (*Satisfaction With Life Scale* - SWLS) (ver tabela 1.1.), num conjunto de 5 itens, que pretende avaliar o bem-estar subjetivo, numa escala de sete pontos.

Por forma a medir as dimensões do bem-estar psicológico, Ryff (1989b) desenvolveu as Escalas de Bem-estar Psicológico (Scales Of Psychological Wellbeing, SPWB) (ver tabela 1.1.). No final da década de 80, foram desenvolvidas, pelo autor supramencionado,

escalas de 32 itens. Seguidamente estas foram adaptadas e o número de itens reduzido para 20 por escala. No ano de 1995, Ryff e Keys (1995) desenvolveram uma versão com 3 itens por escala. Em 2002, os mesmos autores desenvolveram uma versão com 9 itens por escala. Contudo, em 2004, devido a limitações percebidas nas escalas existentes, Van Dierendonck (2004) propôs uma versão das Escalas de Bem-estar Psicológico (SPWB) composta por 39 itens, mais adequada e consistente.

No presente estudo, considera-se mais adequado avaliar o bem-estar subjetivo, fazendo conveniente uso de medidas percetivas, adaptando escalas existentes, uma vez que se pretende compreender a percepção dos turistas relativamente ao impacto que as experiências de viagens com os seus animais de estimação terão no seu bem-estar.

Em suma, o bem-estar é obtido através do prazer retirado das experiências de vida (Cadilha, 2010). Estas experiências, por sua vez, estão distribuídas pelos vários domínios da vida e, conseqüentemente, traduzem-se nas experiências afetivas com eles relacionadas (Zenhas, 2012), por exemplo, as atividades de lazer nas quais estão incluídas as viagens turísticas. Posto isto, é legítimo afirmar que o conceito de bem-estar parece, simultaneamente, referir-se e refletir-se na holística humana, espelhando a complexidade dos fenómenos humanos (Bernardo, 2011). Este constructo remete para sensação de satisfação com a vida e ausência de sentimentos negativos (Andrews, 1974). Neste sentido, considera-se pertinente associar bem-estar a turismo, uma vez que as viagens turísticas têm influência no bem-estar dos seus praticantes. No contexto da presente investigação, as viagens turísticas são realizadas na companhia de animais de estimação, o que se presume ter impactos mais significativos na relação turismo – bem-estar, aumentando a sensação de bem-estar experimentada pelos turistas.

1.4. Relação entre turismo e aumento da sensação de bem-estar

Já nas épocas grega e romana, o turismo era praticado por forma a experienciar sensações de bem-estar. Nos séculos XVIII e XIX as práticas turísticas ocorriam nas estâncias de elites europeias (Couto, 2012). Tal fenómeno tem continuamente representado um marco significativo na evolução da história do turismo até ao século atual.

Na perspectiva de McCabe e Johnson (2013), o lazer aumenta a felicidade individual e potencia o bem-estar subjetivo dos visitantes e da comunidade. É neste sentido que as investigações atuais tentam compreender/analisar o impacto do turismo no bem-estar dos visitantes e da comunidade local. Neste tipo de estudos são utilizadas várias abordagens (Tuo et al., 2014). Enquanto alguns estudos analisam o impacto do turismo na felicidade (baseados na felicidade psicológica), como por exemplo os estudos desenvolvidos por Corvo (2011) e por Nawijn et al. (2010), outros estudos analisam esse impacto na qualidade de vida, como por exemplo o estudo levado a cabo por Neal et al. (2007). Autores como Neal et al. (1999) analisam, ainda, o impacto do turismo na satisfação com a vida.

Neal et al. (1999) encontraram efeitos moderadores significativos entre a satisfação com as experiências turísticas e a satisfação com o lazer, e entre esta e a satisfação geral com a vida. O estudo levado a cabo por Carneiro e Eusébio (2011) vai ao encontro das conclusões a que chegou o autor supracitado, na medida em que notaram que a experiência da viagem, por desencadear sentimentos, emoções e interações entendidos como positivos, tem uma influência significativa na qualidade de vida dos turistas, nomeadamente nos domínios psicológico (por exemplo, melhoria da autoestima) e social (por exemplo, melhoria das capacidades de socialização). O turismo exerce ainda impactos no domínio físico (aumento dos níveis de energia, maior movimentação, por exemplo) e nas condições inerentes aos seus praticantes (aumento da sensação de segurança, aumento dos conhecimentos, etc.). Por seu turno, e ainda na mesma linha de investigação, Tuo et al. (2014), relacionam o bem-estar ao nível do turismo com emoções positivas de alegria, propondo que o turismo promove a felicidade e simultaneamente o crescimento pessoal, a experiência profunda e a procura do sentido da vida. Assim, depreende-se que também as características das viagens podem afetar o bem-estar (BE), tanto de forma direta como indireta, posto que se relacionam com a percepção da satisfação com a vida que os turistas, de um modo geral, têm (Dan, 2012; Kruger, 2012; Puczko & Smith, 2012, citados por Uysal et al., 2016).

Gilbert e Abdullah (2004) e Uysal et al. (2016) concluíram que as experiências turísticas proporcionam aos turistas uma maior sensação de satisfação com a vida, antecedente e posterior ao momento da viagem, consoante a intensidade das mesmas. Do valor atribuído por cada indivíduo a essas mesmas atividades, dependerá a intensidade da sensação de felicidade por ele experimentada (Scolfaro & Oliveira, 2013). Note-se que

na perspectiva de Pagán (2015) os sentimentos negativos experimentados na viagem não prejudicam a satisfação geral com a vida. Kim et al. (2015) defendem que as experiências das viagens turísticas afetam de forma positiva os vários domínios da vida. As viagens turísticas afetam mais significativamente domínios da vida, como o pessoal, o profissional, o social, o espiritual e o cultural (Uysal et al, 2016). As experiências turísticas contribuem para o crescimento pessoal, para a autorrealização e para o autodesenvolvimento (Scolfaro & Oliveira, 2013; Tuo et al., 2014). Carneiro e Eusébio (2011) acrescentam que o viajante que adquira novos conhecimentos, descubra novos lugares, interaja com diferentes culturas, tenha um contacto mais frequente com a natureza, viaje acompanhado (seja entre amigos ou em excursão) e realize atividades culturais irá perceber impactos mais positivos do turismo na sua qualidade de vida.

A teoria alternativa de relação entre a satisfação com a viagem e a qualidade de vida (QV) de Sirgy (2010) sugere que aqueles que incorporassem objetivos de viagem intrínsecos (associados ao próprio indivíduo – exemplo: conhecer a cultura do destino) *versus* extrínsecos (que se relacionam com terceiros – exemplo: interação com a comunidade local do destino) e abstratos (por exemplo, o desejo de ter uma determinada experiência) *versus* concretos (por exemplo, participar numa viagem organizada), estariam mais propensos a experimentar níveis mais elevados de bem-estar subjetivo, pelo facto de atingirem os objetivos a que se propuseram. Posto isto, pode concluir-se que a satisfação com o turismo resulta de uma experiência de viagem satisfatória e pode ser identificada como determinante da satisfação geral com a vida (Couto, 2012; Tuo et al., 2014; Chen et al., 2016; Uysal et al, 2016).

Então, diferentes tipos de atividades turísticas proporcionarão diferentes níveis de felicidade aos seus praticantes (Tuo et al., 2014) e representarão significados distintos em momentos distintos da vida de cada indivíduo (Pagán, 2015; Uysal et al., 2016). Segundo Tuo et al. (2014), algumas pesquisas defendem que o turismo apenas tem impactos momentâneos na vida do turista, pois a experiência turística é temporária. O mesmo autor acrescenta, contudo, que existem pesquisas que defendem o impacto do turismo a longo prazo, através de experiências memoráveis. Kim et al. (2015) enumera um estudo levado a cabo por Sirgy et al. (2011) que concluiu que as sensações de bem-estar experimentadas pelos turistas resultam de experiências específicas da viagem.

Em conclusão, pode afirmar-se que efetivamente o turismo influencia de forma positiva a satisfação com a vida, uma vez que o indivíduo percebe a experimentação de níveis mais elevados de bem-estar decorrente da prática de atividades turísticas (Chen et al., 2016; Kim et al., 2016; Pagán, 2015; Scolfaro e Oliveira, 2013; Tuo et al., 2014; Uysal et al., 2016).

1.5. Conclusão

O capítulo 1 permitiu concluir que o turismo está em constante mutação, em parte, devido às novas tecnologias, que levam à alteração do perfil do turista. O fenómeno turístico tende a crescer significativamente nos anos vindouros, pois existem cada vez mais *facilities* para as pessoas se deslocarem. Também o fácil acesso à informação conduz a que a procura de produtos turísticos aumente em termos de frequência e em termos de qualidade. Estes aspetos impulsionaram a cultura da viagem, tão associada ao novo perfil do turista, o qual procura satisfazer os seus desejos e as suas necessidades, aumentando a sensação de bem-estar percebido.

O conceito de bem-estar divide-se em duas categorias complementares: o bem-estar subjetivo (associado ao prazer) e o bem-estar psicológico (relacionado com a personalidade). O conceito de bem-estar ocupa um lugar central nas preocupações do Homem atual, que pretende sentir satisfação com a sua vida, através da experimentação de emoções positivas e de sensações de prazer, com as quais as experiências turísticas estão relacionadas. O turismo exerce influência mais significativa no bem-estar subjetivo dos indivíduos Kim et al. (2015), uma vez que resulta de sensações imediatas. Contudo, também é pertinente afirmar que o turismo tem, ainda, impactes no bem-estar psicológico dos praticantes, na medida em que permite o crescimento psicológico destes e a sua autorrealização.

Então, o turismo tem impactes positivos no bem-estar dos praticantes.

Capítulo 2 – O animal de estimação

2.1. Introdução

O capítulo 2 relaciona-se com os animais de estimação. Neste capítulo procura-se definir de forma tão abrangente quanto possível o conceito de animal de estimação. São também descritas as leis que visam a proteção dos direitos dos animais, as medidas legislativas associadas à posse de animais de estimação, à luz da Constituição da República Portuguesa. Seguidamente, é abordada a questão do abandono. Posteriormente, são descritos os benefícios da relação proprietário – animal de estimação, as vantagens e os desafios de ter animais de estimação. Por fim, são explicitados os benefícios da inclusão no seio familiar para os animais de estimação e ainda explicitada a valia dos animais na saúde humana.

2.2. Direitos dos animais

A Declaração Universal dos Direitos dos Animais, elaborada em 27 de janeiro de 1978, estabelece, sucintamente, que todos os animais têm o direito à vida (art. 1.º), assim como ao respeito (art. 2.º, alínea a) e à proteção humana (art. 2.º, alínea c), não devendo ser maltratados (art. 3.º, alínea a) ou abandonados (art. 6.º, alínea b). Acrescenta que o Homem deve ser educado de forma a respeitar e compreender os animais (art. 2.º, alínea b). Os direitos dos animais devem ser defendidos por lei (art. 14.º, alínea b), conforme os direitos do Homem o são (UNESCO, 1978).

2.3. Definição de animal de estimação

Na área da Biologia, o animal³ é definido enquanto ser vivo eucariótico, pluricelular, macroconsumidor e heterotrófico por ingestão, dotado de sensibilidade, capacidade de locomoção e de resposta a estímulos diversos. Gandra e Matos (2005) consideram o termo animal de estimação (ou animal doméstico, animal de companhia, *pets*) no sentido em

³ Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico (2003-2017)

que os animais são domesticados ao coabitarem com os seus proprietários, sob a responsabilidade destes, dentro da mesma casa. De acordo com o Decreto-Lei 276/2001, de 17 de outubro, a alínea a) o artigo 2º define animal de estimação como «qualquer animal detido ou destinado a ser detido pelo homem, designadamente, no seu lar, para seu entretenimento e companhia».

2.4. Leis para a proteção dos animais de estimação

A Assembleia da República Portuguesa tem continuamente direcionado esforços para a elaboração de medidas legislativas que visem a proteção dos animais.

No que respeita aos animais de estimação, existem medidas legislativas para assegurar a sua proteção, registo e licenciamento, circulação na via pública e criminalização dos maus tratos infligidos contra animais. Mais recentemente, foram elaboradas leis relativas à criminalização do abandono, à criação de uma rede de centros de recolha oficial de animais e à proibição do abate de animais de estimação. Foi também estabelecido o estatuto jurídico dos animais. Na tabela 2.1. estão referidos alguns dos principais Decretos-Lei relacionados com as temáticas supramencionadas.

Tabela 2.1. Decretos-Lei aprovados pela Assembleia da República Portuguesa relativos aos animais de estimação.

Decreto-Lei	Título	Principais disposições
Decreto-Lei 13/1993, de 18 de fevereiro de 1993	Relativo à Convenção Europeia para a Proteção dos Animais de Companhia	Posse responsável; bem-estar dos animais; comércio, criação e manutenção responsáveis a título comercial; desincentivo à utilização de animais para fins lúdicos; proibição de cirurgias destinadas a modificar a aparência dos animais.
Decreto-Lei 276/2001, de 17 de outubro de 2001	Aplicação da Convenção Europeia para a Proteção de Animais de Companhia	Aplicação das medidas estabelecidas na Convenção Europeia para a Proteção dos Animais de Companhia.
Decreto-Lei 313/2003, de 17 de dezembro de 2003	Sistema de Identificação e Registo de Canídeos e Felinos (SICAFE)	Obrigatoriedade de identificação dos animais domésticos; criação de uma base de dados; normas de utilização da base de dados; atribuição de competências às entidades respetivas.
Decreto-Lei 314/2003, de 17 de dezembro de 2003	Programa Nacional de Luta e Vigilância Epidemiológica da Raiva Animal e Outras Zoonoses (PNLVERAZ)	Obrigatoriedade de utilização de trela, coleira e açaimo; captura de animais.
Decreto-Lei 421/2004, de 24 de abril de 2004	Regulamento de Registo, Identificação e Licenciamento de Cães e Gatos	Obrigatoriedade de registo, identificação e licenciamento de cães e gatos.
Decreto-Lei 315/2009, de 29 de outubro de 2009	Detenção de Animais Perigosos	Questões para detenção de raças perigosas ou potencialmente perigosas; medidas para reprodução, criação e comercialização de raças perigosas ou potencialmente perigosas; obrigatoriedade de treinos.
Decreto-Lei 968/2009, de 26 de agosto de 2009	Deslocação de Animais de Companhia em Transportes Públicos	Condições de transporte e questões relacionadas.
Decreto-Lei 69/2014, de 29 de agosto de 2014	Criminalização de Maus Tratos a Animais	Criminalização dos maus tratos contra animais domésticos; criminalização do abandono.
Decreto-Lei 27/2016 de 23 agosto de 2016	Criação de rede de centros de recolha oficial de animais e proibição do abate de animais errantes como forma de controlo da população	Criação de uma rede de centros de recolha oficial de animais e modernização dos serviços municipais de veterinária, e estabelecimento da proibição do abate de animais errantes como forma de controlo da população, privilegiando a esterilização.
Decreto-Lei 8/2017 de 03 de março de 2017	Estabelecimento de um estatuto jurídico dos animais	Reconhecimento da natureza de seres vivos dotados de sensibilidade aos animais.

Fonte: elaborado com base no Diário da República Portuguesa

Com a elaboração dos Decretos-Lei apresentados na tabela 2.1., no enquadramento legal português foi, portanto, criado um conjunto de medidas legislativas que servem de base à conduta a adotar pelo Homem em relação aos animais. Determinou, também, as sanções caso as normas estabelecidas não sejam cumpridas. As medidas criadas visam, sobretudo, minimizar e, idealmente, abolir o flagelo do abandono, e consequentemente o sobrepovoamento dos centros de recolha oficial de animais que leva ao abate de inúmeros animais. As sanções aplicáveis contemplam ainda os maus tratos infligidos contra os animais de estimação. Entende-se, em suma, com as medidas dispostas, a intensão de inculcar nos proprietários a importância de uma adoção responsável, em condições adequadas que garantam o bem-estar dos animais, uma vez que estes são considerados «seres vivos dotados de sensibilidade» (art. 1º, Decreto-Lei 8/2017).

2.4.1. Medidas legislativas associadas ao animal de estimação

O Decreto-Lei 13/1993, de 13 de abril, estabelece que o Homem tem o dever moral de respeito para com todas as criaturas vivas. Tendo presentes os estreitos laços existentes entre ele e os animais de estimação, considera-se que os animais contribuem para o aumento da qualidade de vida do Homem e são seres com valor para a sociedade.

O Decreto-lei 13/1993 dispõe, ao abrigo do artigo 4.º do capítulo II, que qualquer pessoa que tenha à sua responsabilidade um animal de estimação deverá garantir a sua saúde e bem-estar, não devendo, portanto, infligir neste, dor, sofrimento ou angústia inutilmente ou abandoná-lo (art. 3.º, capítulo II). O mesmo artigo prevê igualmente que o proprietário deverá disponibilizar ao animal de estimação instalações, cuidados e atenção que vão ao encontro das necessidades etológicas, consoante a espécie e raça, nomeadamente, providenciando alimentação e água potável em condições e quantidade adequadas, exercício físico adequado e regular, bem como tomar medidas preventivas para evitar a fuga do animal (Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1993).

Neste sentido, o Decreto-lei 313/2003, de 17 de dezembro, classifica como essencial a identificação dos animais de estimação nos domínios sanitário, zootécnico, jurídico e humanitário, por forma a garantir a preservação da saúde pública e animal. O mesmo Decreto-Lei faz referência ao Boletim Sanitário de Cães e Gatos enquanto documento único que contenha todos os elementos de um animal, designadamente os respeitantes à

«identificação e profilaxia a que foi sujeito». Assim, prevê-se, no Decreto-Lei 421/2004, de 24 de abril, nos artigos 2.º, 3.º e 4.º, a obrigatoriedade do registo no Sistema de Identificação de Canídeos e Felinos (SICAFE), por método eletrónico (*chip* de identificação eletrónica). O registo deve ser feito entre os 3 e os 6 meses de idade. Seguidamente, deve ser requerido pelo proprietário o licenciamento dos animais de estimação, no prazo de 30 dias após a identificação, na junta de freguesia da área de residência (Ministério das Finanças, da Administração Interna, da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas e das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente, 2004). No caso de animais de raças consideradas potencialmente perigosas, a informação de registo dos mesmos existe, ainda, numa base de dados mantida na junta de freguesia da área de residência do proprietário, onde é possível aceder, pelas autoridades competentes (art. 7.º, alínea 2), Decreto-Lei 421/2004), a informações como: a identificação da espécie; a identificação completa do proprietário do animal; o local e tipo de alojamento do animal; bem como a registos de eventuais incidentes de agressão (art. 7.º, alíneas 1a), 1b), 1c), 1d), Decreto-Lei 421/2004).

Os proprietários de animais de estimação de raça considerada potencialmente perigosa são incumbidos de deveres adicionais aos anteriormente mencionados, de acordo com o Decreto-Lei 312/2003, de 17 de dezembro, tais como:

- a) o dever de especial vigilância (art. 6.º, capítulo II);
- b) medidas de segurança especiais no alojamento (art. 7.º, capítulo II), com o objetivo de impedir a fuga;
- c) a existência de uma placa de aviso visível da presença e perigosidade do animal;
- d) medidas de segurança especial de circulação, com recurso a meios de retenção adequados como uma caixa ou jaula, um açaimo funcional devidamente seguro a uma trela curta (até 1 metro de comprimento), fixada numa coleira ou peitoral (art. 8.º, capítulo II).

As raças consideradas potencialmente perigosas ficam ainda obrigadas a possuir um seguro de responsabilidade civil.

O incumprimento das medidas estabelecidas constitui uma contraordenação, punível com coima de €50,00 a €1 850,00 (art. 19.º, Decreto-Lei 313/2003). No caso de animais de raças consideradas potencialmente perigosas, a coima aplicável oscila entre os €500,00 e os € 3 740,00 (art. 17.º, capítulo II, Decreto-Lei 312/2003).

2.4.2. A questão do abandono

Até à data, não existe qualquer levantamento efetuado, referente ao número real de animais abandonados em Portugal. Tal facto deve-se, essencialmente, ao incumprimento da obrigação de identificação e registo dos animais de estimação no SICAFE (Diário de Notícias, 2015). Questões como as férias (períodos nos quais se regista um aumento exponencial dos casos de abandono de animais de estimação), as doenças graves e dispendiosas que os animais possam contrair, doença ou morte do proprietário, o divórcio de cônjuges, questões relacionadas com alojamento, nomeadamente condomínios que não aceitam animais, são as principais razões que estão na base do abandono, segundo José Pedro Salema (citado por Cardoso, 2013).

Em conformidade com os dados apresentados na figura 2.1., e de acordo com o Jornal de Notícias (2015), os dados oficiais da Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) demonstram o aumento do número de animais abandonados, na sua maioria canídeos. De acordo com a DGAV, de 2008 a 2011, o número de animais recolhidos por Centros de Recolha Oficial (CRO) duplicou, em Portugal. Entre 2012 e 2015, os números não pararam de crescer. Segundo o Jornal Público (2015), com a criminalização dos maus tratos infligidos contra animais e do abandono (Decreto-Lei 69/2014), dados da DGAV, referentes ao ano de 2016, registaram uma diminuição do número de casos de animais recolhidos pelos CRO. Comparativamente com o ano anterior, verifica-se uma regressão da tendência registada, ainda que os valores apresentados continuem excessivamente elevados.

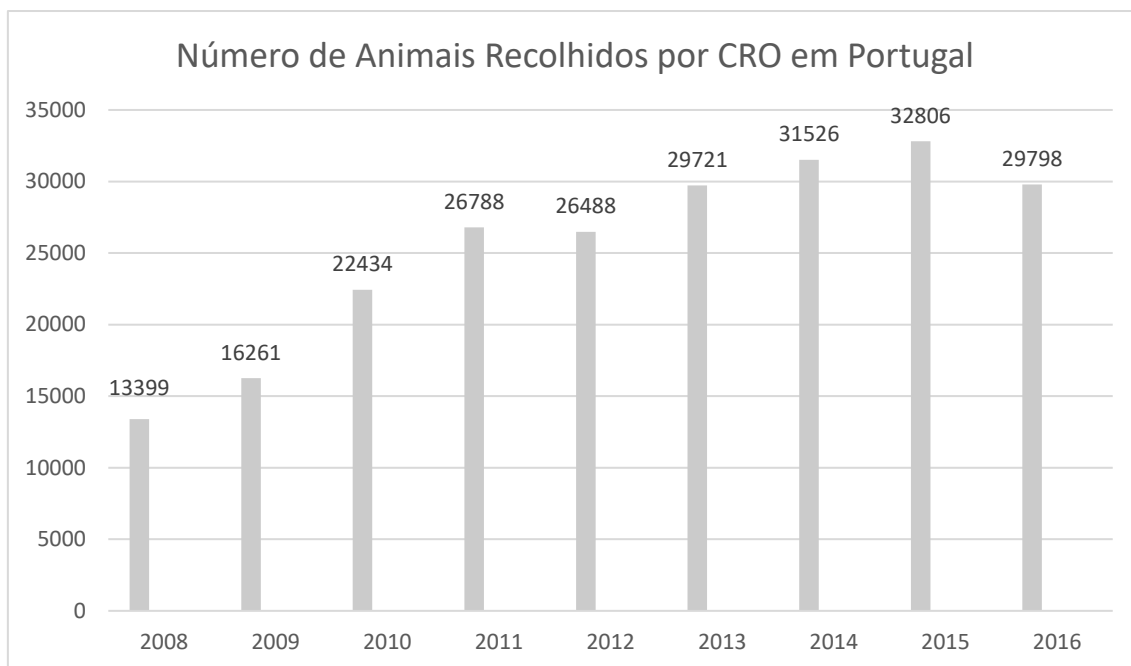


Figura 2.1. Número de animais recolhidos por Centros de Recolha Oficial (CRO) em Portugal (2008-2016).

Fonte: elaborado com base em dados oficiais da DGAV

Conclui-se, portanto, que, relativamente aos dados apresentados pela DGAV para o ano de 2008, os valores apresentados mais do que duplicam em 2016, o que demonstra que existe ainda um longo caminho a percorrer de modo a combater o flagelo do abandono de animais de estimação.

De acordo com Curb et al. (2013), uma forma eficaz para diminuir o número de casos de abandono estaria na combinação das expectativas do novo proprietário (em relação ao animal que iria adotar) com os fatores afetos à satisfação do próprio animal. Deste modo, assegurando as necessidades do animal (isto é, o que leva à sua satisfação), mais facilmente este teria um comportamento congruente com as expectativas criadas pelo proprietário. Então, combinando as personalidades do proprietário e do animal, menos casos de renúncia se proporcionariam (Curb et al., 2013). Para comprovar a sua perspetiva, o mesmo autor levou a cabo um estudo que fornece as evidências de que combinar as personalidades do proprietário e do animal pode contribuir para uma maior satisfação do proprietário (Curb et al, 2013). Posto isto, foram atribuídas pelo autor

supramencionado oito categorias de combinação de características da personalidade que estão descritas na figura 2.2.

Características da Personalidade		
Extrovertido	Versus	Introvertido
Agressivo	Versus	Covarde
Ruidoso	Versus	Silencioso
Calmo	Versus	Ansioso
Ativo	Versus	Inativo
Afetuooso	Versus	Não-afetuoso
Criativo / Curioso	Versus	Não criativo / Não curioso
Dependente	Versus	Independente

Figura 2.2. Categorias de combinação de características da personalidade.

Fonte: elaborado com base em Curb et al., 2013

Analisando a figura 2.2., pode afirmar-se, por exemplo, que um proprietário com uma personalidade tendencialmente calma não deverá adotar um animal com histórico de agressividade e ansiedade, uma vez que há maior probabilidade de que o comportamento do animal não corresponda às expectativas de uma relação tranquila entre ambos, criada, à partida, pelo proprietário, o que resultará numa situação de renúncia e nova situação de abandono.

A perspetiva de Curb et al. (2013) sugere, então, que, quando eficazmente combinados os traços da personalidade de proprietários e animais, se podem obter resultados significativamente satisfatórios no combate ao abandono, pela diminuição dos casos de renúncia por parte dos proprietários. Tal ocorre caso os proprietários percecionem uma maior satisfação relativamente às expectativas previamente criadas no que concerne à ligação que deseja estabelecer com o seu animal de estimação.

2.5. Benefícios mútuos da relação proprietário - animal de estimação

Ter um animal de estimação envolve os processos “físico, biológico, imaginário e humano” (Ellson, 2008, p. 565), o que, por conseguinte, remete para comportamentos complexos por parte dos seres humanos, considerando os animais de estimação antropomórficos (ou seja, semelhantes ao Homem) (Dotson & Hyatt, 2008). Curiosamente, os proprietários de cães são mais propensos a antropomorfizar os seus animais de estimação do que os proprietários de gatos (Szasz, 1968, citado por Dotson & Hyatt, 2008). O enquadramento antropomórfico, por sua vez, permite fortalecer o vínculo entre proprietário e animal. A relação entre ambos irá variar consoante os valores e expectativas do proprietário, embora seja expectável que os animais adotem os valores transmitidos pelo proprietário e se comportem de acordo com as expectativas deste, acatando restrições (sejam elas protetoras ou punitivas) e exigências impostas pela família de acolhimento (Ellson, 2008). A relação criada entre proprietário e animal de estimação pode ser afetada por diversos fatores, nomeadamente, as características do proprietário, as rotinas diárias de ambos, e ainda pelas características do próprio animal (Meyer & Forkman, 2014). Segundo Brady e Palmeri (2007), citados por Dotson et al. (2010), o cão é capaz de compreender cerca de 160 palavras e gestos, tornando o seu nível de inteligência aproximadamente equivalente ao de uma criança de dois anos de idade.

Meyer e Forkman, (2014) apontam alguns fatores que poderão influenciar os laços criados entre proprietários e animais, tais como a idade e o comportamento. Aplicando as afirmações anteriores a um exemplo prático, um comportamento problemático ou indesejado irá conduzir a uma relação menos afetuosa entre o proprietário e o animal, aumentando, por conseguinte, o risco de abandono (Patronek et al., 1996; Kwan & Bain, 2013). O cenário inverso, ou seja, um comportamento obediente que corresponda às expectativas do proprietário, possibilita o fortalecimento dos laços entre ambos. King et al. (2009), defendem que, em regra geral, as pessoas preferem um cão calmo, complacente, fiel e não agressivo. Então, pode com isto concluir-se que, do mesmo modo que as características da personalidade do proprietário influenciam a sua relação com o animal de estimação, também a personalidade do animal é suscetível de ter influência nessa mesma relação (Meyer & Forkman, 2014).

Segundo Belk (1996), citado por Ellson (2008), uma vez que os animais de estimação estejam integrados no quotidiano e nas atividades familiares, acabam por ajustar o seu

comportamento aos padrões estipulados pelos seus proprietários, o que, de acordo com Ellson (2008), se pode traduzir numa expressão de idealismo, na percepção do estilo de vida do proprietário ou ainda no estatuto social a que o proprietário deseja pertencer (Dotson & Hyatt, 2008). Elson (2008) destaca o encorajamento, o perdão e a lealdade enquanto sentimentos reconhecíveis pelos proprietários dos animais de estimação.

Pode, portanto, concluir-se que a natureza da relação existente entre animais de estimação e proprietários é relevante para o bem-estar de ambos. Em suma, ter um animal de estimação representa um intercâmbio mútuo entre o proprietário e o animal. Na perspetiva de Lynch e McCarthy (1969), de Lynch et al. (1974), de Sato et al. (1993), de Odendaal e Lehmann (2000), citados por Marinelli et al. (2007, p. 144) “a interação homem-animal beneficia tanto animais como pessoas”. Esta perspetiva é também defendida por Dotson e Hyatt (2008). A interação, por seu turno, engloba inúmeros benefícios e desafios, mas constitui quase sempre uma experiência gratificante (Ellson, 2008).

2.5.1. Vantagens e desafios de ter um animal de estimação

A decisão de ter ou não um animal de estimação carece de grande ponderação, pois deve ser uma escolha feita de forma consciente. Ter um animal de estimação traz inúmeros benefícios e vantagens nas mais diversas dimensões da vida do proprietário. No entanto, podem existir desafios ou desvantagens das quais é imprescindível estar consciente e com as quais é necessário saber lidar.

Dotson e Hyatt (2008), agrupam as dimensões da relação proprietário – animal de estimação em: relação simbiótica (entenda-se o vínculo afetivo criado entre o proprietário e o animal); autoconceito de orientação canina (ou seja, a importância que o animal tem no autoconceito humano e social); antropomorfismo (idolatria do proprietário); níveis de atividade; limites; compras; e disposição para se adaptar (ver tabela 2.2). Estas dimensões, no seu todo, traduzem-se nos benefícios de ser proprietário de animais de estimação. Pressupõe-se que, quanto melhor forem satisfeitas as dimensões apresentadas, melhor será a ligação criada entre o proprietário e o animal e, por conseguinte, mais benéfica será a relação para ambos.

Tabela 2.2. Dimensões da relação proprietário – animal de estimação

<i>Dimensões da relação proprietário - animal de estimação</i>	Relação simbiótica
	Autoconceito de orientação canina
	Antropomorfismo
	Níveis de atividade
	Limites
	Compras
	Disposição para se adaptar

Fonte: elaborado com base em Dotson & Hyatt, 2008

A razão mais comumente apontada como motivação principal para ter um animal de estimação é o companheirismo (Meyer & Forkman, 2014). Dotson e Hyatt (2008), incluem o companheirismo, assim como outras vantagens, naquilo a que designam relação simbiótica. Os benefícios advindos da relação simbiótica entre proprietário e animal de estimação são, para o proprietário, uma maior sensação de felicidade, a diminuição dos níveis de stress, o companheirismo, uma maior sensação de segurança e de tranquilidade. Para o animal, os benefícios prendem-se com a disponibilização de alimentação, cuidados de saúde física e psicológica e conforto (Dotson & Hyatt, 2008). Em suma, a relação simbiótica advém do envolvimento emocional e afetivo entre proprietário e animal de estimação e traduz-se na sensação de bem-estar percebido destes.

Num estudo desenvolvido por Dotson e Hyatt (2008) é feita referência à projeção da autoidentidade do proprietário no animal de estimação, como extensão do ego e do ideal de melhor amigo do ser humano. O autoconceito de orientação canina, desenvolvido por Dotson e Hyatt (2008), é uma conceção holística e profunda, segundo a qual quem tem animais de estimação é mais suscetível de considerar o(s) animal(is) como parte integrante da sua vida e de despende tempo com outros proprietários de animais de estimação e com eles conseguir um melhor relacionamento, do que com outras pessoas em geral. O animal, mais propriamente o cão, atua nas funções de sociabilidade (facilita a interação interpessoal), projeção (extensão simbólica do eu social) e substituição (permite que o animal seja um substituto do companheirismo humano) (Dotson et al., 2010).

Neste sentido, o animal de estimação é entendido como parte integrante da família e tende a ser antropomorfizado e, portanto, encarado mais como pessoa do que como animal. Assim, o proprietário dispõe da oportunidade de aprender mais com e sobre o animal, a partir do seu maior interesse pelo seu bem-estar e pelas questões a ele relacionadas (Dotson & Hyatt, 2008).

Ser proprietário de um ou mais animais de estimação traz também como vantagem o aumento dos níveis de atividade, uma vez que o proprietário tende a tornar-se fisicamente mais ativo. Esta dimensão produz benefícios na saúde dos proprietários, tanto a nível físico (pelo aumento da frequência de exercício físico), como psicológico (por proporcionar uma sensação de jovialidade). É nesta dimensão que se inserem as brincadeiras com os animais, os passeios em parques, os trilhos ou as caminhadas e a inclusão dos animais nas férias (Dotson & Hyatt, 2008).

Um estudo levado a cabo por Dotson e Hyatt (2003) descreve o comportamento dos proprietários de animais de estimação, nomeadamente quanto à adequação do comportamento do animal no funcionamento do agregado familiar, não sendo impostos limites. O mesmo estudo comprovou que, quando são impostos menos limites, o proprietário e o animal tendem a estar emocionalmente mais envolvidos, mas podem verificar-se menos condições de higiene (estando a habitação menos organizada e limpa). A título exemplificativo, a imposição de menos limites permite que os animais partilhem a cama com os proprietários ou que estejam autorizados a permanecer sobre o mobiliário.

Todas as dimensões anteriormente mencionadas têm ligação com a dimensão compras, na medida em que, se existem maiores laços afetivos entre proprietário e animal de estimação, haverá maior predisposição da parte do proprietário para adquirir produtos para os animais. Em suma, a ligação afetiva proprietário-animal pode influenciar o comportamento de compra do proprietário. As compras podem ser feitas por diferentes vias, como *online*, por catálogos, em lojas físicas, sendo adquiridos produtos tais como alimentos de marcas conceituadas, itens de luxo ou viagens, por exemplo (Dotson & Hyatt, 2008). Assim, é desencadeado um maior envolvimento com os produtos, proveniente de níveis mais elevados de envolvimento afetivo com o animal de estimação.

Associada à alteração dos padrões de consumo (nomeadamente no que concerne à compra de produtos ou suprimentos médicos) está a capacidade de adaptação do

proprietário que, para acomodar o animal, se dispõe, em muitos casos, a alterar também os seus padrões de vida, nomeadamente o espaço físico da habitação ou o veículo automóvel que possui (Dotson & Hyatt, 2008).

Em suma, a inclusão de um animal na habitação e na vida familiar reflete uma mudança significativa no estilo de vida.

Contudo, ter um ou mais animais de estimação tem também contrapartidas. O *blog Animal Freedom* (http://animalfreedom.org/english/opinion/pets/drawbacks_for_humans.html) enumera como desvantagens o fator responsabilidade, o fator tempo, os períodos de férias, o fator educação, as limitações sociais, as questões monetárias e os sentimentos negativos. Os fatores responsabilidade e tempo referem-se às necessidades do animal (alimentação, cuidados, atenção, passeios, brincadeiras, entre outros) que inevitavelmente alteram as rotinas diárias do proprietário. A alusão aos períodos de férias pressupõe que o proprietário opte entre viajar na companhia do animal de estimação ou procurar um local para o deixar durante a sua ausência (seja aos cuidados de alguém conhecido ou em alojamentos criados para o efeito como é o caso dos hotéis para animais). O fator educação remete para a possibilidade de o animal desenvolver problemas comportamentais e, nesse caso, será necessário recorrer a profissionais especializados, por forma a evitar comportamentos desapropriados ou, num cenário agravado, agressivos. As limitações sociais associadas aos animais de estimação ocorrem devido à restrição da presença de animais em locais públicos como lojas, cafés, restaurantes, serviços e transportes públicos, por exemplo. As questões monetárias inerentes à posse do animal de estimação podem funcionar como um constrangimento, pois é possível que envolvam elevadas quantias, distribuídas entre alimentação, outros produtos, cuidados médicos, impostos, entre outros. Assim como as pessoas, também os animais podem necessitar de cuidados durante o seu tempo de vida, por doença ou acidente, por exemplo. Nesse sentido, o proprietário pode experimentar sentimentos negativos, o que é entendido como uma desvantagem no momento de decidir ter ou não um animal de estimação.

A título conclusivo, as dimensões anteriormente mencionadas refletem os benefícios de ter animais para os seres humanos e, numa visão holística e abrangente, o que significa incluir um animal no ambiente familiar (Dotson & Hyatt, 2008). As desvantagens responsabilidade, tempo e limitações sociais podem simultaneamente ser minimizadas

pelos benefícios/vantagens, pois o retorno obtido do envolvimento emocional entre proprietário e animal de estimação pode, dependendo da perspectiva que se adote, compensar os pontos menos agradáveis da incorporação do animal no contexto familiar. Quanto às restantes desvantagens, devem ser conscientemente medidas e ponderadas, a fim de evitar consequências graves, como por exemplo, o abandono do animal.

2.5.2. Benefícios da inclusão no seio familiar para o animal

Um dos fatores cruciais para a inclusão de um animal no seio familiar é o comportamento. Este fator pode determinar, entre outros aspetos, a intensidade do vínculo emocional criado entre o proprietário e o animal e a inclusão ou exclusão (que pode resultar em maus tratos, negligência ou abandono) do animal do ambiente familiar.

As características da personalidade do animal definem o comportamento deste. Entende-se, portanto, em termos práticos, a personalidade como conjuntos correlacionados de comportamentos (Fratkin et al., 2013). Com a tomada de decisão de ter um animal de estimação, os proprietários criam a expectativa de que o animal possua características de personalidade que se adequem ao seu estilo de vida e que mantenha comportamentos em conformidade com os momentos e situações. Quando as percepções dos proprietários, decorrentes da observação e interação com o animal no meio familiar (Fratkin et al., 2013), ficam aquém das expectativas, é possível que, em última instância, ocorram situações de abandono. Se se cumprirem as expectativas, é provável que se crie um forte vínculo afetivo entre o proprietário e o animal e que o segundo esteja perfeitamente introduzido no seio familiar. Pressupondo que se cumpre o cenário mais feliz para ambas as partes, estabelece-se, conforme referido na secção 2.4.1., uma relação simbiótica que resulta, de entre outros aspetos, no companheirismo. Pettijohn et al. (1977); Tuber et al. (1996), citados por Marinelli et al. (2007), salientam a mais-valia da relação proprietário-animal na redução dos efeitos causados pela novidade e pela ameaça nos animais, afirmando, inclusive, que o companheirismo entre proprietário e animal de estimação apresenta resultados mais efetivos do que o companheirismo entre animais. Marinelli et al. (2007) destaca os aspetos fisiológicos e os aspetos endocrinológicos, enquanto efeitos positivos do vínculo proprietário-animal de estimação.

Contudo, o comportamento adotado pelos animais de estimação depende diretamente da atitude do proprietário e da forma de tratamento levada a cabo por este. Marinelli et al. (2007), defendem que a forma de tratamento adotada pelo proprietário em relação ao seu animal de estimação está diretamente relacionada com fatores culturais, demográficos, atributos físicos do próprio animal e traços da personalidade do mesmo. Acrescenta, ainda, que a conduta comportamental do proprietário se deve ao sistema comportamental dos seus pais, mais propriamente à repetição do ambiente familiar em que foi educado. Neste contexto, a maior parte dos animais de estimação são encarados como membros da família e equiparados a crianças, o que nem sempre representa resultados positivos nos comportamentos caninos, na medida em que, conforme referido no capítulo 2.4.1., tendem a ser impostos menos limites, decorrentes de um maior vínculo emocional estabelecido entre proprietário e animal de estimação.

Segundo o website Ambitur (<http://www.ambitur.pt/59-dos-portugueses-consideram-os-animais-parte-da-familia>), 59% dos portugueses que têm animais de estimação consideram-nos parte integrante do agregado familiar.

2.5.3. Valia do animal de estimação na saúde humana

Os animais de estimação desempenham um papel importante na promoção da saúde humana. Segundo Friedmann (1990), citado por Kirillova et al. (2015) estes são uma mais-valia tanto para a saúde física como para a saúde psicológica. A saúde física é promovida uma vez que animais e proprietários tendem a participar mais regularmente em atividades ao ar livre, ou seja, a praticar mais exercício físico, o que se relaciona diretamente com a diminuição da frequência cardíaca e da pressão arterial (Kirillova et al., 2015), com a redução do risco de acidente vascular cerebral (AVC) e, de acordo com Carr e Cohen (2009), resulta na diminuição das visitas ao médico e a unidades hospitalares. Ao nível da saúde psicológica Kirillova et al. (2015) apontam benefícios nomeadamente ao nível da redução da ansiedade, no combate à solidão e à depressão decorrentes do aumento da socialização, uma vez que os animais de estimação desempenham o papel de facilitador social (Carr & Cohen, 2009). Dotson e Hyatt (2008) acrescentam que a inter-relação proprietário – animal de estimação contribui para o incremento da sensação de felicidade, redução dos níveis de stress, uma maior sensação de segurança e de tranquilidade.

Assim, conclui-se que os animais de estimação trazem inúmeros benefícios para a saúde humana, sendo, portanto, uma mais-valia para a saúde física e psicológica dos seus proprietários.

2.6. Conclusão

Com o capítulo 2 concluiu-se que os animais de estimação, como seres vivos dotados de sentimentos, devem ser integrados no seio familiar pelo Homem, que tem o dever de cuidar e zelar pelo bem-estar dos animais em geral e, em particular, nos que no seio da sua família inclua. A nível legislativo, a Constituição da República Portuguesa dispõe de decretos-lei que visam a proteção dos direitos dos animais e penalizam aqueles que entram em incumprimento da legislação promulgada.

Neste capítulo foi estudada ainda a questão do abandono de animais de estimação. Os dados obtidos mostraram uma realidade indesejável, apesar de se ter assistido a um aumento da facilidade de acesso à informação e das formas já criadas para minimizar o abandono, como a sensibilização dos proprietários, a criação de infraestruturas como os hotéis e a oferta turística *pet-friendly*, por exemplo.

Os animais de estimação são, cada vez mais, entendidos pelos seus proprietários como membros da família, o que alterou, ao longo dos anos, a ligação proprietário-animal de estimação, intensificando-a e levando a que houvesse uma melhor compreensão das necessidades dos animais e, por conseguinte, satisfazendo-as de forma mais adequada, com vista a aumentar o bem-estar destes. O vínculo afetivo proprietário – animal de estimação traz benefícios para ambos quer ao nível psicológico, quer para a saúde, o que lhes permite experimentar maiores índices de felicidade e, consequentemente, uma maior sensação de bem-estar.

Capítulo 3 – Viagens turísticas na companhia de animais de estimação

3.1. Introdução

O capítulo 3 aborda a temática das viagens com animais de estimação, as vantagens de os proprietários se fazerem acompanhar dos seus animais nas viagens turísticas que realizam e os constrangimentos por eles sentidos desde o momento do planeamento até à finalização da viagem. Neste capítulo é também relacionado o aumento/diminuição do abandono animal com a oferta turística *pet-friendly* existente. No que respeita ao bem-estar de turistas e animais de estimação, procura-se compreender os benefícios que as viagens com animais de estimação têm no aumento da sensação de bem-estar dos turistas e ainda os benefícios das viagens no comportamento dos animais de estimação.

3.2. Viagens turísticas na companhia de animais de estimação

Existem diversas espécies animais domesticadas pelo ser humano. Mais comumente, os animais de estimação são canídeos ou felinos. É comum que os proprietários de animais de estimação viagem na companhia dos seus animais. Além disso, segundo Carr (2014) estes esperam que o seu animal de estimação seja tratado como um membro da família, tanto no alojamento turístico, como em restaurantes ou cafés e ainda que não seja totalmente impedido de entrar em lojas e atrações turísticas. Ainda assim, os proprietários devem estar conscientes de que a realização de viagens na companhia de animais requer um planeamento adequado, sobre o destino, o meio de transporte a utilizar, o alojamento, entre outros aspetos.

As viagens turísticas na companhia de animais de estimação apresentam vantagens e desvantagens. Pode ser uma experiência recompensante e relaxante (Leggat & Speare, 2000), que potencia um nível de aprendizagem exponencial ao turista, mas, simultaneamente, é possível que o viajante sinta constrangimentos antes, durante e, inclusive, após a realização da mesma.

De acordo com um estudo desenvolvido pela *HomeAway*, com o objetivo de compreender os hábitos de férias dos viajantes que são proprietários de animais de estimação, e publicado no *website Ambitur* (<http://www.ambitur.pt/59-dos-portugueses->

consideram-os-animais-parte-da-familia/],), ao nível europeu, cerca de 26% dos proprietários inquiridos elege o destino de férias mediante a possibilidade de se fazer acompanhar pelo animal de estimação. Em Portugal, a percentagem sobe para 37%. O mesmo estudo indicou que 17% dos europeus proprietários de animais de estimação não consegue disfrutar as suas férias sem se fazer acompanhar do seu animal de estimação. São os proprietários com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, seguidos dos sénios (maiores de 65 anos), aqueles que sentem um maior sentimento de culpa por não viajar com os seus animais, sendo também o grupo etário mais propenso a cancelar as suas viagens pelo mesmo motivo. O mesmo estudo relevou, ainda, que atualmente existem 270 000 alojamentos na Europa que permitem animais de estimação. O estudo supramencionado revelou, ainda, que o alojamento ideal para, segundo os inquiridos, um proprietário ficar acomodado na companhia do seu animal de estimação é aquele que detenha um jardim vedado, amplos espaços abertos e fáceis acessos a espaços verdes.

As razões para viajar acompanhado do respetivo animal de estimação, em conformidade com a perspetiva defendida por Leggat e Speare (2000), podem incluir motivações de ordem emocional, económica, questões de saúde veterinária ou até mesmo questões relacionadas com a genética do animal. As razões emocionais, por norma, remetem para a importância da coesão familiar. Sendo o animal considerado parte integrante do agregado familiar e percecionado como membro do agregado familiar, deve ser incluído na viagem turística que a família pretenda efetuar. A nível económico, a opção de fazer-se acompanhar pelo animal de estimação está relacionada com os valores adicionais cobrados pelos hotéis para animais ou outras instituições que alberguem animais. A nível sanitário, existem casos em que os animais viajam na companhia dos seus proprietários por necessitarem de cuidados médicos que não se encontrem disponíveis na sua área de residência. De acordo com Leggat e Speare (2000), os animais insalubres podem constituir um grupo de risco elevado entre os animais que viajam. As viagens realizadas por questões genéticas costumam ocorrer com animais de raças puras, pois, por uma questão de *Pedigree*, são realizadas viagens por forma a contribuir para a manutenção da linhagem da raça em questão.

Segundo Dann (1981), citado por Dotson et al. (2010) é possível segmentar os viajantes segundo as suas motivações, distinguindo dois tipos de abordagens: fatores *push* e fatores *pull*. As motivações *push* referem-se às questões intrínsecas ao viajante. As motivações *pull*, por seu turno, decorrem das características de um determinado destino

e da capacidade de atratividade deste, mediante características como as praias, os alojamentos, os aspetos culturais, entre outros, que fará o viajante eleger-lo como seu destino para determinada viagem.

São os aspetos diferenciadores aqueles que atrairão segmentos específicos, no qual se inserem os turistas que viajam na companhia dos seus animais de estimação. A oferta disponível para este segmento varia desde estabelecimentos de baixos custos, que disponibilizam serviços proporcionais ao preço que cobram e, por isso, limitados, até a estabelecimentos de luxo, cujos custos são, naturalmente, muito superiores, sendo os serviços prestados aos clientes também eles mais diversificados e de qualidade superior (Dotson et al., 2010).

Atualmente, um número crescente de estabelecimentos permite e acomoda animais de estimação de forma gratuita e fornece, ainda, condições especiais como camas para os animais, dispensadores de água, petiscos *gourmet*, assim como disponibilizam informações úteis, tais como parques, veterinários ou lojas de animais nas proximidades, no momento de boas-vindas (Carr & Cohen, 2009; Dotson et al., 2010).

A indústria turística dispõe de diferentes meios de alojamento, direcionados a diferentes tipos de turistas. Na perspetiva de Dotson et al. (2010) os turistas que viajam acompanhados dos seus animais de estimação apresentam diversas características sociodemográficas e, normalmente, selecionam os meios especializados que tenham ao seu dispor, por forma a satisfazer as suas necessidades. O segmento turístico em estudo, por norma, procura maioritariamente os tipos de turismo rural e de bem-estar (Dotson et al., 2010). O primeiro por oferecer atividades ao ar livre, bem como sensações de paz e tranquilidade, o segundo por providenciar tratamentos de saúde e beleza. Frohlich (2002), citado por Carr e Cohen (2009) defende que este segmento turístico é muito lucrativo, em termos das despesas que realiza no destino.

Relativamente ao planeamento da viagem, é útil que o turista procure informação sobre tópicos relacionados com viagens na companhia de animais, de modo a obter esclarecimentos sobre as questões essenciais inerentes à viagem e aos serviços de que possa dispor. Por forma a obter auxílio no planeamento da viagem na companhia do seu animal de estimação, o turista deve procurar informação junto das entidades competentes, como agências de viagens ou outros. A título exemplificativo, destaca-se o papel do

website PetTravel.com (http://www.pettravel.com/history_pet_travel.cfm), cuja finalidade consiste em disponibilizar informações úteis aos viajantes que pretendam fazer-se acompanhar dos seus animais de estimação, tais como informações relativas ao alojamento, meios de transporte, documentos necessários, entre outras. Em suma, o *website* supramencionado contém informação sobre os tópicos essenciais para que a viagem ocorra em conformidade com as disposições legais. Desde o ano de 2003, quando a União Europeia adotou novas regras relativas à viagem de animais, tornou-se mais fácil a realização da viagem. Com isto, o mundo tornou-se um lugar mais “*pet-friendly*” (PetTravel.com, 2017).

Antes de efetuar a viagem, os proprietários de animais de estimação devem consultar o veterinário por forma a verificar as condições de saúde do animal, quer para garantir o bem-estar deste no decorrer da viagem, quer para assegurar que não existirá a possibilidade de contágio de qualquer doença a terceiros. Para que o animal esteja apto a realizar a viagem deverá ser sujeito aos exames necessários e a imunização, e deverá, também, dispor de seguro de saúde e de viagem (Leggat & Speare, 2000).

Outra questão relevante que deverá ser tratada pelo viajante está relacionada com o meio de transporte a utilizar. Se a preferência recair sobre as companhias aéreas, é a *International Air Transport Association* (IATA) o organismo que regulamenta as viagens aéreas. Há a necessidade de efetuar reservas, bem como de informar a pretensão de transportar um animal. A maior parte das companhias aéreas permite o transporte de animais, no entanto, estes devem ter idade igual ou superior a oito semanas, estando totalmente desmamados, para serem elegíveis a realizar a viagem por meio aéreo (Leggat & Speare, 2000). Ressalte-se, ainda, que devem ser cumpridos os pressupostos do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia (tabelas 3.1. e 3.2.), nomeadamente, quanto ao número máximo de animais que um proprietário pode transportar (art. 5º, capítulo I, Regulamento 576/2013), vacinação (art. 10º, secção 1, capítulo III, Regulamento 576/2013), sistema eletrónico de identificação (*Transponder*) (art. 17º, secção 1, capítulo IV, Regulamento 576/2013) e passaporte (art. 26º, secção 2, capítulo V, Regulamento 576/2013), para que a viagem seja realizada.

Tabela 3.1. Regulamento (UE) 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia

<i>Principais disposições do Regulamento (UE) 576 de 12 de junho de 2013</i>	
<i>Artigo 5º</i>	<ol style="list-style-type: none">1. O número máximo de animais de companhia (cães e gatos) que podem acompanhar o proprietário ou uma pessoa autorizada durante uma única deslocação não comercial não deve ser superior a cinco.2. Em derrogação do nº 1, o número máximo de animais de companhia (cães e gatos) pode ser superior a cinco se estiverem preenchidas as seguintes condições:<ul style="list-style-type: none">○ A circulação sem carácter comercial de animais de companhia destina-se a participar em concursos, exposições ou manifestações desportivas ou na formação de tais eventos;○ O proprietário ou a pessoa autorizada apresente uma prova escrita de que os animais de companhia são matriculados para assistir a eventos ou com uma associação que organiza tais eventos;○ Os animais de estimação têm mais de seis meses de idade.3. Os Estados-Membros podem efetuar controlos normalizados por amostragem para verificar se as informações apresentadas estão corretas.4. Se o número máximo de animais de companhia referido no nº 1 for ultrapassado e se as condições referidas no nº 2 não forem satisfeitas, esses animais de companhia devem satisfazer as exigências de polícia sanitária estabelecidas na Diretiva 92/65 / CEE para a espécie. Os Estados-Membros assegurarão que esses animais sejam submetidos aos controlos veterinários previstos nas Diretivas 90/425 / CEE ou 91/496 / CEE, consoante o caso.
<i>Artigo 6º</i>	<p>Os animais de companhia das espécies cães e gatos apenas podem ser viajar caso preencham as seguintes condições:</p> <ul style="list-style-type: none">○ Sistema Eletrónico de Identificação;○ Tenham recebido vacinação antirrábica;○ Cumpram todas as medidas preventivas de saúde relativas a doenças ou infeções diferentes da raiva;○ Estejam acompanhados de um documento de identificação devidamente preenchido e emitido nos termos do artigo 22.º.

Fonte: elaborado com base no Regulamento (UE) 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia

Tabela 3.2. Regulamento (UE) 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia (continuação)

Principais disposições do Regulamento (UE) 576 de 12 de junho de 2013

<i>Artigo 10º</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os animais de companhia (cães e gatos) não podem viajar, a menos que preencham as seguintes condições: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sistema Eletrónico de Identificação; ○ Tenham recebido vacinação antirrábica que cumpra os requisitos de validade; ○ Tenham sido submetidos a um teste de titulação de anticorpos contra a raiva; ○ Cumpram todas as medidas preventivas de saúde relativas a doenças ou infeções diferentes da raiva; ○ São acompanhados de um documento de identificação devidamente preenchido e emitido nos termos do artigo 26.º. 2. Os animais de companhia só podem ser introduzidos num Estado-Membro a partir de um território ou de um país terceiro que não os enumerados nos termos do n.º 1 do artigo 13.º, nos termos do n.º 3 do artigo 34º. 3. Em derrogação do n.º 2, os Estados-Membros podem autorizar os cães militares ou de busca e salvamento registados a circularem por um ponto de entrada que não seja o ponto de entrada de um passageiro, desde que: <ul style="list-style-type: none"> ○ O proprietário ou pessoa autorizada tenha solicitado antecipadamente uma autorização e o Estado-Membro tenha concedido essa autorização; ○ Os cães são submetidos a controlos de conformidade num local designado pela autoridade competente para o efeito e de acordo com as modalidades previstas na autorização referida na alínea anterior.
<i>Artigo 17º</i>	<p>1. Os animais de companhia (cães e gatos) devem ser marcados pela implantação de um <i>transponder</i> ou por uma tatuagem claramente legível aplicada antes de 3 de julho de 2011.</p> <p>Se o <i>transponder</i> referido no primeiro parágrafo não cumprir os requisitos técnicos, o proprietário ou a pessoa autorizada fornecerá os meios necessários para a leitura desse <i>transponder</i> aquando de qualquer verificação da marcação, bem como os controlos de identidade;</p>
<i>Artigo 26º</i>	<p>O documento de identificação deve ser emitido por um veterinário oficial do território ou país terceiro de expedição com base em documentos comprovativos ou por um veterinário autorizado e subsequentemente endossado pela autoridade competente. Autoridade do território ou país terceiro de expedição, após o veterinário emissor:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Ter verificado que o animal de companhia é marcado; ○ Ter preenchido devidamente as menções relevantes do documento de identificação, certificando assim o cumprimento das condições estabelecidas no artigo 10.º.

Fonte: elaborado com base no Regulamento (UE) 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia

A legislação existente que regulamenta a viagem do animal de estimação visa, antes de mais, a proteção do bem-estar deste (Leggat & Speare, 2000). Assim, é importante que o viajante procure cumprir a legislação em vigor – por exemplo, a IATA estipula o tipo de caixas em que os animais devem ser transportados por via aérea, para que estes não possam, de modo algum, constituir um perigo quer para si próprios, quer para os restantes passageiros e para a tripulação. Em 2006, a IATA adotou medidas de proteção dos animais transportados no porão dos aviões. A partir do ano de 2008, as regras de transporte de animais por via aérea sofreram alterações, acabando por ser claramente definidas e, deste modo, o proprietário que deseje fazer-se acompanhar pelo seu animal de estimação possa, assim, garantir a segurança do animal e compatibilizar a viagem com as disposições da companhia aérea (PetTravel.com, 2017).

Caso a preferência do meio de transporte recaia sobre o barco, na Europa existem diversos *ferries* que permitem a viagem de turistas e respetivos animais de estimação. De acordo com o *website PetTravel.com* (2017), o navio cruzeiro *Mary Queen II* é o único da sua categoria que permite o transporte de animais em viagens de longa duração. Contudo, não são permitidas todas as raças de canídeos. O *Mary Queen II* impede o transporte de animais das raças Afghan, Curly Coated Retriever, Bloodhound, Gordon Setter, Borzoi (Russian Wolfhound), Great Dane, Briard, Greyhound, Irish Wolfhound, Irish Setter, Mastiff, Deerhound, New Foundland, Doberman, Pyrenees, St. Bernard, Saluki, Weimaraner, Bull Mastiff e Malamute (PetTravel.com, 2017). Também neste tipo de meio de transporte é necessário fazer-se acompanhar dos documentos do animal e transportá-lo em caixas de transporte próprias que cumpram todos os requisitos exigidos.

Para viajar de comboio, segundo o *website PetTravel.com* (2017), diversos países da Europa permitem o transporte de animais, exigindo que os mesmos efetuem a viagem na respetiva caixa de transporte ou com um açaimo. Contudo, diversas entidades têm restrições de peso e tamanho do animal e, em alguns casos, é cobrada uma tarifa pelo seu transporte.

Na viagem de carro, os cuidados a ter não diferem muito dos anteriormente mencionados para os restantes meios de transporte. É necessário verificar as condições de saúde do animal, efetuar desparasitações, devem viajar com cinto de segurança adaptado a um peitoral ou numa caixa de transporte (PetTravel.com, 2017). De todos os

meios de transporte referidos, o automóvel é aquele que confere maior liberdade e autonomia para viajar com o animal de estimação.

Num estudo levado a cabo por Dotson et al. (2010) o automóvel é o principal meio de transporte quando se viaja com um animal de estimação (76%), seguido de veículo de recreio, ou seja, autocaravanas (10%) e meio de transporte aéreo (6%), sendo este aquele ao qual é dada menor preferência.

Também o alojamento é outro dos aspetos da viagem que é fundamental ser planeado. O viajante que pretenda fazer-se acompanhar pelo seu animal de estimação deverá verificar se o alojamento em que pretende ficar hospedado aceita animais de estimação. Atualmente, um crescente número de estabelecimentos permite animais de estimação, contudo, no momento da reserva, o hóspede deverá informar que estará acompanhado por um animal (ou mais) durante a sua estadia no destino.

Leggat e Speare (2000), fazem referência à importante questão da não aceitação de animais em alguns estabelecimentos turísticos. Por vezes, a intolerância à presença de animais relaciona-se com a legislação existente referente à saúde pública do destino, que impede os alojamentos de aceitarem animais.

Partindo de outra perspetiva, Carr (2016) baseia-se na posição central ocupada pelo animal de estimação no seio do agregado familiar, o que se traduz no aumento do número de animais de estimação que acompanham a família nas viagens turísticas. O mesmo autor acrescenta que já existem unidades de alojamento turístico que permitem que os animais partilhem o quarto com o seu proprietário; algumas providenciam serviços *petfriendly*, em que disponibilizam bebidas, alimentação e serviços especializados para os animais.

A perspetiva defendida pelo autor supracitado permite concluir que o sistema turístico se modifica de forma reativa à procura perceptível dos consumidores e não de forma pró-ativa (Carr, 2016), ou seja, adapta a oferta às necessidades percebidas do lado da procura. Segundo o *website PetTravel.com* (2017), uma pesquisa levada a cabo pela *Starwood*, concluiu que 76% dos proprietários de animais de estimação inquiridos seriam mais leais a um estabelecimento/cadeira hoteleiro/a que permita animais de estimação, mesmo que estes não estejam acompanhados do respetivo animal de estimação numa dada viagem em particular. A mesma pesquisa acrescenta que, nas condições anteriormente referidas, os viajantes se encontram mais predispostos a alargar a duração da estadia, a visitar o destino escolhendo o mesmo alojamento e a recomendá-lo aos seus conhecidos. Os

gestores turísticos começam a compreender que as despesas extraordinárias de que o estabelecimento tem de despendar (exemplos: menus próprios para animais, brinquedos, camas, serviços de beleza, atividades) para acomodar animais com condições de excelência são compensadas pelo valor de retorno que obtêm, pois conseguem a fidelização do turista, uma vez que este tem maior predisposição a voltar a eleger um estabelecimento de alojamento com o qual ficou satisfeito, quer pelo tratamento que o próprio recebeu, quer pela forma de tratamento dada ao seu animal de estimação (PetTravel.com, 2017).

Num estudo levado a cabo por Carr e Cohen (2009) a maior parte dos motivos apresentados pelos inquiridos para explicar o seu desejo para fazer viagens de lazer com os seus animais de estimação prendem-se com a sensação de uma experiência mais proveitosa. Apenas 25,7% dos inquiridos afirmaram fazer-se sempre acompanhar do seu animal de estimação. Verificaram uma maior propensão por parte de inquiridos solteiros, em detrimento de casados ou em união de facto, de viajarem com o seu animal de estimação. No mesmo estudo, é de salientar a dificuldade associada à acomodação turística para animais, sendo mais difícil encontrar alojamentos em zonas urbanas do que em zonas rurais (Carr & Cohen, 2009). Grande parte dos inquiridos declarou ser extremamente complexo localizar alojamentos turísticos de luxo que permitam animais.

A principal dificuldade de encontrar estabelecimentos turísticos que permitam a acomodação de animais é potencialmente exacerbada pela falta de informação. Apenas uma percentagem relativamente pequena dos inquiridos classificou as agências de viagens, os centros de informação turística, a televisão, a rádio, os jornais e revistas como fontes «muito úteis» de informação sobre tipos de alojamento turístico que recebam animais. As duas fontes de informação mais úteis relativamente ao alojamento que permite acomodar animais de estimação, de acordo com os inquiridos, são a Internet e os amigos. Na Internet estão disponíveis informações sobre novas unidades de alojamento e destinos a serem explorados, o que pode facilitar a realização de viagens dos proprietários na companhia dos seus animais de estimação. De acordo o estudo elaborado por Carr e Cohen (2009), 82,9 % dos inquiridos afirmou ter de comprometer as suas escolhas, tanto em termos de transporte, como em termos do destino ou do alojamento, a fim de poder ser acompanhado pelo seu animal de estimação.

O mesmo estudo acrescenta, na perspectiva da indústria turística, que 41,9% dos inquiridos referem a existência de um mercado potencialmente lucrativo que ainda não foi devidamente explorado (Carr & Cohen, 2009).

Dotson et al. (2010) desenvolveram um estudo nos Estados Unidos da América, com o objetivo de medir a relação proprietário – animal de estimação e as experiências de viagem. As 832 respostas válidas obtidas nos três meses de administração dos questionários em veterinários e lojas de animais, mostraram que 52% dos inquiridos viaja com o seu animal de estimação, ou seja, mais de metade. Relativamente ao planeamento da viagem, 34% afirma trocar informações com pessoas próximas. Na eleição do destino 94% utiliza a Internet, 70% recorre ao WOM (*Word of Mouth*), 28% recorrem a brochuras de hotéis, 9% procuram informações de centros de informação turística e 8% guiam-se por *outdoors*. 50% dos inquiridos afirma que a escolha do destino é influenciada pelo facto de o destino ser ou não *pet-friendly*. Quanto à questão do alojamento, o WOM é a principal fonte de informação dos inquiridos (90%), seguido pela Internet (81%). Já as agências turísticas ocupam a ultima posição na preferência de fontes de recolha de informação (17%).

Espera-se que, no futuro, com o auxílio da Internet, aumente consideravelmente o número de viagens na companhia de animais de estimação e que a tendência se mantenha através da criação de equipamentos turísticos (exemplos: unidades de alojamento turístico, cafés e restaurantes) que adotem políticas *pet-friendly* (Kirillova et al., 2015).

3.3. Viagens turísticas na companhia de animais de estimação: quais as vantagens?

O ato de viajar, por si só, traz inúmeros benefícios ao turista. Viajar na companhia do animal de estimação pode tornar a experiência da viagem ainda mais rica e, por isso, o viajante pode retirar mais vantagens da viagem realizada.

O website *Vacation Differently* (<http://www.vacationdifferently.com/traveling-with-pets/>) salienta algumas vantagens de viajar na companhia do animal de estimação, nomeadamente:

- a) a experimentação de sentimentos positivos (como sensações de alegria), decorrentes de brincadeiras com o animal de estimação, por exemplo;
- b) o efeito de tranquilidade que o animal pode conferir ao proprietário;
- c) a transmissão de valores (amor, lealdade, companheirismo, sentido de responsabilidade, entre outros);
- d) e ainda a sensação de segurança, devido ao instinto de proteção associado aos apurados sentidos auditivo e olfativo do animal.

Dotson et al. (2010) referem a importância dos animais para minimizar o risco percebido pelo viajante. Assim, certos segmentos podem estar expostos a riscos adicionais com base em variáveis como a idade, a origem étnica, o nível de rendimentos, o facto de serem portadores de algum tipo de deficiência ou o sexo. Por exemplo, os viajantes, especialmente do sexo feminino, por experimentarem sensações de medo decorrentes possibilidade de serem vítimas de assédio sexual, de violência sexual e de violação, possivelmente sentem-se mais seguros quando viajam com um cão. Neste sentido, presume-se que o aumento da sensação de segurança seja entendido pelos viajantes como uma vantagem de viajar com animais.

O *blog All Pets Medical* (<http://blog.allpetsmedical.com/benefits-of-traveling-with-your-dog-and-pet-friendly-hotels/>) acrescenta que fazer-se acompanhar pelo animal de estimação permite ao turista ser mais facilmente perçecionado como um local na comunidade de acolhimento. Deste modo, torna-se possível que o turista tenha uma vivência da experiência da viagem, de um modo diferente e mais intenso, bem como uma perspetiva mais abrangente acerca do destino. No *blog* referido, muitas vezes, os estabelecimentos mais bem classificados são aqueles que oferecem melhores condições para acomodar animais, o que permite ao turista não ter de escolher um meio de alojamento de qualidade inferior por viajar na companhia do animal de estimação.

É mencionado no *blog All Pets Medical* que os animais permitem tornar a viagem mais divertida, posto que a presença destes está diretamente relacionada com a realização de um maior número e de uma maior diversificação de atividades. Segundo o mesmo *blog*, os animais de estimação ajudam o proprietário a manter a rotina, evitando o *jet lag* (por exemplo, um animal de estimação não permite que o seu proprietário aumente o número de horas de sono, normalmente decorrente de uma maior sensação de relaxamento), uma vez que o animal tem necessidades básicas que não podem ser descuradas durante o

período da viagem, tais como os passeios diários, a alimentação, entre outros. Pode daqui reter-se que a companhia do animal de estimação na viagem turística permite que esta seja aproveitada mais integralmente, uma vez que o animal fará com que o proprietário realize todas as atividades que motivaram a realização da viagem (exemplo: exploração do destino e realização de atividades ao ar livre) que, eventualmente, poderiam não ocorrer devido ao *jet lag*.

Um estudo desenvolvido por Dotson e Hyatt (2008) revela outras vantagens de viajar com o animal de companhia:

- a) a interação com pessoas desconhecidas e outros proprietários de animais e, por conseguinte, atua como um veículo facilitador à introdução de conversações e mesmo à criação de laços com estranhos que, de outra forma, possivelmente não se estabeleceriam;
- b) o modo de atuação para com o animal de estimação pode transmitir aos demais alguns aspetos da personalidade do proprietário;
- c) o vínculo afetivo criado entre animal e proprietário tende a intensificar-se com a realização da viagem, visto que o animal se encontra fora do seu ambiente habitual.

O *blog Trekaroo* (<https://blog.trekaroo.com/taking-the-dog-along-the-benefits-and-a-few-tips-for-traveling-with-your-dog/>) refere outro importante e, em muito casos, determinante aspeto possivelmente vantajoso (mas que simultaneamente pode resultar num constrangimento) de viajar com o animal de companhia: a questão económica. Em alguns casos, os valores cobrados por estabelecimentos onde os animais possam permanecer durante o período das viagens dos seus proprietários, quando comparados com as taxas praticadas pelos agentes da viagem, não justificam que o animal seja excluído da viagem.

Saliente-se novamente que outra vantagem de viajar com o animal de estimação é a diminuição do flagelo do abandono.

Em suma, pode concluir-se que, entre aspetos emocionais, psicológicos, sociais, económicos, viajar na companhia do(s) animal(is) de estimação, é vantajoso tanto para o proprietário como para o próprio animal.

3.4. Constrangimentos sentidos pelos turistas nas viagens realizadas com os seus animais de estimação

Os constrangimentos sentidos pelos proprietários de animais de estimação começam no momento do planeamento da viagem. Estes devem considerar as condições físicas do seu animal, a influência deste nos demais, o tempo de que o proprietário terá que dispender para assegurar as necessidades básicas do animal, assim como as questões monetárias necessárias à realização de viagens com animais de estimação (Carr, 2009; Chen et al., 2011, citados por Chen et al., 2014).

Num estudo levado a cabo por Chen et al. (2014) os autores dividiram as restrições sentidas por grupos: restrições específicas do animal de estimação; restrições interpessoais associadas ao animal de estimação; e restrições estruturais relacionadas com o animal de estimação. O primeiro grupo remete para a capacidade de autocontrolo do animal, para a adequação da fisionomia do animal à viagem a realizar e para a condição física deste. O segundo grupo está relacionado com o nível de tolerância do animal a terceiros e com a situação inversa, ou seja, com a reação de outros turistas ao animal de estimação. O terceiro grupo refere-se a questões monetárias inerentes à realização da viagem na companhia do animal de estimação, à dificuldade de acesso a informação específica, a questões ambientais, a questões de transporte, a questões de alojamento e a questões intrínsecas ao proprietário (sensação de inconveniência por participar em atividades com o animal de estimação, por dispender de tempo de lazer para prestar cuidados ao animal, entre outros). No mesmo estudo, foram as restrições interpessoais associadas aos animais de estimação aquelas que tiveram o impacto mais significativo nas intenções de os proprietários se fazerem acompanhar pelos seus animais de estimação, em detrimento das restrições específicas e estruturais associadas aos animais de estimação (Chen et al., 2014). Segundo Chen et al. (2013), o grupo que mais influência tem na realização efetiva da viagem turística na companhia do animal de estimação é o grupo dos constrangimentos estruturais.

Segundo Carr e Cohen (2009), do ponto de vista dos proprietários, um dos principais obstáculos para a realização de viagens com os seus animais de estimação é a dificuldade de encontrar alojamentos turísticos *pet-friendly*. Neste sentido, atente-se a um estudo desenvolvido pela *HomeAway*, publicado pelo *website Ambitur* (<http://www.ambitur.pt/59-dos-portugueses-consideram-os-animais-parte-da-familia/>)

que comprova a perspectiva do autor supramencionado. O estudo supramencionado apresenta os principais constrangimentos sentidos por proprietários que viajam com os seus animais de estimação: este indica que encontrar alojamentos que aceitem animais é a principal restrição para cerca de metade dos proprietários (48%), seguida dos custos inerentes à realização da viagem com animais (25%). A reduzida oferta de alojamentos que autorizem a permanência de animais, é vista pelos proprietários portugueses (61%) como o maior impedimento para a realização da viagem em questão (*Ambitur*, 2015).

Leggat e Speare (2000) acrescentam que os riscos de viajar na companhia de animais de estimação variam consoante as espécies, a natureza da viagem e o destino. Dotson et al. (2010), defendem que a avaliação dos riscos pode ser feita a partir de duas perspectivas divergentes: o risco percebido pode ser positivo, ou seja, risco de inclinação, ou negativo e, portanto, risco de aversão, isto é, aquele que conduz ao condicionamento de determinadas ações por parte de um indivíduo. Roehl e Fesenmaier (1992), citados por Dotson et al. (2010), afirmam que as perceções de risco relacionadas com as viagens são específicas de uma dada situação, levando a conclusões diferentes dependendo do contexto.

As restrições colocadas aos proprietários que viajam com os seus animais de estimação são, muitas vezes, justificadas com questões de saúde e bem-estar dos outros hóspedes e com a proteção da flora e fauna do destino. Na perspectiva de Carr (2014), tais restrições tendem a basear-se em preconceitos dos locais sobre a natureza do animal (por exemplo, falta de asseio, o facto de, no caso dos cães, existirem raças consideradas potencialmente perigosas, entre outros aspetos), o que se traduz numa posição indiscutivelmente discriminatória (contra os proprietários e respetivos animais de estimação) e impeditiva do ajustamento da indústria turística, no sentido de dar resposta às necessidades e desejos do nicho de mercado *pet-friendly*.

Contudo, um estudo desenvolvido por Kirillova et al. (2015) mostra que, progressivamente, em vez de desistir de viajar com os seus animais de estimação, em geral devido a restrições percebidas, os proprietários começam a negociar com sucesso as restrições que lhes são colocadas e, por isso, demonstram maior predisposição a fazer-se acompanhar pelos seus animais de estimação na realização de viagens turísticas.

3.5. Relação entre as ofertas turísticas *pet-friendly* e o aumento/diminuição do abandono de animais de estimação

Apesar de a maior parte da oferta existente de alojamentos turísticos, não permitir a acomodação de animais de estimação, surgem cada vez mais estabelecimentos *pet-friendly*. Neste sentido, segundo Gardyn (2002), citado por Dotson e Hyatt (2008), os gestores turísticos têm desenvolvido novos produtos e serviços que visam satisfazer as necessidades do segmento *pet travel*, nomeadamente através da introdução de serviços de cuidados diários para animais, serviços de *pet walking*, disponibilização de *snacks gourmet*, entre outros.

De acordo com uma pesquisa feita no *website Booking.com*, no âmbito da presente dissertação, no dia 27 de maio de 2017, de um total de 20 388 alojamentos, somente 5311 admitem animais de estimação, ou seja, cerca de 26% do total de alojamentos disponíveis em Portugal. Em Espanha, o *website* regista 64 802 meios de alojamento, dos quais cerca de 33% (21 399 unidades de alojamento turístico) aceitam animais de estimação. Em França, no motor de pesquisa do *Booking.com*, constam 69 550 meios de alojamento, sendo que destes 31 978 acomodam animais (cerca de 46%). Itália dispõe de 137 037 unidades de alojamento turístico e destas 76 276 permitem animais de estimação (ou seja, cerca de 56% do total de meios de alojamento). Na Alemanha o *website* apresenta 46 541 meios de alojamento, destes 22 572 (aproximadamente 49%) admitem animais de estimação. Nos países da Europa anteriormente mencionados, 180 782 aceitam animais de estimação de um total de 338 318 meios de alojamento, o que corresponde a aproximadamente 53%. Este seria um cenário animador para evitar o abandono de animais, contudo, a maior parte das ofertas de alojamento disponíveis impõem limites de peso até 10kg, ou seja, qualquer animal de porte médio/grande está na iminência de ser abandonado pela escassez de unidades de alojamento que não imponham restrições ao nível da fisionomia do animal. Outras questões como a perigosidade do animal também condicionam as viagens com os animais de estimação, sem esquecer ainda os custos inerentes à estadia do animal.

Pode, portanto, concluir-se que a oferta disponível para satisfazer as necessidades e os desejos deste segmento turístico é ainda relativamente limitada (Kirillova et al., 2015). Neste sentido, os proprietários de animais de estimação têm de decidir se viajam na

companhia dos seus animais ou se os deixam para trás (Dotson & Hyatt, 2008). É neste momento que, em muitos casos, ocorre o abandono.

3.6. Saúde e bem-estar de turistas e animais: o contributo das viagens turísticas

O vínculo afetivo criado entre o proprietário e o animal de estimação veicula uma variedade de benefícios para ambos, promovendo a saúde e o bem-estar destes. Viajar com o animal de estimação é percecionado por Carr e Cohen (2009) como um dos muitos benefícios decorrentes dessa relação.

A viagem turística permite exponenciar os benefícios da relação proprietário – animal de estimação, através de fatores como o aumento da sensação de felicidade, a diminuição dos níveis de stress, uma maior sensação de segurança e de tranquilidade, o que se traduz inequivocamente no aumento da sensação de bem-estar.

Contudo, viajar com animais envolve também riscos. A alteração do ambiente envolvente pode ter impactes negativos consideráveis no bem-estar do animal de estimação, uma vez que este experiencia situações que lhe são estranhas. As situações a que esteja sujeito podem causar-lhe stress e desconforto, como os ruídos estranhos, a disponibilização de um espaço insuficiente para as necessidades fisionómicas do animal, as alterações climáticas, entre outros aspetos (Dotson et al., 2010). A título exemplificativo, uma viagem feita por via aérea pode resultar na separação do animal do seu proprietário (posto que animais de dimensão e peso elevados são transportados no porão, juntamente com as cargas). Neste sentido, é possível que o comportamento do animal difira do habitual no seu ambiente familiar.

Contudo, por estar na companhia do seu proprietário, o animal tem menor probabilidade de desenvolver comportamentos antissociais (Carr & Cohen, 2009), na medida em que é tratado pelo seu proprietário como um ser dotado de sentimentos e emoções ao qual são disponibilizados afetos, cuidados e alimentação, mantendo-o nutrido física e psicologicamente (Dotson & Hyatt, 2008). A viagem resulta, por isso e apesar dos riscos inerentes à realização da mesma, em benefícios para saúde física e psicológica do animal de estimação.

Para otimizar a experiência do turista e para lhe proporcionar uma maior sensação de bem-estar, os gestores turísticos devem, por forma a manter os destinos e as empresas competitivos, procurar ajustar-se ao segmento *pet travel*, adotando medidas que visem acomodar confortavelmente visitantes e respetivos animais de estimação. Devem, simultaneamente, direcionar as estratégias de posicionamento no mercado para se conectar emocionalmente com os turistas *pet travel* (Kirillova et al., 2015), uma vez que este nicho de mercado tende a fidelizar-se com as unidades de alojamento com as quais esteja mais satisfeito, consoante a perceção que tenha de que as suas necessidades, os seus desejos e os seus valores são tidos em consideração (Dotson et al., 2010).

3.7. O contributo das viagens turísticas para o comportamento do animal de estimação

Influências de ordem biológica, ambiental e mesmo evolutiva podem, de alguma forma, contribuir para a consistência da personalidade em animais de estimação. O comportamento destes também é influenciado pelos níveis hormonais e pela densidade dos recetores hormonais. Além disso, é possível que diferentes sistemas endócrinos tenham maior influência em determinados comportamentos (Fratkin et al., 2013).

Um estudo levado a cabo por Fratkin et al. (2013), demonstra que a personalidade em canídeos é moderadamente constante, sendo a consistência e a previsibilidade dos comportamentos do animal maioritariamente influenciadas pelo fator idade, mas também pelo ambiente envolvente. São as interações sociais que moldam o comportamento dos animais, caracterizando-o como apropriado ou desapropriado, consoante as perceções do proprietário do animal.

Por serem as espécies mais comumente escolhidas para animais de estimação, de acordo com Serpell (1996), os cães são percebidos como sendo mais brincalhões, mais inteligentes, mais ativos e energéticos, mais confiáveis e relaxados em situações estranhas, mais excitados e mais afetuosos, mais amigáveis e acessíveis com estranhos e menos agressivos do que os gatos. Dotson e Hyatt (2008) acrescentam que os cães têm emoções como medo, dor, ciúme, ansiedade, culpa, alegria, depressão e raiva.

Dotson et al. (2010) consideram que as viagens turísticas trazem benefícios para o comportamento dos animais de estimação, na medida em que fazem com que se sintam mais felizes, menos depressivos e ansiosos, por estarem na companhia dos seus proprietários. As viagens turísticas permitem, ainda, que os animais de estimação sejam mais tolerantes a ambientes e pessoas estranhas. Então, pressupõe-se que as viagens resultem na melhoria do comportamento do animal e no aumento do seu bem-estar.

3.8. Conclusão

O capítulo 3 permitiu elucidar sobre as viagens realizadas na companhia de animais de estimação.

Uma vez considerados membros da família, os animais de estimação acompanham as suas famílias nas viagens que realizam. Ao seu dispor, os proprietários que desejem viajar com os seus animais encontram diferentes meios de transporte e de alojamento. Contudo, o planeamento da viagem nem sempre é uma tarefa facilitada, na medida em que é disponibilizada pouca informação/informação pouco esclarecedora, relativa às imposições dos meios de transporte e à aceitação ou não de animais nos meios de alojamento turístico. Apesar das eventuais dificuldades sentidas, os proprietários continuam motivados a realizar viagens na companhia dos seus animais de estimação.

Como vantagens das viagens realizadas com os seus animais de estimação, podem enumerar-se o facto de os animais de estimação serem considerados os melhores amigos dos seus proprietários, uma excelente companhia, assim como o facto de os animais transmitirem segurança. Ao viajar com os seus animais de estimação, os proprietários evitam preocupações com o estado em que os animais se possam encontrar.

No entanto, os turistas depararam-se com constrangimentos desde o momento de planeamento e no decorrer das viagens, estando estes em parte associados à falta de oferta *pet-friendly* adequada às necessidades dos turistas *pet travel*. Esta pode ser considerada uma das causas pelas quais os números do abandono continuam tão elevados. As características dos animais têm também impactes na realização das viagens turísticas e podem mesmo traduzir-se num constrangimento para os proprietários.

Apesar dos constrangimentos que ainda são mais evidentes do que o expectável, pode considerar-se que as viagens na companhia dos animais de estimação proporcionam, tanto a proprietários como a animais, a experimentação de maiores sensações de bem-estar e são uma mais-valia na saúde física e psicológica de ambos.

Capítulo 4 – Metodologia

4.1. Introdução

O capítulo 4 pretende, primeiramente, descrever os objetivos gerais e específicos da presente investigação empírica. Seguidamente é apresentada a metodologia utilizada para a recolha de dados, em termos de população em estudo, instrumento de inquirição utilizado e método de administração do instrumento. Concluída esta etapa, são apresentados os métodos utilizados na análise de dados.

4.2. Objetivos de investigação do estudo empírico

A investigação em questão tem como objetivo principal avaliar o impacto da viagem turística na companhia dos animais de estimação no bem-estar dos turistas. Decorrentes do objetivo geral, foram definidos os objetivos específicos seguintes:

1. analisar as vantagens e os constrangimentos da realização de viagens turísticas na companhia de animais de estimação;
2. compreender o impacto das viagens turísticas no bem-estar dos turistas e respetivos animais de estimação, analisando as dimensões do bem-estar onde se observa um maior impacto;
3. identificar segmentos homogéneos de visitantes de acordo com o impacto percebido no seu bem-estar e no do animal de estimação, decorrente da realização de viagens com os animais.

Num plano secundário, a investigação em curso tem ainda o intuito de procurar alertar para a questão do abandono, atuando tanto do lado da procura (incentivando os turistas a viajar na companhia dos seus animais de estimação) como atuando do lado da oferta (sensibilizando as entidades turísticas para a importância da aceitação e inclusão de animais de estimação nas atividades que desenvolvem).

4.3. Metodologia de recolha de dados

4.3.1. Recolha de dados primários

Devido à insuficiente informação disponível relativa a viagens turísticas com animais de estimação, surge a necessidade de utilizar métodos diretos de recolha de dados (dados primários). Dentro dos métodos diretos existem diversos instrumentos de recolha de dados, todos eles dotados de vantagens e de desvantagens, sendo que a adequação destes varia consoante os objetivos da investigação empírica, as características da população e os recursos disponíveis. Para a elaboração do presente estudo optou-se pela metodologia quantitativa, com recurso ao inquérito por questionário.

A escolha do inquérito por questionário relaciona-se com o facto de ser considerado o instrumento mais adequado, tendo em conta que se pretendem avaliar as perspetivas e considerações pessoais dos inquiridos. O principal objetivo dos questionários passa por avaliar o impacto da viagem turística na companhia dos animais de estimação relativamente ao aumento da sensação de bem-estar do turista. Segundo Quivy e Van Campenhoudt (1998), este método constitui uma forma eficiente de recolha de informação. O inquérito por questionário permite a obtenção de informações variadas, e é de fácil administração. Também como vantagem é encarada a possibilidade de a administração poder ser feita por várias vias (exemplos: presencialmente, *online*). O mesmo autor aponta, contudo, como desvantagem o facto de as respostas serem condicionadas por fatores intrínsecos aos inquiridos (por exemplo, a capacidade de resposta, a motivação, a honestidade), o que poderá originar enviesamentos e lacunas de que é necessário estar-se consciente. Acrescem ainda limitações tais como a necessidade de recursos humanos e a disponibilidade de tempo para aplicação presencial dos questionários. Outra limitação é a forma como a informação é obtida, sendo que as respostas resultam de considerações individuais dos inquiridos, as quais não podem ser aceites como verdades absolutas, uma vez que dependem de vários fatores como as condições do espaço físico onde ocorre a aplicação e as condições em que o inquirido se encontra. Quivy e Van Campenhoudt (1998) apontam, também, como fragilidades deste método de recolha de dados o custo e peso (quando os questionários são impressos).

4.3.1.1. Definição da técnica de amostragem

A população em estudo na presente investigação remete para todos os indivíduos que nos últimos três anos tenham realizado pelo menos uma viagem turística com a duração de três ou mais dias na companhia dos seus animais de estimação. No presente estudo optou-se por tentar abranger o maior número possível de potenciais inquiridos, procurando reduzir as condicionantes sociodemográficas ao máximo (daí não se questionar a nacionalidade dos inquiridos nem o local de residência dos mesmos), posto que ainda não é significativo o número de pessoas a viajar com animais. Os aspetos mencionados tornam a recolha de questionários válidos em número suficiente mais difícil de conseguir.

As técnicas de amostragem podem variar entre aleatória ou não aleatória, dependendo das características da população e dos recursos de que o investigador dispõe. A amostragem aleatória é o método a utilizar quando se pretendem fazer extrapolações para a população em estudo, a não ser que não estejam reunidas as condições exigidas para a sua utilização. No caso da presente investigação, não é possível identificar a totalidade da população (face à inexistência de dados oficiais) nem conhecer as características dessa população, pelo que se optou pela utilização de uma amostragem não aleatória por conveniência. Neste sentido, todas as pessoas encontradas que satisfizessem o requisito de ter realizado pelo menos uma viagem turística nos últimos três anos com a duração mínima de três dias na companhia dos seus animais de estimação eram consideradas elegíveis para responder ao questionário, independentemente da idade, género ou outro grupo sociodemográfico.

4.3.1.2. Instrumento de inquirição – construção do questionário

Na presente investigação optou-se pelo desenvolvimento de um questionário misto, ou seja, um questionário composto predominantemente por questões de resposta fechada e por algumas questões de resposta aberta. Enquanto as questões de tipo fechado permitem a obtenção de informação quantitativa e uma consequente análise de dados mais rápida e objetiva, as questões de tipo aberto remetem para a captação de informação de tipo qualitativo adicional, que aprofunde os resultados quantitativos obtidos nas questões fechadas.

Na elaboração do questionário foi dada preferência a uma linguagem simples e objetiva, sempre que possível com um tipo homogéneo de construção das questões. As questões foram sequencialmente ordenadas por temáticas, de modo a obter o tipo de informações pretendido, tendo sido estrategicamente colocadas no final do questionário as questões sociodemográficas, de carácter mais pessoal. O conteúdo que compõe o questionário foi incluído tendo por base a revisão de literatura do presente estudo e disposto pelos seguintes grupos temáticos:

A – Identificação dos animais de estimação;

B – Caracterização das práticas turísticas na companhia de animais de estimação;

C – Motivações da viagem;

D – Constrangimentos da viagem;

E – Benefícios percebidos da realização de viagens turísticas na companhia de animais;

F – Caracterização sociodemográfica do inquirido.

O questionário é constituído por vinte questões, sendo dezoito de resposta fechada e duas de resposta aberta. Ao ser construído o questionário, a duração deste foi planeada de modo a não exceder os cinco minutos, considerando a comodidade e o conforto dos inquiridos.

Os grupos A e B do questionário (tabelas 4.1. e 4.2.) permitem obter informações relevantes relativas aos animais de estimação e às características das viagens efetuadas na companhia destes.

Tabela 4.1. Grupo A do questionário

Questões	Objetivos	Fonte
Número de animais	Obter informação sobre o número de animais que o turista possui.	Kirillova et al. (2015); Carr & Cohen (2009);
Espécies	Conhecer as espécies com que os turistas mais viajam.	
Porte dos animais	Obter informação sobre a fisionomia dos animais que viajam.	

Tabela 4.2. Grupo B do questionário

Questões	Objetivos	Fonte
Frequência das viagens com animais de estimação	Obter informações sobre as características das viagens realizadas com animais de estimação.	Kirillova et al. (2015); Carr & Cohen (2009);
Planeamento de viagens com animais de estimação		
Tipo de organização da viagem		
Fontes de informação		
Meios de transporte utilizados com maior frequência		
Meios de alojamento utilizados com maior frequência		

Por sua vez, o grupo C foi concebido de modo a avaliar, numa escala de *Likert* de 1 a 5, correspondendo 1 a “discordo completamente” e 5 “concordo completamente”, as motivações dos turistas para se fazerem acompanhar dos seus animais de estimação nas viagens que realizam (tabela 4.3.).

Tabela 4.3. Grupo C do questionário

Questão	Motivações (itens)	Fonte
Considera que os aspetos indicados na tabela seguinte forma motivos importantes para a realização de viagens turísticas na companhia dos seus animais de estimação? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião (1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)	<p>Considero o meu animal de estimação um membro da família;</p> <p>Prefiro viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo em casa;</p> <p>Prefiro destinos <i>pet-friendly</i> para viajar com o meu animal de estimação;</p> <p>Considero as necessidades do meu animal de estimação ao planear a viagem;</p> <p>Considero mais barato e conveniente viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo com terceiros;</p> <p>Sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação;</p> <p>Considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono.</p>	<p>Dotson et al. (2010);</p> <p>Kirillova et al. (2015);</p> <p>Carr & Cohen (2009);</p>

Já o grupo D procura compreender os constrangimentos sentidos pelos turistas na preparação e realização de viagens na companhia dos respetivos animais de estimação, numa escala de *Likert* de 1 a 5, correspondendo 1 a “discordo completamente” e 5 “concordo completamente”. É ainda composto por uma questão de resposta aberta relativamente a eventuais constrangimentos que permitirá obter informação complementar que possa ser de carácter mais pessoal e/ou esporádico, mas ainda assim relevante para os resultados do presente estudo (tabela 4.4.).

Tabela 4.4. Grupo D do questionário

Questão	Constrangimentos (itens)	Fonte
<p>Na sua opinião, em que medida concorda com as seguintes afirmações?</p> <p>(Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião)</p> <p>(1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)</p>	<p>O meu animal de estimação não tem autocontrole;</p> <p>O meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar;</p> <p>O meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente;</p> <p>A viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação;</p> <p>Em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens;</p> <p>Sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais;</p> <p>O meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais;</p> <p>Não tenho companhia para viajar comigo e com o meu animal;</p> <p>O meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas;</p> <p>Viajar com o meu animal de companhia envolve custos adicionais;</p> <p>É difícil encontrar informações que me ajudem a planear a viagem com o meu animal de estimação;</p> <p>O destino não é adequado para o meu animal (por exemplo, o clima);</p> <p>Viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer;</p> <p>Não posso participar numa atividade porque tenho que cuidar do meu animal em simultâneo;</p> <p>O destino não dispõe de equipamentos/infraestruturas para animais;</p> <p>Levar o meu animal de companhia é inconveniente.</p>	<p>Hung et al. (2016);</p> <p>Chen et al. (2013);</p> <p>Chen et al. (2014)</p>
Questão	Objetivos	Fonte
<p>Exponha os constrangimentos que, na sua opinião, podem prejudicar as experiências de viagens na companhia do seu animal de estimação.</p>	<p>Obter informação qualitativa adicional relativamente aos constrangimentos sentidos pelos turistas na sequência das viagens realizadas com os seus animais de estimação.</p>	

O grupo E foi elaborado com o intuito de avaliar, numa escala de *Likert* de 1 a 5, correspondendo 1 a “discordo completamente” e 5 “concordo completamente”, os benefícios sentidos pelo turista pelo facto de viajar na companhia dos seus animais de estimação (tabelas 4.5. e 4.6.).

Tabela 4.5. Grupo E do questionário

Questões	Benefícios (itens)	Fonte
Em que medida concorda que as viagens que realizou com o seu animal de estimação provocaram em si os seguintes efeitos? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião) (1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)	<p>Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais seguro;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais feliz;</p> <p>Não me sinto sozinho se viajar com o meu animal de estimação;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação permite-me relaxar mais;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação permite-me desfrutar mais da viagem turística;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação torna a viagem mais divertida;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação leva-me a praticar mais exercício físico;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação aumenta os meus níveis de energia;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação melhorou a nossa ligação;</p> <p>Viajar com o meu animal de estimação permite-me interagir com desconhecidos;</p> <p>Ao viajar com o meu animal de estimação, encontro outros proprietários de animais com quem partilhar experiências.</p>	<p>Dotson et al. (2010);</p> <p>Kirillova et al. (2015);</p> <p>Hung et al. (2016);</p> <p>Carr & Cohen (2009);</p>

Tabela 4.6. Grupo E do questionário (continuação)

Questões	Benefícios para o animal de estimação (itens)	Fonte
Em que medida concorda que as viagens que realizou com o seu animal de estimação provocaram no seu animal de estimação os seguintes efeitos? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião) (1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)	O meu animal de estimação sente-se mais feliz; O comportamento do meu animal de estimação fora do ambiente familiar melhorou; Com a viagem, o meu animal de estimação passou a aceitar estranhos mais facilmente.	Carr & Cohen (2009);
Questão	Objetivos	Fonte
Explicita em que medida a sua experiência de viagem na companhia do seu animal de estimação contribuiu para aumentar a sua sensação de bem-estar.	Obter informação qualitativa adicional relativa à contribuição da experiência de viagem na companhia do animal de estimação no aumento do bem-estar do turista.	

O grupo F pretende obter as informações sociodemográficas da amostra populacional em estudo (tabela 4.7.).

Tabela 4.7. Grupo F do questionário

Questões	Objetivos	Fonte
Gênero	Obter informações sociodemográficas gerais sobre os inquiridos.	Dotson et al. (2010);
Idade		Kirillova et al. (2015);
Estado civil		Carr & Cohen (2009);
Nível de escolaridade		
Rendimento líquido mensal		

4.3.1.3. Validação do instrumento de inquirição

Finalizada a construção do questionário, foi realizado um pré-teste, no 18 de agosto de 2017, com a finalidade de identificar potenciais melhorias a introduzir no questionário. Obteve-se resposta a cinco questionários, aos quais os inquiridos responderam sem relatar qualquer melhoria a efetuar (ver apêndice I).

4.3.1.4. Processo de administração do questionário

Os questionários foram administrados entre 20 de agosto e 05 de outubro de 2017. Como métodos de administração dos questionários foram definidas a aplicação por via *online* e por via presencial.

Foi elaborada somente uma versão dos questionários para ambas as formas de administração, tendo sido impressos em papel os questionários a administrar presencialmente, previamente elaborados com recurso ao *Word 2016*, e, por sua vez, construídos e administrados com recurso ao *Google Docs* os questionários *online*.

Os questionários aplicados pela via presencial foram administrados em clínicas veterinárias da cidade do Porto, em lojas de animais e em espaços públicos de lazer existentes na cidade do Porto. Pela via presencial obtiveram-se 112 respostas válidas.

Quanto aos questionários administrados pela via *online*, foram enviados, a partir da própria ferramenta, os convites para proceder à obtenção de respostas ao questionário. Foram enviados convites para a Liga Portuguesa dos Direitos dos Animais, para várias clínicas veterinárias sediadas em território nacional e para figuras públicas que, por sua

vez, foram convidadas a partilhar o questionário com os seus seguidores com o intuito de ser conseguida uma difusão rápida e eficaz da informação e, com isto, a obtenção de um maior número de respostas válidas (o que não se verificou). Fazendo conveniente uso das redes sociais, o questionário foi ainda disponibilizado no *Facebook*, nomeadamente em páginas de organizações sem fins lucrativos direccionadas para a proteção dos animais, bem como na página oficial do Partido Político PAN (Pessoas-Animais-Natureza). No total, por via *online*, obtiveram-se 107 respostas válidas.

4.4. Metodologia de análise de dados

Concluída a fase de aplicação dos questionários, procedeu-se à análise dos dados recolhidos, que permitiu retirar conclusões e fazer uma análise crítica dos resultados obtidos.

A análise dos dados recolhidos foi feita com recurso ao software IBM-SPSS (Statistical Package for Social Sciences) - versão 24.0.

Por forma a analisar os resultados obtidos, e tomando por referência os estudos desenvolvidos por Carr e Cohen (2009), Chen et al. (2013), Chen et al. (2014), Dotson e Hyatt (2008) e Hung et al. (2016), foram utilizadas análises univariadas, bivariadas e multivariadas. O perfil dos inquiridos, o seu comportamento de viagem, motivações, constrangimentos e benefícios percecionados foram analisados recorrendo a análises estatísticas univariadas, frequências, médias e desvio-padrão. Numa segunda fase foram realizadas várias Análises de Componentes Principais (3) para identificar dimensões em termos de motivações, constrangimentos e benefícios obtidos. Por fim, foi realizada uma análise de clusters, para identificar grupos homogéneos de visitantes, tendo como base os benefícios percecionados da realização de viagens na companhia de animais de estimação. Os grupos obtidos foram comparados utilizando testes de análise bivariada (teste do qui-quadrado e ANOVA).

4.5. Conclusão

No capítulo 5 foram descritos os métodos quantitativos utilizados no presente estudo, mais propriamente o inquérito por questionário. Este passou por um processo de

validação (com cinco respostas) para ser posteriormente administrado por via presencial em clínicas veterinárias, lojas de animais e espaços públicos, e por via *online*, aos turistas que, nos últimos três anos tenham feito pelo menos uma viagem com a duração de três ou mais dias na companhia dos seus animais de estimação. Foram ainda descritos os métodos de análise de dados a ser analisados com recurso ao *software* SPSS, mediante a utilização de análises univariadas, bivariadas e multivariadas de dados.

Capítulo 5 – Análise e discussão dos resultados

5.1. Introdução

O capítulo 5 é referente à análise e discussão dos resultados obtidos. A análise de dados divide-se nas seguintes categorias: caracterização do perfil da amostra; identificação dos animais de estimação; motivações; constrangimentos; benefícios percebidos das viagens com animais de estimação; e caracterização da viagem. Numa segunda secção são apresentados os clusters identificados e os resultados da análise de cluster realizada.

5.2. Caracterização do perfil da amostra

Foram aplicados 219 questionários válidos a indivíduos que, nos últimos três anos, tivessem realizado pelo menos uma viagem turística com a duração de três ou mais dias na companhia dos seus animais de estimação.

A caracterização sociodemográfica da amostra foi feita com recurso às seguintes variáveis (tabela 5.1.):

- i) Género;
- ii) Idade;
- iii) Estado civil;
- iv) Nível de escolaridade;
- v) Rendimento líquido individual.

- i) Género

No que respeita ao género, a amostra inquirida pertence maioritariamente ao género feminino, que conta com um total de 157 respostas válidas (71.7%). O género masculino representa um número de respostas bastante menos significativo, com apenas 62 respostas válidas (28.3%).

i) Idade

Relativamente à faixa etária dos inquiridos, a amostra relevou-se heterogénea, com idades compreendidas entre os 19 e os 70 anos, sendo que a maior parte da amostra pertence à faixa etária compreendida entre os 20 e os 45 anos (70%). A idade média dos inquiridos que viajam com os respetivos animais de estimação situa-se nos 37 anos. A faixa etária com a percentagem menos significativa situa-se entre os 60 e os 70 anos (com uma percentagem de apenas 5% do total da amostra).

ii) Estado civil

A maioria dos inquiridos indicou ser solteiro (50,7%). O estado civil *casado* foi a resposta de 41,1% dos inquiridos. 7,8% dos inquiridos responderam ser divorciados. Apenas 1 dos inquiridos revelou ser viúvo.

iii) Nível de escolaridade

A tabela 5.1. indica que a maior parte dos inquiridos detém habilitações literárias ao nível do ensino superior (73,5%). 48 inquiridos (21,9%) responderam ter concluído o ensino secundário e apenas 4,6% dos inquiridos concluiu somente o ensino básico.

iv) Rendimento líquido individual

Relativamente ao rendimento líquido individual mensal dos inquiridos, 47,5% auferem um rendimento entre os €500.00 e os €999.99. 26,9% da população da amostra indicou auferir valores entre os €1000.00 e os €1999.99. A menor percentagem da amostra (9,1%) tem um rendimento líquido individual mensal superior a €2000.00.

Em suma, mediante análise dos resultados, o perfil do inquirido indica ser do género feminino, com idade média de 37 anos, solteiro, detentor de habilitações literárias ao nível do ensino superior, que auferem entre € 500.00 e € 999.99 de rendimento líquido individual mensal.

O presente estudo vai ao encontro dos resultados obtidos nas investigações desenvolvidas por Dotson et al. (2010), por Chen et al. (2014) e por Kirillova et al. (2015)

relativamente ao género predominante (o género feminino) e com resultados obtidos por Dotson et al. (2010) e por Kirillova et al. (2015), e ao nível de escolaridade dos inquiridos (ensino superior).

Os resultados obtidos na presente investigação vão ao encontro dos estudos levados a cabo por Carr e Cohen (2009), por Kirillova et al. (2015) e por Chen et al. (2014), no que respeita ao grupo etário dos inquiridos: nos estudos dos autores mencionados, a maioria dos inquiridos situava-se na faixa etária entre 26 e 45 anos. No entanto, o estudo elaborado por Dotson et al. (2010) apresenta resultados distintos no que respeita à faixa etária dos inquiridos, situada entre os 45 e os 65 anos.

Relativamente ao estado civil, os resultados obtidos no presente estudo não se verificam nas investigações de Carr e Cohen (2009) e Kirillova et al. (2015). Os estudos desenvolvidos pelos autores supramencionados indicam, na sua maioria, que as amostras populacionais se encontram no estado civil casado/união de facto. Contudo, a investigação empírica apresenta resultados coincidentes com os obtidos no estudo desenvolvido por Dotson et al. (2010), no que respeita ao estado civil da maioria dos inquiridos.

Tabela 5.1. Perfil da amostra

<i>Perfil</i>	N	%	Média	Desvio-Padrão
<u><i>Idade</i></u>	219	-	36.52	11.779
<u><i>Género</i></u>				
<i>Feminino</i>	157	71,7	-	-
<i>Masculino</i>	62	28,3	-	-
<u><i>Estado Civil</i></u>				
<i>Solteiro</i>	111	50,7	-	-
<i>Casado / União de Facto</i>	90	41,1	-	-
<i>Divorciado</i>	17	7,8	-	-
<i>Viúvo</i>	1	0,5	-	-
<u><i>Nível de Escolaridade</i></u>				
<i>Ensino básico</i>	10	4,6	-	-
<i>Ensino Secundário</i>	48	21,9	-	-
<i>Ensino Superior</i>	161	73,5	-	-
<u><i>Rendimento líquido individual</i></u>				
<i><€500</i>	36	16,4	-	-
<i>[€500 - €1000[</i>	104	47,5	-	-
<i>[€1000 - €2000[</i>	59	26,9	-	-
<i>>€2000</i>	20	9,1	-	-

5.3. Identificação dos animais de estimação

Os dados obtidos relativamente ao número de animais (tabela 5.2.) indicam um total de 247 animais de estimação, sendo 183 cães (83,6%), 55 gatos (25,1%) e 9 de outras espécies como coelhos, hamsters, tartarugas, peixes ou pássaros (4,1%). Em média, cada inquirido possui 1,70 animais de estimação. 62.0% dos animais são de pequeno porte (132 animais de estimação), 28.0% de médio porte (61 animais de estimação) e 51 animais de estimação são de grande porte (23,5%). Assim, pode traçar-se o perfil dos inquiridos quanto à espécie e porte dos animais que detém, concluindo, por conseguinte, que estes têm como animais de estimação, na sua maioria, cães de pequeno porte.

De igual modo que na presente investigação, os resultados obtidos no estudo levado a cabo por Kirillova et al. (2015) indicam que a maior parte dos inquiridos é detentor de pelo menos um cão.

Quanto ao porte dos animais de estimação, contrariamente aos resultados obtidos no presente estudo, o estudo de Carr e Cohen (2009) revela que os inquiridos são proprietários de animais de porte grande.

Tabela 5.2. Identificação dos animais de estimação

<i>Animais de estimação</i>	N	%	Média	Desvio-Padrão
<u>Nº de Animais</u>	219	-	1,70	1,204
<u>Espécies</u>				
Cão	183	83,6	-	-
Gato	55	25,1	-	-
Outro	9	4,1	-	-
<u>Porte dos animais</u>				
Pequeno	132	62,0	-	-
Médio	61	28,0	-	-
Grande	51	23,5	-	-

5.4. Motivações para viajar com animais

Aos inquiridos foram colocadas questões de ordem emocional, estrutural e económica para compreender quais as motivações que os levam a fazer-se acompanhar pelos seus animais de estimação nas viagens turísticas que realizam (tabela 5.3.).

São as questões que índole emocional aquelas que exercem maior influência no momento da decisão sobre viajar ou não com os animais de estimação. A questão com a qual os inquiridos mais concordaram relaciona-se com o facto de considerarem os seus animais de estimação *membros da família* (M= 4,91), portanto os laços emocionais são aspetos considerados pelos inquiridos. Também nos estudos desenvolvidos por Carr e Cohen (2009), por Dotson et al. (2010) e por Hung et al. (2016) o facto de os inquiridos considerarem os seus animais de estimação membros da família foi a principal razão apontada para se fazerem acompanhar pelos respetivos animais nas viagens realizadas. A questão que remete para a *preferência de viajar com os animais em detrimento de deixá-los em casa* obteve concordância elevada da parte dos inquiridos (M=4,72), o que indica a existência de vontade em viajar com os animais de estimação. Os resultados obtidos na presente investigação coincidem com os resultados obtidos nos estudos elaborados por Carr e Cohen (2009) e por Kirillova et al. (2015), na medida em que as amostras utilizadas pelos autores supramencionados preferem viajar com os animais de estimação ao invés de deixá-los para trás. No que respeita à *motivação para viajar* (M=3,93), os inquiridos apontaram que a companhia dos seus animais de estimação exerce influência, ou seja, concordam moderadamente, o que leva a concluir que a companhia dos animais de estimação não tem impacte significativo na vontade de viajar dos inquiridos.

As questões estruturais colocadas aos inquiridos remetem para a escolha de *destinos pet-friendly* (M=4,26) e para o facto de tomarem em consideração as *necessidades dos seus animais de estimação* no momento do planeamento da viagem (M=4,56), cuja concordância com ambas as questões é elevada. Também os estudos levados a cabo por Dotson et al. (2010) e Kirillova et al. (2015) obtiveram resultados semelhantes no que respeita às questões estruturais das viagens com animais de estimação. Os resultados obtidos por Dotson et al. (2010) mostram que a maioria dos inquiridos planeia as viagens realizadas com animais de estimação, tendo em consideração as necessidades destes. Kirillova et al. (2015) obteve resultados positivos nos parâmetros relacionados com a escolha de destinos *pet-friendly*.

A questão de ordem económica, relativa ao *preço e à conveniência de viajar com os animais de estimação*, colocada aos inquiridos, obteve nível de concordância moderado (M=3,93). Este dado pode indicar que os fatores económicos podem ser considerados um entrave, ao invés de uma motivação para viajar com animais, apenas minorado pelo facto de os proprietários dos animais não quererem deixá-los entregues a terceiros. Os resultados indicados vão ao encontro dos resultados obtidos nas investigações de Carr e Cohen (2009) e de Kirillova et al. (2015), quanto à questão do preço e conveniência de viajar com animais.

A questão “*Considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono*”, colocada com o intuito de captar a atenção dos inquiridos e de os fazer pensar no flagelo do abandono animal, mereceu concordância elevada por parte dos inquiridos (M=4,48), o que demonstra que os inquiridos estão mais conscientes e sensíveis à questão do abandono.

Tabela 5.3. Motivações para viajar com animais de estimação

Motivações	N	Frequência Relativa					Média	Desvio-padrão
		1	2	3	4	5		
<i>Considero o meu animal de estimação um membro da família</i>	219	0	0	6	7	206	4,91	,367
Prefiro viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo em casa	219	1	1	14	27	176	4,72	,644
Considero as necessidades do meu animal de estimação ao planear a viagem	219	1	1	28	34	155	4,56	,766
Considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono	219	3	1	25	49	141	4,48	,820
Prefiro destinos pet-friendly para viajar com o meu animal de estimação	219	3	4	41	56	115	4,26	,919
Sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação	219	6	11	60	58	84	3,93	1,051
Considero mais barato e conveniente viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo com terceiros	219	10	19	64	35	91	3,81	1,199

Análise fatorial das motivações para viajar com animais de estimação

De modo a organizar e sintetizar a informação, procedeu-se à realização de uma Análise de Componentes Principais (ACP) por forma a interpretar mais convenientemente as motivações dos inquiridos (tabela 5.4.). A ACP foi aplicada, com recurso ao método de rotação ortogonal varimax, aos 7 itens, para que cada variável ficasse associada somente a um fator. Os resultados obtidos (tabela 5.6.) demonstram uma análise fatorial adequada ($KMO=0,702$), existindo correlação entre as variáveis, uma vez que o nível de significância do teste de Bartlett é igual a 0,000 e as comunalidades apresentam valores superiores a 0,7. Estes resultados apresentam ainda uma solução de três fatores que explicam aproximadamente 71% da variância total.

A análise de componentes deu origem a três fatores designados *motivações específicas do animal*, *motivações emocionais* e *motivações económicas*, em concordância com as variáveis que os compõem. Esta solução mostra não ser totalmente adequado utilizar a categorização de motivações estruturais proposta por Dotson et al. (2008) e por Kirillova et al. (2015).

O fator *motivações específicas do animal* foi aquele cuja média se verificou mais elevada ($M=4,63$), podendo, portanto, considerar-se que são as especificidades dos animais de estimação que mais motivam os proprietários a realizar viagens na companhia destes.

A medida da consistência interna dos fatores foi verificada com recurso ao Cronbach Alpha. O fator *motivações específicas do animal* apresenta um valor de Cronbach Alpha de cerca de 0,7, o que indica uma consistência aceitável. Os valores dos dois fatores restantes são inferiores (entre 0,5 e 0,6), o que pode ser explicado pelo facto de incluírem apenas dois itens cada um, pelo que se considera que estes fatores devem ser considerados com prudência.

Tabela 5.4. Análise fatorial das motivações para viajar com animais de estimação

Componentes	Média	Comunalidade	Factor Loading	Valores próprios	Variância explicada	Cronbach Alpha
<u>F1 – Motivações específicas do animal</u>	4,63			2,761	28,471	0,696
Considero as necessidades do meu animal de estimação ao planejar a viagem	4,56	0,705	0,816			
Considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono	4,48	0,559	0,609			
Prefiro destinos <i>pet-friendly</i> para viajar com o meu animal de estimação	4,26	0,706	0,828			
<u>F2 - Motivações emocionais</u>	4,18			1,160	21,214	0,583
Considero o meu animal de estimação um membro da família	4,91	0,786	0,874			
Prefiro viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo em casa	4,72	0,713	0,792			
<u>F3 - Motivações económicas</u>	4,20			1,030	21,047	0,546
Sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação	3,93	0,713	0,705			
Considero mais barato e conveniente viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo com terceiros	3,81	0,770	0,859			

5.5. Constrangimentos sentidos ao viajar com animais

Foram colocadas aos inquiridos questões relativas aos constrangimentos sentidos em viagens realizadas com animais de estimação, nomeadamente ao nível específico do animal, ao nível interpessoal e ao nível estrutural (tabela 5.5.).

As respostas às questões relativas às especificidades do animal de estimação (*“O meu animal de estimação não tem autocontrolo”, “O meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar”, “O meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente”, “A viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação”, “Em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens”*) indicam discordância por parte dos inquiridos, isto é, as afirmações apresentadas não são consideradas pelos inquiridos como sendo constrangimentos à realização de viagens com animais de estimação. Os resultados obtidos no presente estudo são coincidentes com os resultados obtidos nos estudos desenvolvidos por Chen et al. (2013), por Chen et al. (2014) e por Hung et al. (2016), na medida em que as amostras populacionais estudadas pelos autores discordam da existência de constrangimentos específicos dos animais de estimação nas viagens que realizam na companhia destes. A questão com a qual os inquiridos mais discordaram relaciona-se com a perceção do proprietário relativamente à *adequação da realização de viagens* pelos animais de estimação ($M=1,53$), ou seja, os inquiridos, no geral, consideram adequado que os seus animais de estimação realizem viagens, pois não consideram as viagens perigosas para os mesmos ($M=1,56$). Quanto à *disposição* dos animais ($M=1,57$), nomeadamente o facto de se sentirem cansados ou aborrecidos, os inquiridos discordam que este aspeto seja um constrangimento à realização de viagens. A falta de *autocontrolo* dos animais ($M=1,71$) e o facto de não gostarem de *ambientes que lhes sejam desconhecidos* ($M=1,90$) são os dois fatores que, para os inquiridos, mais constroem as viagens que efetuam na companhia dos seus animais de estimação, embora discordem moderadamente de ambos.

Os constrangimentos interpessoais sentidos nas viagens com animais foram inquiridos com recurso às questões: *“Sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais”, “O meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais”, “Não tenho companhia para viajar comigo e com o meu animal”, “O meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas”*. Numa

perspetiva generalizada, os inquiridos discordaram das afirmações apresentadas, o que indica não sentirem constrangimentos interpessoais significativos nas viagens que realizam com os seus animais de estimação. Os resultados apresentados coincidem com os resultados obtidos nas investigações levadas a cabo por Chen et al. (2013), por Chen et al. (2014) e por Hung et al. (2016), pois os inquiridos, no geral, não sentiram constrangimentos interpessoais nas viagens realizadas na companhia dos seus animais de estimação, ainda que os resultados tenham sido superiores aos obtidos no parâmetro relativo aos constrangimentos específicos dos animais de estimação.

Os constrangimentos estruturais são aqueles que mais constroem as viagens na companhia de animais de estimação. O presente estudo apresenta resultados semelhantes aos obtidos nos estudos elaborados por Chen et al. (2013), por Chen et al. (2014) e por Hung et al. (2016), uma vez que os inquiridos concordam moderadamente com a existência de constrangimentos estruturais nas viagens realizadas com os respetivos animais de estimação. O fator *custos adicionais* (M=3,50) é claramente aquele que é mais constrangedor para os inquiridos. Seguidamente, os inquiridos apontam a *falta de equipamentos e infraestruturas* à disposição dos turistas no destino (M=2,64) e a dificuldade em obter *informação* aquando do planeamento da viagem (M=2,50). Embora de forma menos expressiva, os inquiridos consideraram o *destino desadequado* para receber os animais de estimação (M=1,87), uma vez que não lhes foi possível *participar em atividades* por terem que cuidar dos seus animais em simultâneo (M=1,89). Uma vez que estas não incluíam animais, parte do *tempo de lazer* aos inquiridos (M=1,66) acabou por ser consumido. Ainda assim, os inquiridos discordam totalmente que viajar na companhia dos seus animais de estimação seja um *inconveniente* (M=1,36).

Em suma, pode concluir-se, através dos resultados obtidos, que os constrangimentos estruturais são aqueles que têm maior influência nas viagens com animais de estimação. A investigação desenvolvida por Dotson et al. (2010) acrescenta que os constrangimentos sentidos pelos proprietários de animais de estimação se traduzem num número muito inferior de viagens realizadas com os seus animais de estimação do que os proprietários desejariam. Carr e Cohen (2009), Dotson et al (2010) e Kirillova et al. (2015), consideram que o lado da oferta detém o papel fulcral na diminuição dos constrangimentos sentidos e que as *facilities* adotadas pelos gestores turísticos se traduziriam automaticamente no aumento exponencial do número de viagens com animais. Ainda assim, numa perspetiva

generalizada, os inquiridos que realizaram viagens na companhia dos seus animais de estimação não sentiram grandes constrangimentos.

Tabela 5.5. Constrangimentos sentidos ao viajar com animais de estimação

Constrangimentos	N	Frequência relativa					Média	Desvio-padrão
		1	2	3	4	5		
Viajar com o meu animal de companhia envolve custos adicionais	219	54	21	54	36	54	3,07	1,496
O destino não dispõe de equipamentos/infraestruturas para animais	219	62	33	66	38	20	2,64	1,304
É difícil encontrar informações que me ajudem a planear a viagem com o meu animal de estimação	219	73	33	59	39	15	2,50	1,301
O meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar	219	125	31	30	26	7	1,90	1,211
Não posso participar numa atividade porque tenho que cuidar do meu animal em simultâneo	219	122	29	44	18	6	1,89	1,152
O destino não é adequado para o meu animal (por exemplo, o clima)	219	128	30	29	26	6	1,87	1,195
O meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais	219	139	26	39	7	8	1,72	1,094
O meu animal de estimação não tem autocontrole	219	124	48	36	9	2	1,71	,946
O meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas	219	136	35	32	12	4	1,69	1,029
Viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer	219	138	36	30	11	4	1,66	1,011
Não tenho companhia para viajar comigo e com o meu animal	219	150	31	24	10	4	1,57	,981
O meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente	219	144	35	32	7	1	1,57	,888
A viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação	219	146	35	26	12	0	1,56	,903
Em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens	219	148	38	23	8	2	1,53	,890
Levar o meu animal de companhia é inconveniente	219	177	30	13	3	6	1,36	,874
Sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais	219	181	21	8	7	2	1,30	,767

Análise fatorial dos constrangimentos decorrentes das viagens com animais de estimação

Procedeu-se à realização de uma ACP por forma a interpretar mais convenientemente os constrangimentos sentidos pelos inquiridos, nas viagens realizadas na companhia dos seus animais de estimação (tabela 5.6.). A ACP foi aplicada, com recurso ao método de rotação ortogonal varimax, aos 15 itens, para que cada variável ficasse associada somente a um fator. Os resultados da Análise de Componentes Principais aplicada às variáveis da tabela 5.6. demonstram uma análise fatorial adequada ($KMO=0,799$), existindo correlação entre as variáveis, uma vez que o nível de significância do teste de Bartlett é igual a 0,000 e as comunalidades apresentam valores superiores a 0,5 (há exceção de um item). Estes resultados apresentam ainda uma solução de três fatores que explicam aproximadamente 64% da variância total.

A análise de componentes deu origem aos fatores *constrangimentos económicos e pessoais*, *constrangimentos do comportamento do animal*, *constrangimentos estruturais* e *constrangimentos da personalidade do animal*, perfazendo um total de quatro fatores, designados em concordância com as categorias das variáveis que os compõem. Esta solução mostra não ser totalmente adequado utilizar a categorização proposta pelos autores Chen et al. (2013), Chen et al. (2014) e Hung et al. (2016).

Tanto o fator *constrangimentos do comportamento do animal* como o fator *constrangimentos estruturais* obtiveram igual média, com os valores mais elevados ($M=2,73$), podendo, portanto, considerar-se que são os *constrangimentos estruturais* seguidos dos *constrangimentos do comportamento do animal* que mais constroem os proprietários que viajam na companhia dos seus animais de estimação, o que pode indicar a impreparação da oferta para receber o nicho de mercado *pet travel*, que acaba também por influenciar negativamente o comportamento dos animais.

A medida da consistência interna dos fatores foi verificada com recurso ao Cronbach Alpha. Há exceção do fator *constrangimentos do comportamento do animal*, todos os fatores apresentam valores de Cronbach Alpha superiores a 0,7, o que indica uma consistência aceitável.

Tabela 5.6. Análise fatorial dos constrangimentos sentidos ao viajar com animais de estimação

Componentes	Média	Comunalidade	Factor Loading	Valores próprios	Variância explicada	Cronbach Alpha
<i>F1 – Constrangimentos económicos e pessoais</i>	1,61			5,255	17,428	0,783
Não posso participar numa atividade porque tenho que cuidar do meu animal em simultâneo	1,89	0,714	0,649			
O destino não é adequado para o meu animal (por exemplo, o clima)	1,87	0,678	0,604			
Viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer	1,66	0,717	0,727			
Levar o meu animal de companhia é inconveniente	1,36	0,739	0,819			
Sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais	1,30	0,371	0,443			
<i>F2 – Constrangimentos do comportamento do animal</i>	2,73			2,058	17,084	0,644
O meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais	1,72	0,771	0,857			
O meu animal de estimação não tem autocontrole	1,71	0,650	0,745			
O meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas	1,69	0,639	0,708			
Em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens	1,53	0,580	0,530			
<i>F3 – Constrangimentos estruturais</i>	2,73			1,217	15,132	0,710
Viajar com o meu animal de companhia envolve custos adicionais	3,07	0,688	0,792			
O destino não dispõe de equipamentos/infraestruturas para animais	2,64	0,658	0,785			
É difícil encontrar informações que me ajudem a planear a viagem com o meu animal de estimação	2,50	0,557	0,700			
<i>F4 – Constrangimentos da personalidade do animal</i>	1,67			1,105	14,586	0,696
O meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar	1,90	0,618	0,804			
O meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente	1,57	0,682	0,689			
A viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação	1,56	0,575	0,675			

Análise qualitativa dos constrangimentos sentidos ao viajar com animais de estimação

Por forma a obter informação qualitativa, foi colocada uma questão aberta aos inquiridos, na qual foi solicitado que expusessem a sua opinião relativamente ao modo como os constrangimentos sentidos poderiam prejudicar as experiências das viagens turísticas realizadas na companhia dos seus animais de estimação.

A partir da análise dos dados obtidos, verificou-se a existência de um elevado número de respostas em que foi feita referência a constrangimentos de ordem estrutural, relacionados com o desajuste da oferta turística para receber e acomodar convenientemente animais de estimação. A maior parte dos inquiridos mencionou:

- a) as dificuldades sentidas em obter informações que lhes permitissem planear as suas viagens;
- b) a falta de oferta turística que aceite animais, e nos estabelecimentos que aceitam, a restrição do número de animais por hóspede, bem como a restrição do peso máximo dos animais permitidos (que em muitos casos não pode exceder os 10kg);
- c) a falta de oferta em termos de atividades direcionadas para proprietários e respetivos animais de estimação (o que se acredita que melhoraria a experiência do visitante e, consequentemente, aumentaria a sensação de bem-estar deste);
- d) a falta de equipamentos e infraestruturas, como espaços adequados, munidos das condições necessárias, comedouros, camas, brinquedos, etc.;
- e) os custos adicionais cobrados pelas unidades de alojamento turístico;
- f) e a proibição de entrada de animais em locais públicos.

Também foram mencionados constrangimentos relacionados com o transporte, no que concerne à duração da viagem e à desadequação, quer pelo excesso de burocracia, quer por questões associadas às condições em que os animais de estimação são transportados. Foi referido em algumas respostas, nomeadamente em relação à utilização do avião, constrangimentos no planeamento e no decurso da viagem devido à imposição da utilização de caixas de transporte para transportar os animais de estimação (ao viajarem nas caixas de transporte, os animais apresentavam tendencialmente níveis de stress mais elevados).

Em algumas respostas são salientados constrangimentos específicos do animal de estimação. É entendida como um constrangimento a desadequação do comportamento do próprio animal. Uma vez expostos a maiores níveis de stress por estarem em ambientes desconhecidos, rodeados de pessoas que lhes são estranhas, etc., os animais são mais propensos a reagir com alguma agressividade, podendo, portanto, ser, em algum momento, hostis para outras pessoas e/ou outros animais. No entender dos inquiridos, os constrangimentos supramencionados acabam por prejudicar a experiência da viagem na companhia dos seus animais de estimação. Também é feita referência ao clima, que acaba por constituir um constrangimento, posto que condiciona a escolha do destino (por exemplo, um proprietário de um animal de estimação com pelagem espessa evita viajar com o seu animal para destinos em que o clima seja quente e seco, sob pena de prejudicar o bem-estar e a própria saúde do seu animal de estimação).

Ainda que referido num menor número de respostas, alguns inquiridos consideraram ter sentido constrangimentos interpessoais, na medida em que não raras vezes se depararam com o incumprimento das regras por outros proprietários, nomeadamente a não utilização de trela em espaços públicos, o que coloca em causa a segurança de pessoas e animais.

5.6. Benefícios percebidos da realização de viagens turísticas na companhia de animais

Segundo os resultados obtidos, os inquiridos concordaram bastante com as afirmações apresentadas, relativas aos benefícios percebidos de viajar com animais de estimação (tabela 5.7.).

Como principais benefícios experimentados, decorrentes das viagens realizadas na companhia dos seus animais de estimação, os inquiridos concordam quase na totalidade com o aspeto *felicidade* (M=4,65). Concordam bastante com os aspetos: *diversão* (M=4,47); companhia, na medida em que sentem menos *solidão* nas viagens realizadas com os seus animais de estimação (M=4,46); sentem-se mais *seguros* (M=4,26) e *relaxados* (M=4,24). Os inquiridos indicaram praticar mais *exercício físico* (M=4,19) quando viajam com os seus animais e concordam que esse fator contribui para o aumento da sua sensação de bem-estar. Viajar com os respetivos animais de estimação permitiu

aos inquiridos *desfrutar mais da viagem* (M=4,02) e melhorou a *ligação* proprietário – animal de estimação (M=4,18). Os aspetos cuja média de concordância foi moderada remetem para a interação com terceiros. Os inquiridos concordam moderadamente que viajar com os seus animais lhes trouxe como benefício a *interação com desconhecidos* (M=3,96) e a *partilha de experiências com outros proprietários de animais* (M=3,95). O aspeto que mereceu menor nível de concordância dos inquiridos prende-se com o *aumento dos níveis de energia* nas viagens com os respetivos animais de estimação (M=3,98).

O estudo de Carr e Cohen (2009) obteve também resultados semelhantes: os autores salientam a importância dada ao vínculo afetivo entre proprietário e animal de estimação, na medida em que o proprietário considera os seus animais de estimação membros da família e os seus melhores amigos, o que o leva a disfrutar da boa companhia destes também nas viagens que realiza e a que se sinta mais seguro. O estudo desenvolvido pelos autores supramencionados mostra, ainda, que os inquiridos indicaram sentir maior relaxamento e desfrutaram mais da viagem turística por viajarem na companhia dos seus animais de estimação. Resultados coincidentes obteve também a investigação de Kirilova et al. (2015), o que leva a concluir que os benefícios percebidos influenciam favoravelmente a decisão de os proprietários viajarem com os seus animais de estimação.

Tabela 5.7. Benefícios percebidos para o turista das viagens com animais de estimação

Benefícios percebidos	N	Frequência relativa					Média	Desvio-padrão
		1	2	3	4	5		
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais feliz	219	0	9	12	25	173	4,65	,765
Viajar com o meu animal de estimação torna a viagem mais divertida	219	0	7	23	48	141	4,47	,809
Não me sinto sozinho se viajar com o meu animal de estimação	219	1	6	26	44	142	4,46	,842
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais seguro	219	5	8	39	40	127	4,26	1,023
Viajar com o meu animal de estimação permite-me relaxar mais	219	3	9	42	43	122	4,24	,991
Viajar com o meu animal de estimação leva-me a praticar mais exercício físico	219	3	12	37	55	112	4,19	,995
Viajar com o meu animal de estimação melhorou a nossa ligação	219	3	8	33	78	97	4,18	,914
Viajar com o meu animal de estimação permite-me desfrutar mais da viagem turística	219	1	15	65	35	103	4,02	1,042
Viajar com o meu animal de estimação permite-me interagir com desconhecidos	219	2	14	58	62	83	3,96	,992
Ao viajar com o meu animal de estimação, encontro outros proprietários de animais com quem partilhar experiências	219	2	13	58	68	78	3,95	,971
Viajar com o meu animal de estimação aumenta os meus níveis de energia	219	2	15	78	50	74	3,82	1,011

Análise fatorial dos benefícios percebidos dos turistas

Procedeu-se à realização de uma ACP, por forma a interpretar mais convenientemente os benefícios percebidos dos inquiridos (tabela 5.8.). A ACP foi aplicada, com recurso ao método de rotação ortogonal varimax, aos 11 itens, para que cada variável ficasse associada apenas a um fator. Os resultados obtidos (tabela 5.8.) demonstram uma análise fatorial adequada ($KMO=0,879$), existindo correlação entre as variáveis, uma vez que o nível de significância do teste de Bartlett é igual a 0,000 e as comunalidades apresentam

valores superiores a 0,7. Estes resultados apresentam ainda uma solução de três fatores que explicam aproximadamente 64% da variância total.

A ACP deu origem aos fatores *melhoria das capacidades psicológicas e socialização* e *melhoria das capacidades físicas*, denominados de acordo com as variáveis que os constituem.

O fator *melhoria das capacidades psicológicas* foi aquele que obteve média mais elevada ($M=4,29$), podendo, portanto, concluir-se que a melhoria das capacidades psicológicas são os benefícios percebidos pelos inquiridos que mais positivamente influenciam as viagens efetuadas na companhia dos seus animais de estimação.

A medida da consistência interna dos fatores foi verificada com recurso ao Cronbach Alpha. Os dois fatores apresentam valores de Cronbach Alpha superiores a 0,9, o que indica uma consistência muito boa.

Tabela 5.8. Análise fatorial dos benefícios percebidos de viajar com animais de estimação, para os turistas

Componentes	Média	Comunalidade	Factor Loading	Valores próprios	Variância explicada	Cronbach Alpha
<i>F1– Melhoria das capacidades psicológicas</i>	4,29			1,656	31,071	0,892
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais feliz	4,65	0,727	0,821			
Viajar com o meu animal de estimação torna a viagem mais divertida	4,47	0,758	0,778			
Não me sinto sozinho se viajar com o meu animal de estimação	4,46	0,625	0,784			
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais seguro	4,26	0,639	0,770			
Viajar com o meu animal de estimação permite-me desfrutar mais da viagem turística	4,02	0,672	0,775			
<i>F2 – Socialização e melhoria das capacidades físicas</i>	4,03			7,327	32,449	0,861
Viajar com o meu animal de estimação permite-me relaxar mais	4,24	0,586	0,697			
Viajar com o meu animal de estimação leva-me a praticar mais exercício físico	4,19	0,490	0,603			
Viajar com o meu animal de estimação melhorou a nossa ligação	4,18	0,686	0,786			
Viajar com o meu animal de estimação permite-me interagir com desconhecidos	3,96	0,756	0,816			
Ao viajar com o meu animal de estimação, encontro outros proprietários de animais com quem partilhar experiências	3,95	0,752	0,826			
Viajar com o meu animal de estimação aumenta os meus níveis de energia	3,82	0,617	0,777			

Análise qualitativa do bem-estar dos turistas

Por forma a obter informação qualitativa que acrescente dados relevantes à informação conseguida através dos métodos quantitativos (ou seja, as respostas fechadas), foi colocada uma questão aberta aos inquiridos, na qual foi solicitado que expusessem em que medidas as experiências das viagens turísticas realizadas na companhia dos seus animais de estimação contribuíram para o aumento da sua sensação de bem-estar.

A partir da análise dos dados obtidos, verificou-se a existência de um elevado número de respostas em que foi feita referência à melhoria dos aspetos psicológicos dos inquiridos. Os inquiridos indicaram perceber bem-estar:

- i) pela melhoria da ligação proprietário-animal de estimação;
- ii) pelo aumento da sensação de segurança;
- iii) pelo aumento da sensação de conforto;
- iv) pela diminuição da sensação de preocupação;
- v) pelo aumento da sensação de felicidade por partilhar as experiências de viagem com os seus animais de estimação;
- vi) pelo aumento da sensação de tranquilidade e relaxamento, associada à diminuição de stress;
- vii) pelo aumento da diversão, uma vez que tendem a existir mais momentos de brincadeiras com os animais.

Ainda que com menor ênfase do que a percepção da melhoria dos aspetos psicológicos, os inquiridos também fizeram referência a melhorias em aspetos físicos e em aspetos de socialização, nomeadamente:

- i) a prática mais regular de exercício físico;
- ii) o aumento dos níveis de energia;
- iii) a interação e partilha de experiências com outros proprietários de animais de estimação;
- iv) a boa companhia dos seus animais de estimação;
- v) a descoberta de novos locais (muito associado aos passeios com os animais de estimação).

Todas as formas mencionadas de percepção do aumento da sensação de bem-estar dos inquiridos permitem concluir que, de um modo geral, estes consideraram que viajar na companhia dos seus animais de estimação torna a viagem mais proveitosa e que é uma forma de conseguir aumentar a sua sensação de bem-estar e a sensação de bem-estar percebida dos seus animais de estimação, de entre outros aspetos, por conseguirem garantir a segurança e a felicidade dos seus animais.

Percepção do bem-estar dos animais de estimação

Os inquiridos foram questionados quanto à sua percepção dos benefícios da realização de viagens turísticas na companhia dos seus proprietários, para os animais de estimação (tabela 5.9.). Concordaram bastante ($M=4,70$) com a questão relativa ao aumento da sensação de *felicidade* experimentada pelos animais de estimação. Os inquiridos indicaram perceber *melhorias no comportamento* dos seus animais fora do ambiente familiar ($M=4,00$ – concordaram bastante). No que remete para a *aceitação mais fácil de estranhos* ($M=3,63$), o nível de concordância diminuiu para moderado, percepção esta que pode estar relacionada com o instinto protetor dos animais de estimação em relação aos seus proprietários.

Os resultados obtidos permitem concluir que as viagens na companhia dos animais de estimação trazem benefícios para os animais. O presente estudo apresenta resultados mais significativos do que o estudo desenvolvido por Hung et al. (2016), no que aos benefícios das viagens para os animais diz respeito. No estudo desenvolvido pelos autores supramencionados, em geral, os inquiridos não consideram que as viagens turísticas tragam benefícios consideráveis para o bem-estar físico dos animais (prática de exercício) nem para novas aprendizagens. Já no estudo desenvolvido por Carr e Cohen (2009) foram obtidos resultados semelhantes aos obtidos na presente investigação. No estudo desenvolvido pelos autores supramencionados, os inquiridos consideraram, de um modo geral, que viajar com os respetivos animais de estimação trouxe benefícios para os animais, como o facto de estes se sentirem mais felizes e de os animais experimentarem níveis de ansiedade e depressão mais baixos. Os autores supramencionados concluíram que uma das razões para os proprietários se fazerem acompanhar pelos seus animais de estimação nas viagens turísticas que realizaram se prende com o desejo de que as viagens tragam benefícios aos seus animais.

Tabela 5.9. Benefícios percebidos para o animal decorrentes das viagens realizadas

Benefícios para o animal	N	Frequência relativa					Média	Desvio-padrão
		1	2	3	4	5		
O meu animal de estimação sente-se mais feliz	219	0	5	15	20	179	4,70	,696
O comportamento do meu animal de estimação fora do ambiente familiar melhorou	219	6	7	53	68	85	4,00	1,005
Com a viagem, o meu animal de estimação passou a aceitar estranhos mais facilmente	219	13	19	72	46	69	3,63	1,182

A medida da consistência interna dos fatores foi verificada com recurso ao Cronbach Alpha. Os fatores apresentaram valores de Cronbach Alpha superiores a 0,8, o que indica uma consistência aceitável.

5.6. Caracterização da viagem

Relativamente às viagens realizadas na companhia de animais de estimação (tabela 5.10.), os resultados obtidos indicam que 56,2% dos inquiridos somente realizaram entre 1 e 2 viagens turísticas na companhia dos seus animais de estimação, nos últimos três anos, com a duração de três ou mais dias. Com percentagem inferior (30,1%) foram realizadas 3 a 4 viagens entre 2014 e 2017. A realização de 5 ou mais viagens na companhia de animais de estimação apenas foi apontada por 13,7% dos inquiridos, correspondendo a 30 o número de viagens feitas pelos inquiridos na companhia dos seus animais de estimação. Por sua vez, os resultados obtidos por Kirillova et al. (2015), no estudo desenvolvido, mostram que a maior parte dos inquiridos se fizeram acompanhar pelos seus animais de estimação em 5 ou mais viagens, o que pode dever-se aos rendimentos auferidos pela amostra populacional utilizada no estudo em questão.

No que respeita ao planeamento das viagens efetuadas, a grande maioria, ou seja, 80,4% dos inquiridos referiu planejar as viagens feitas na companhia dos seus animais de estimação.

Tabela 5.10. Caracterização das viagens realizadas na companhia de animais de estimação

<i>Caracterização da viagem</i>	N	%
<u><i>Frequência da viagem</i></u>		
[1-2]	123	56,2
[3-4]	66	30,1
≥5	30	13,7
<u><i>Planeamento da viagem</i></u>	174	80,4

Os indivíduos que planearam as viagens efetuadas na companhia dos seus animais de estimação utilizaram com maior frequência, como fonte de informação, *amigos/familiares* (M=3,55) (tabela 5.11.). Seguidamente, foi a *Internet/Websites* a fonte de informação preferencial dos inquiridos (M=3,37). As restantes fontes de informação foram raramente utilizadas, sendo que foram utilizadas, por ordem decrescente de frequência: a *clínica veterinária* (M=1,72); seguida da *agência de viagens* (M=1,45); com menor frequência de utilização (M=1,39), os inquiridos indicaram utilizar *revistas/jornais*; as fontes de informação menos utilizadas pelos inquiridos foram a *televisão/rádio* (M=1,33) e o *centro de informação turística* (M=1,25).

Os dados apresentados permitem, então, concluir que os indivíduos que viajam com os seus animais de estimação utilizam como fontes de informação principais no planeamento das suas viagens o WOM, através de trocas de informações com os amigos ou os familiares, e a Internet. Os resultados obtidos no presente estudo vão ao encontro dos obtidos nas investigações levadas a cabo por Carr e Cohen (2009) e por Kirillova et al. (2015), quanto às fontes de informação preferencialmente utilizadas no planeamento das viagens a efetuar na companhia de animais de estimação.

Tabela 5.11. Frequência de utilização das fontes de informação no planeamento de viagens com animais de estimação

Fontes de informação	N	Frequência relativa					Média	Desvio-padrão
		1	2	3	4	5		
Amigos / Familiares	219	40	11	42	41	85	3,55	1,493
Internet / Websites	219	51	17	30	43	78	3,37	1,584
Clínica Veterinária	219	148	26	18	12	15	1,72	1,234
Agência de Viagens	219	159	33	20	3	4	1,45	,857
Revistas / Jornais	219	167	26	20	4	2	1,39	,802
Televisão / Rádio	219	180	15	18	3	3	1,33	,797
Centro de Informação turística	219	186	19	10	1	3	1,25	,686

Para efetuar viagens com animais de estimação, o meio de transporte preferencial é o *carro*, segundo 96,8% dos inquiridos (tabela 5.12.). Com considerável menor expressão, os inquiridos indicaram utilizar o *avião* (21,0%). Meios de transporte como o *comboio* (5,9%), o *autocarro* (5,9%), o *barco* (2,3%) são claramente menos utilizados nas viagens realizadas com animais de estimação. 2,7% dos inquiridos apontaram ainda a utilização de outros meios de transporte, tais como a autocaravana ou a bicicleta.

No estudo desenvolvido por Kirillova et al. (2015), também foi o carro o meio de transporte de eleição, seguido do avião, o que mostra a concordância dos resultados obtidos nos dois estudos.

Estes resultados devem-se ao facto de o carro ser o meio de transporte que confere maior autonomia ao turista que viaja com os seus animais de estimação.

Tabela 5.12. Meios de transporte utilizados nas viagens com animais de estimação

<i>Meios de transporte</i>	N	%
<i>Carro</i>	212	96,8
<i>Avião</i>	46	21,0
<i>Comboio</i>	16	7,3
<i>Autocarro</i>	13	5,9
<i>Outro</i>	6	2,7
<i>Barco</i>	5	2,3

Os meios de alojamentos utilizados por mais de metade dos inquiridos para viajar na companhia dos seus animais de estimação são a *casa alugada* (59,4%) e a *casa de amigos/familiares* (57,5%) (tabela 5.13.). 25,6% dos inquiridos ficam alojados com os seus animais num *hotel/hostel* e 23,7% opta pelo *turismo rural*. 7,8% utilizam outros meios de alojamento, como parques de campismo, casas de férias próprias e ainda a autocaravana usada como meio de transporte, também ela utilizada com função de alojamento.

A preferência pela *casa alugada* deve-se, a par com a preferência pelo carro como meio de transporte, de ser o meio de alojamento que confere maior liberdade e autonomia ao turista que se faz acompanhar dos seus animais de estimação.

Os resultados obtidos na investigação desenvolvida por Kirillova et al. (2015) diferem dos obtidos na presente investigação. Na investigação dos autores mencionados, o meio de alojamento preferencialmente utilizado pelos inquiridos foi o hotel, seguido da casa de amigos/familiares. A casa alugada, no presente estudo o meio de alojamento de eleição, foi, na investigação dos autores supramencionados, um dos meios de alojamento menos utilizados pelos inquiridos.

Tabela 5.13. Meios de alojamento utilizados nas viagens com animais de estimação

<i>Alojamento</i>	N	%
<i>Casa alugada</i>	130	59,4
<i>Casa de amigos / familiares</i>	126	57,5
<i>Hotel / hostel</i>	56	25,6
<i>Turismo rural</i>	52	23,7
<i>Outro</i>	17	7,8

5.8. Identificação e caracterização dos clusters

Foi realizada uma análise de Clusters Hierárquica (com recurso ao método Ward e à distância euclidiana ao quadrado) para identificar grupos homogêneos de turistas que viajam na companhia dos seus animais de estimação, utilizando os 11 itens dos benefícios percebidos para turistas e os 3 itens dos benefícios percebidos para os animais de estimação como variáveis de entrada. Os segmentos formados foram subsequentemente comparados nas mesmas variáveis (benefícios percebidos), recorrendo ao teste ANOVA. Em relação às restantes variáveis analisadas na presente dissertação, foram utilizados o teste do qui-quadrado e da ANOVA para verificar a existência de associação entre as variáveis.

Foi mantida uma solução de três grupos, após terem sido examinados o cronograma de aglomeração e o dendograma.

As designações dos clusters foram escolhidas com base no principal objetivo da presente investigação de avaliar o bem-estar dos turistas e respetivos animais de estimação. Optou-se por distingui-los de acordo com a associação entre a ligação afetiva proprietário-animal de estimação e a perceção de bem-estar decorrente das viagens realizadas em conjunto. O Cluster 1 foi denominado *Pet-friendly*, o Cluster 2 foi designado *Pet-owner* e ao Cluster 3 foi atribuído o nome *Pet-traveller*.

A atribuição da denominação *Pet-traveller* ao Cluster 3 deve-se ao facto de ser o cluster que retira maiores benefícios em todas as variáveis apresentadas, tanto relativas ao turista, como relativas aos animais de estimação.

A designação *Pet-friendly* foi atribuída ao Cluster 1, uma vez que é aquele que retira benefícios superiores ao valor médio em grande parte das variáveis apresentadas.

A nomenclatura *Pet-owner* foi escolhida para o Cluster 2 por ser o cluster que apresenta valores inferiores aos valores médios das variáveis para o total da amostra, pelo que se considera que o é aquele que percebe menores benefícios de viajar acompanhado de animais.

Benefícios das viagens realizadas para os turistas

Para confirmar a existência de associação entre as variáveis relativas aos benefícios percebidos decorrentes das viagens na companhia de animais de estimação dos clusters identificados (tabela 5.14.), realizou-se o teste Anova. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis, uma vez que o *p-value* do teste é sempre igual a 0,000.

Comparando os clusters identificados, concluiu-se que o Cluster 3 (*Pet-traveller*) apresenta valores médios superiores ao valor médio em todas as variáveis para o total da amostra, o que indica que sente benefícios a todos os níveis, ao viajar com os seus animais de estimação.

No Cluster 1 (*Pet-friendly*) verifica-se uma realidade semelhante ao observado no Cluster 3, no entanto, quanto aos benefícios percebidos em relação à *socialização e melhoria das capacidades físicas*, os itens *ao viajar com o meu animal de estimação*, *encontro outros proprietários de animais com quem partilhar experiências* (M=3,95) e *viajar com o meu animal de estimação aumenta os meus níveis de energia* (M=3,67) apresenta valores inferiores ao valor médio para o total da amostra, o que pode estar relacionado com o perfil sociodemográfico dos indivíduos que constituem o cluster em questão, uma vez que são mais velhos e se pressupõe que possam ter menos energia e menor predisposição para socializar com desconhecidos.

O Cluster 2 (*Pet-owner*) é aquele que sente menos benefícios ao viajar com os seus animais de estimação, tanto a nível psicológico como a nível físico e social. Os dados obtidos podem decorrer do facto de este cluster ser aquele com menor motivação para viajar com os seus animais de estimação e de, simultaneamente, ser o que percebe mais constrangimentos nas viagens que realiza.

Benefícios das viagens realizadas para os animais de estimação

Para confirmar a existência de associação entre as variáveis relativas aos benefícios percebidos para os animais de estimação dos clusters identificados (tabela 5.14.), realizou-se o teste Anova. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis, uma vez que o *p-value* do teste é sempre igual a 0,000.

Comparando os clusters identificados, concluiu-se que o Cluster 3 (*Pet-traveller*) apresenta valores médios superiores ao total em todas as variáveis, o que indica que os animais de estimação do Cluster 3 se sentem mais felizes por efetuar viagens com o proprietário, que melhoram o comportamento fora do seu ambiente habitual e que aceitam desconhecidos com maior facilidade.

No Cluster 1 (*Pet-friendly*) também se verificam valores superiores à média total para a amostra na variável *o meu animal de estimação sente-se mais feliz* (M=4,92) e inferiores nas restantes variáveis - *o comportamento do meu animal de estimação fora do ambiente familiar melhorou* (M=3,98) e *com a viagem, o meu animal de estimação passou a aceitar estranhos mais facilmente* (M=3,49). Ou seja, o Cluster 1 percebe uma maior sensação de felicidade nos seus animais de estimação, mas não considera que estes melhorem o seu comportamento em ambientes que lhes são estranhos nem que aceitem mais facilmente pessoas desconhecidas.

Somente o Cluster 2 (*Pet-owner*) apresenta valores inferiores à média total para a amostra em todas as variáveis que compõem os benefícios percebido para os animais de estimação. Posto isto, conclui-se que o Cluster 2 considera que as viagens não trouxeram benefícios aos seus animais de estimação nem relativamente à sensação de felicidade dos animais, nem ao nível do comportamento, nem em questões de sociabilização.

Os dados obtidos mostram que os *benefícios percebidos para os animais de estimação* são entendidos pelos inquiridos como benefícios de grande relevância, decorrentes da realização de viagens com os animais. Contudo, os benefícios variam entre os clusters, estando associados ao vínculo afetivo destes com os seus animais de estimação e à espécie que detenham.

Tabela 5.14. Comparação dos clusters em termos de variáveis utilizadas para a sua formação (Anova)

Perfil de clusters – variáveis utilizadas na sua formação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANOVA	
	Média	Média	Média	Média	<i>F</i>	<i>p-value</i>
O meu animal de estimação sente-se mais feliz	4,70	4,92	4,05	5,00	54,650	0,000
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais feliz	4,65	4,93	3,85	5,00	77,900	0,000
Viajar com o meu animal de estimação torna a viagem mais divertida	4,47	4,77	3,53	4,92	116,715	0,000
Não me sinto sozinho se viajar com o meu animal de estimação	4,46	4,75	3,65	4,79	58,797	0,000
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais seguro	4,26	4,59	3,20	4,77	75,971	0,000
Viajar com o meu animal de estimação permite-me desfrutar mais da viagem turística	4,02	4,33	2,97	4,56	71,385	0,000
Viajar com o meu animal de estimação permite-me relaxar mais	4,24	4,45	3,27	4,85	70,660	0,000
Viajar com o meu animal de estimação leva-me a praticar mais exercício físico	4,19	4,41	3,12	4,89	100,422	0,000
Viajar com o meu animal de estimação melhorou a nossa ligação	4,18	4,27	3,22	4,97	117,611	0,000
O comportamento do meu animal de estimação fora do ambiente familiar melhorou	4,00	3,98	3,18	4,82	64,186	0,000
Viajar com o meu animal de estimação permite-me interagir com desconhecidos	3,96	3,99	2,95	4,89	123,686	0,000
Ao viajar com o meu animal de estimação, encontro outros proprietários de animais com quem partilhar experiências	3,95	3,95	3,00	4,85	112,808	0,000
Viajar com o meu animal de estimação aumenta os meus níveis de energia	3,82	3,67	3,03	4,81	87,450	0,000
Com a viagem, o meu animal de estimação passou a aceitar estranhos mais facilmente	3,63	3,49	2,72	4,74	78,702	0,000
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total						

5.8.1. Perfil dos clusters

Perfil sociodemográfico dos clusters identificados

Analisando o perfil sociodemográfico dos clusters identificados (tabela 5.15.), com recurso aos testes Anova e Qui-quadrado, verificam-se diferenças estatisticamente significativas em termos de género ($p=0,000$), já que o nível de significância do teste Qui-quadrado é inferior a 0,05. Nas variáveis idade ($p=0,165$), estado civil ($p=0,519$), nível de escolaridade ($p=0,364$) e rendimento líquido individual mensal ($p=0,610$) não se verificam diferenças entre os clusters, uma vez que o *p-value* dos testes Anova e Qui-quadrado é superior a 0,05 em todas elas.

Tanto no Cluster 1 como no Cluster 3 se verifica a predominância de indivíduos do género feminino (83,5% e 79,0%, respetivamente).

O *Pet-owner* (Cluster 2) é composto maioritariamente indivíduos do género masculino (55,0%), ainda que se observe uma percentagem relativamente equilibrada entre os géneros (com 45% de pessoas do género feminino), comparativamente com os restantes clusters.

Tabela 5.15. Perfil sociodemográfico dos clusters identificados (ANOVA, X² Test)

Perfil de clusters – Caracterização da amostra	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANO VA		X ² Test	
	Média	Média	Média	Média	<i>F</i>	<i>p-value</i>	<i>X²</i>	<i>p-value</i>
<u>Idade</u>	36,52	38,14	35,80	34,66	1,820	0,165		
<u>Género</u>	%	%	%	%				
<i>Feminino</i>	71,7%	83,5%	45,0%	79,0%			29,738	0,000
<i>Masculino</i>	28,3%	16,5%	55,0%	21,0%				
<u>Estado Civil</u>								
<i>Solteiro</i>	50,7%	46,4%	53,3%	54,8%			1,312	0,519
<i>Outro</i>	49,3%	53,6%	46,7%	45,2%				
<u>Nível de Escolaridade</u>								
<i>Ensino Superior</i>	73,5%	69,1%	75,0%	79,0%			2,021	0,364
<i>Outro</i>	26,5%	30,9%	25,0%	21,0%				
<u>Rendimento líquido individual</u>								
<i><€500</i>	16,4%	17,5%	16,7%	14,5%			4,496	0,610
<i>[€500 - €1000[</i>	47,5%	40,2%	55,0%	51,6%				
<i>[€1000 - €2000[</i>	26,9%	32,0%	21,7%	24,2%				
<i>>€2000</i>	9,1%	10,3%	6,7%	9,7%				

Identificação dos animais de estimação

Comparando o perfil dos animais de estimação dos clusters identificados (tabela 5.16.), com recurso aos testes Anova e Qui-quadrado, observaram-se diferenças estatisticamente significativas na variável cão ($p=0,031$), pois o p -value do teste Qui-quadrado é inferior a 0,05. Nas variáveis *número de animais* ($p=0,394$), *gato* ($p=0,204$) e *porte dos animais de estimação*, entre as variáveis *pequeno* ($p=0,399$), *médio* ($p=0,634$) e *grande* ($p=0,057$), não se verificaram diferenças, posto que o nível de significância dos testes Anova e Qui-quadrado é superior a 0,05.

O Cluster 3 (*Pet-traveller*) e o Cluster 1 (*Pet-friendly*) são os clusters que detêm maiores percentagens de cães (90,3% e 85,6%, respetivamente). O Cluster 2 (*Pet-owner*), ainda que detenha maior percentagem de cães do que de gatos, é, dos três clusters identificados, aquele que detém menos animais da espécie canídeos.

Tabela 5.16. Perfil dos animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA, X² Test)

Perfil de clusters – animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANOVA		X ² Test	
		Média	Média	Média	F	p- value	X ²	p- value
<u>Nº de Animais</u>	1,70	1,81	1,55	1,66	0,935	0,394		
	%	%	%	%				
<u>Espécies</u>								
	Cão	83,6%	85,6%	73,3%			6,917	0,031
	Gato	25,1%	25,8%	31,7%			3,184	0,204
<u>Porte dos animais</u>								
Pequeno	62,6%	58,8%	61,7%	69,4%			1,840	0,399
Médio	27,2%	29,9%	27,1%	23,0%			0,913	0,634
Grande	23,3%	23,9%	13,3%	22,6%			5,717	0,057
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total								

Motivações para viajar com os animais de estimação

Analizando as motivações para viajar na companhia de animais de estimação dos clusters identificados (tabela 5.17.), com recurso ao teste Anova, verificam-se diferenças estatisticamente significativas nas *motivações específicas do animal* ($p=0,001$) e nas *motivações económicas* ($p=0,000$), visto que o nível de significância do teste Anova é inferior a 0,05. Na variável relativa às *motivações emocionais* ($p=0,450$) não são observadas diferenças entre os clusters, pois o *p-value* é superior a 0,05.

Dentro das motivações específicas do animal, não se verificam diferenças entre os clusters, uma vez que o nível de significância do teste Anova é superior a 0,05, nas variáveis: *considero as necessidades do meu animal de estimação ao planear a viagem* ($p=0,324$); *considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono* ($p=0,166$); *prefiro destinos pet-friendly para viajar com o meu animal de estimação* ($p=0,073$).

A variável *considero o meu animal de estimação um membro da família* ($p=0,076$), associada fator das motivações emocionais, não apresenta diferenças entre os clusters, visto que o *p-value* do teste Anova é superior a 0,05. Na variável *prefiro viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo em casa* ($p=0,000$), por sua vez, existem diferenças estatisticamente significativas, pois o nível de significância do teste Anova é inferior a 0,05.

Quanto às variáveis afetas ao fator das motivações económicas, na variável *sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação* ($p=0,000$) verificam-se diferenças estatisticamente significativas, porque o *p-value* do teste Anova é inferior a 0,05. Na variável *considero mais barato e conveniente viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo com terceiros* ($p=0,835$) não são contempladas diferenças entre os clusters, uma vez que o nível de significância do teste é superior a 0,05.

Comparando os clusters, concluiu-se que o *Pet-traveller* (Cluster 3) apresenta valores médios superiores aos valores médios para o total da amostra em todos os fatores motivacionais ($M=4,91$). No Cluster 1 (*Pet-friendly*) também se verificam valores superiores aos valores médios para o total da amostra em grande parte dos fatores motivacionais. Somente o *Pet-owner* (Cluster 2) não apresenta valores superiores aos

valores médios para o total da amostra em nenhuma das variáveis dos fatores motivacionais.

Os dados obtidos indicam que as *motivações específicas do animal* e as *motivações económicas* dos inquiridos para viajar com os seus animais de estimação se traduzem em benefícios bastante relevantes para o bem-estar percebido dos próprios e dos seus animais de estimação. Dentro das motivações económicas, a média da variável *sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação* difere entre os clusters, o que indica que o Cluster 3 (*Pet-traveller*) é aquele que mais é motivado a viajar se o fizer na companhia dos seus animais de estimação (M=4,31). Também o Cluster 1 (*Pet-friendly*) se sente motivado a viajar se puder fazê-lo na companhia dos seus animais (M=4,02). Já o Cluster 2 (*Pet-owner*) não é substancialmente motivado a viajar caso se faça acompanhar dos seus animais de estimação (M=3,38).

Pode, portanto, concluir-se que o *Pet-traveller* e o *Pet-friendly* são os clusters mais motivados a viajar com os seus animais de estimação.

Tabela 5.17. Motivações para viajar com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA)

Perfil de clusters – motivações para a realização de viagens na companhia de animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANOVA	
	Média	Média	Média	Média	<i>F</i>	<i>p-value</i>
<u>Motivações específicas do animal</u>	4,63	4,73	4,43	4,67	7,518	0,001
Considero as necessidades do meu animal de estimação ao planear a viagem	4,56	4,59	4,43	4,63	1,134	0,324
Considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono	4,48	4,46	4,35	4,63	1,809	0,166
Prefiro destinos <i>pet-friendly</i> para viajar com o meu animal de estimação	4,26	4,37	4,03	4,31	2,652	0,073
<u>Motivações emocionais</u>	4,18	4,22	4,08	4,23	0,802	0,450
Considero o meu animal de estimação um membro da família	4,91	4,97	4,83	4,90	2,607	0,076
Prefiro viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo em casa	4,72	4,84	4,43	4,81	8,607	0,000
<u>Motivações económicas</u>	4,20	4,24	3,87	4,47	9,378	0,000
Sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação	3,93	4,02	3,38	4,31	13,929	0,000
Considero mais barato e conveniente viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo com terceiros	3,81	3,85	3,73	3,84	0,181	0,835
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total						

Constrangimentos decorrentes das viagens turísticas realizadas na companhia dos animais de estimação

Através da utilização do teste Anova para analisar os constrangimentos sentidos nas viagens realizadas com animais de estimação dos clusters identificados (tabela 5.18.), verificam-se diferenças estatisticamente significativas nos *constrangimentos económicos e pessoais* ($p=0,022$) e nos *constrangimentos da personalidade do animal* ($p=0,000$), uma vez que o nível de significância do teste Anova é inferior a 0,05. Nas variáveis relativas aos *constrangimentos do comportamento do animal* ($p=0,105$) e aos *constrangimentos estruturais* ($p=0,105$), não se verificaram diferenças, já que o nível de significância do teste Anova é superior a 0,05.

Dentro das variáveis que constituem os constrangimentos económicos e pessoais, duas variáveis apresentam diferenças estatisticamente significativas e em três não se observam diferenças entre os clusters. Nas variáveis *não posso participar numa atividade porque tenho que cuidar do meu animal em simultâneo* ($p=0,134$), *o destino não é adequado para o meu animal (por exemplo, o clima)* ($p=0,063$), *sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais* ($p=0,093$) não se verificam diferenças entre os clusters, posto que o *p-value* Anova do teste é superior a 0,05. Nas variáveis *viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer* ($p=0,022$) e *levar o meu animal de companhia é inconveniente* ($p=0,028$) existem diferenças estatisticamente significativas, porque o nível de significância do teste Anova é inferior a 0,05.

Todas as variáveis que compõem os constrangimentos do comportamento do animal de estimação apresentam diferenças estatisticamente significativas, pois o *p-value* do teste Anova é inferior a 0,05: *o meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais* ($p=0,024$), *o meu animal de estimação não tem autocontrole* ($p=0,014$), *o meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas* ($p=0,000$), *em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens* ($p=0,000$).

Em nenhuma das variáveis identificadas que formam os constrangimentos estruturais existem diferenças entre os clusters, uma vez que o nível de significância do teste Anova é superior a 0,05: *viajar com o meu animal de companhia envolve custos adicionais* ($p=0,376$), *o destino não dispõe de equipamentos/infraestruturas para animais* ($p=0,075$)

e é difícil encontrar informações que me ajudem a planejar a viagem com o meu animal de estimação ($p=0,278$).

Nas variáveis que constituem os constrangimentos da personalidade do animal de estimação, somente a variável *a viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação* ($p=0,111$) não apresenta diferenças entre os clusters, sendo que é a única variável cujo o nível de significância do teste Anova é superior a 0,05. As variáveis *o meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar* ($p=0,000$) e *o meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente* ($p=0,019$), por seu turno, apresentam diferenças estatisticamente significativas, visto que o *p-value* do teste Anova é inferior a 0,05.

Ao comparar os clusters identificados, concluiu-se que os dados obtidos se revelam positivos, na medida em que os constrangimentos decorrentes das viagens realizadas com os animais de estimação não têm impacto significativo nos benefícios obtidos, ou seja, os benefícios sobrepõem-se claramente aos constrangimentos.

O Cluster 3 (*Pet-traveller*) é aquele que sente menores constrangimentos nas viagens que realiza na companhia dos seus animais de estimação.

No Cluster 1 (*Pet-friendly*) apenas se verificam valores superiores à média total para a amostra nos *constrangimentos económicos e pessoais*, nomeadamente nos parâmetros *viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer* ($M=1,70$) e *levar o meu animal de companhia é inconveniente* ($M=1,37$).

O Cluster 2 (*Pet-owner*) sente constrangimentos a todos os níveis. Contudo, uma vez que, o *Pet-owner* é aquele detém mais animais de estimação (tanto cães como gatos), pode admitir-se que os constrangimentos sentidos podem dever-se à posse da maior percentagem de gatos (31,7%) dos três clusters, cuja espécie tem características de personalidade que impedem um vínculo afetivo com o proprietário tão expressivo. A percepção de constrangimentos também se pode relacionar com fraca frequência de realização de viagens com animais e da falta de recursos financeiros.

Tabela 5.18. Constrangimentos decorrentes da realização de viagens turísticas com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA)

Perfil de clusters – constrangimentos decorrentes da realização de viagens na companhia de animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANOVA	
	Média	Média	Média	Média	<i>F</i>	<i>p-value</i>
<u><i>Constrangimentos económicos e pessoais</i></u>	1,61	1,61	1,81	1,44	3,872	0,022
Não posso participar numa atividade porque tenho que cuidar do meu animal em simultâneo	1,89	2,01	1,95	1,65	2,029	0,134
O destino não é adequado para o meu animal (por exemplo, o clima)	1,87	1,71	2,17	1,82	2,799	0,063
Viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer	1,66	1,70	1,88	1,39	3,900	0,022
Levar o meu animal de companhia é inconveniente	1,36	1,37	1,57	1,15	3,645	0,028
Sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais	1,30	1,25	1,48	1,21	2,405	0,093
<u><i>Constrangimentos do comportamento do animal</i></u>	2,73	2,79	2,89	2,49	2,274	0,105
O meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais	1,72	1,80	1,90	1,40	3,799	0,024
O meu animal de estimação não tem autocontrole	1,71	1,71	1,95	1,45	4,377	0,014
O meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas	1,69	1,63	2,10	1,39	8,116	0,000
Em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens	1,53	1,46	1,95	1,23	11,606	0,000
<i>Constrangimentos estruturais</i>	2,73	2,79	2,89	2,49	2,274	0,105
Viajar com o meu animal de companhia envolve custos adicionais	3,07	3,06	3,27	2,89	0,983	0,376
O destino não dispõe de equipamentos/infraestruturas para animais	2,64	2,74	2,80	2,32	2,627	0,075
É difícil encontrar informações que me ajudem a planear a viagem com o meu animal de estimação	2,50	2,58	2,60	2,27	1,286	0,278
<u><i>Constrangimentos da personalidade do animal</i></u>	1,67	1,57	2,02	1,52	8,110	0,000
O meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar	1,90	1,76	2,45	1,58	9,677	0,000
O meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente	1,57	1,43	1,83	1,52	4,016	0,019
A viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação	1,56	1,51	1,77	1,45	2,219	0,111

Caracterização das viagens com animais de estimação

Para confirmar a existência de associação entre as variáveis que caracterizam as viagens com animais de estimação, realizaram-se os testes Anova e Qui-quadrado (tabela 5.19.). Analisando os resultados obtidos, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na variável *frequência da viagem* ($p=0,001$), visto que o nível de significância do teste Anova é inferior a 0,05. Já a variável *planeamento da viagem* ($p=0,164$) não apresenta diferenças entre os clusters, pois o *p-value* do teste Qui-quadrado é superior a 0,05.

Comparando os clusters identificados, pode observar-se que o *Pet-traveller* é o cluster que viaja com os respetivos animais de estimação com maior frequência ($M=1,85$). É o Cluster 1 (*Pet-friendly*) aquele que menos viagens efetua com os seus animais de estimação.

Pode, com isto, concluir-se que quanto maior for a frequência das viagens efetuadas na companhia dos animais de estimação, maiores serão os benefícios percebidos dos seus praticantes.

Tabela 5.19. Caracterização de viagens com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA, X² Test)

Perfil de clusters – caracterização das viagens realizadas na companhia de animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANOVA		X ² Test	
		Média	Média	Média	F	p- value	X ²	p- value
<u>Frequência da viagem</u>	1,58	1,41	1,55	1,85	7,595	0,001		
	%	%	%	%				
<u>Planeamento da viagem</u>	80,4%	85,6%	73,3%	79,0%			3,613	0,164
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total								

Para confirmar a existência de associação entre as variáveis quanto às fontes de informação mais frequentemente utilizadas no planeamento de viagens com animais de estimação, realizou-se o teste Anova (tabela 5.20.). Analisando o perfil dos clusters identificados quanto às fontes de informação, não se verificaram diferenças entre os clusters nas variáveis *Amigos / Familiares* ($p=0,389$), *Agência de Viagens* ($p=0,822$) e *Centro de Informação turística* ($p=0,827$), porque o nível de significância do teste Anova é superior a 0,05. Observam-se diferenças estatisticamente significativas nas variáveis *Internet / Websites* ($p=0,031$), *Clínica Veterinária* ($p=0,033$), *Revistas / Jornais* ($p=0,001$) e *Televisão / Rádio* ($p=0,000$), posto que o nível de significância do teste Anova é inferior a 0,05.

Comparando os clusters identificados, conclui-se que o *Pet-traveller* (Cluster 3) foi o cluster recorreu às diversas fontes de informação que tinha ao seu dispor para procurar informação, para proceder ao planeamento da viagem na companhia dos seus animais de estimação.

O *Pet-traveller* foi, dos três clusters identificados, aquele que mais frequentemente utilizou como fontes de informação a *Internet / Websites* (M=3,61), a *Clínica Veterinária* (M=2,06), a *Televisão / Rádio* (M=1,74) e as/os *Revistas / Jornais* (M=1,68).

O *Pet-friendly* utilizou a *Internet / Websites* (M=3,48) com maior frequência do que a média total para a amostra.

Tabela 5.20. Fontes de informação utilizadas nas viagens com animais de estimação dos clusters identificados (ANOVA)

Perfil de clusters – fontes de informação utilizadas nas viagens realizadas na companhia de animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	ANOVA	
	Média	Média	Média	Média	<i>F</i>	<i>p-value</i>
Amigos / Familiares	3,55	3,59	3,33	3,69	0,948	0,389
<i>Internet / Websites</i>	3,37	3,48	2,92	3,61	3,520	0,031
Clínica Veterinária	1,72	1,61	1,55	2,06	3,459	0,033
Agência de Viagens	1,45	1,41	1,45	1,50	0,197	0,822
Revistas / Jornais	1,39	1,35	1,17	1,68	6,763	0,001
Televisão / Rádio	1,33	1,20	1,12	1,74	13,132	0,000
Centro de Informação turística	1,25	1,24	1,22	1,29	0,191	0,827
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total						

Para confirmar a existência de associação entre as variáveis relativamente aos meios de transporte mais frequentemente utilizados nas viagens realizadas na companhia de animais de estimação, utilizou-se o teste Qui-quadrado (tabela 5.21.). Neste verificou-se que os meios de transporte *carro*, *comboio*, *autocarro* e *barco* não cumprem os pressupostos do teste, sendo que mais de 20% das células esperam contagem menor que 5, pelo que o teste não pode ser realizado.

O meio de transporte avião não apresenta diferenças entre os clusters identificados ($p=0,829$).

Tabela 5.21. Meios de transporte utilizados nas viagens com animais de estimação dos clusters identificados (X^2 Test)

Perfil de clusters – meios de transporte utilizados nas viagens realizadas na companhia de animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	X^2 Test	
	%	%	%	%	X^2	<i>p-value</i>
Carro	96,8%	97,9%	96,7%	95,2%	0,948 ^a	0,623
Avião	21,0%	21,6%	18,3%	22,6%	0,375	0,829
Comboio	7,3%	6,2%	6,7%	9,7%	0,731 ^a	0,694
Autocarro	5,9%	5,2%	5,0%	8,1%	0,703 ^a	0,704
Barco	2,3%	0,0%	5,0%	3,2%	4,499 ^a	0,105
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total						
^a não são cumpridos os pressupostos						

Para confirmar a existência de associação entre as variáveis relacionadas com os meios de alojamento mais frequentemente utilizados nas viagens efetuadas com animais de estimação, realizou-se o teste Qui-quadrado (tabela 5.22.). Analisando o perfil dos clusters identificados, concluiu-se que não existem diferenças entre os clusters nas variáveis apresentadas (pois o nível de significância do teste Qui-quadrado é superior a 0,05), há exceção da variável *Hotel/hostel* ($p=0,006$), em que se verificam diferenças estatisticamente significativas, porque o *p-value* do teste Qui-quadrado é inferior a 0,05.

O *Hotel/hostel* é utilizado em 40,3% das viagens realizadas pelo *Pet-traveller* (Cluster 3) na companhia dos seus animais de estimação. Os Clusters *Pet-friendly* (Cluster 1) e

Pet-owner (Cluster 2) utilizam o meio de alojamento de forma bastante menos significativa, em apenas 21,6% e 15,7% das viagens que efetuam com os seus animais de estimação, respetivamente.

Tabela 5.22. Meios de alojamento utilizados nas viagens com animais de estimação dos clusters identificados (X² Test)

Perfil de clusters – meios de alojamento utilizados nas viagens realizadas na companhia de animais de estimação	Total da amostra (N = 219)	Cluster 1 <i>Pet-friendly</i> (N = 97)	Cluster 2 <i>Pet-owner</i> (N = 60)	Cluster 3 <i>Pet-traveller</i> (N = 62)	X ² Test	
	%	%	%	%	X ²	p-value
Casa alugada	59,4%	62,9%	53,3%	59,7%	1,406	0,495
Casa de amigos / familiares	57,5%	56,7%	66,7%	50,0%	3,516	0,172
Hotel / hostel	25,6%	21,6%	16,7%	40,3%	10,372	0,006
Turismo rural	23,7%	21,6%	20,0%	30,6%	2,330	0,312
Nota: a negrito estão salientados os valores superiores à média total						

5.9. Conclusão

O capítulo 5 mostrou que o perfil do inquirido que viaja na companhia dos seus animais de estimação é do género feminino, com idade média de 37 anos, solteira, detentora de habilitações literárias ao nível do ensino superior, e auferir entre € 500.00 e € 999.99 de rendimento líquido individual mensal. Viaja em média 1 a 2 vezes em três anos, planeia a viagem recorrendo a amigos e familiares como fontes de informação, prefere viajar de carro e ficar alojada em casas alugadas.

O inquirido que viaja na companhia dos seus animais de estimação tem dois cães de porte pequeno, que considera membros da sua família e com os quais prefere viajar em detrimento de deixá-los ao cuidado de terceiros. Sente maioritariamente

constrangimentos estruturais, que são aqueles relacionados com o desajuste da oferta turística. Considera que as viagens na companhia de animais de estimação trazem benefícios tanto para o proprietário como para os animais de estimação, nomeadamente uma maior sensação de felicidade, mais diversão e ambos são uma boa companhia um para o outro. Consideram ainda que as viagens contribuem para a diminuição dos níveis de abandono.

O perfil dos clusters identificados, indica que o cluster que mais viaja na companhia dos seus animais de estimação é aquele que tem mais motivação para o fazer, que sente menos constrangimentos ao viajar com os seus animais e que, naturalmente, percebe mais benefícios para si e para os seus animais de estimação, decorrentes da realização de cada viagem.

A análise de clusters mostra, ainda, que, consoante o perfil de cada cluster, as características das viagens alteram. As espécies e o número de animais de estimação influenciam os benefícios obtidos das viagens. O cluster que mais viaja com os seus animais (*Pet-traveller*) tende a procurar mais informação, utilizando as diferentes fontes de informação ao seu dispor, de um modo geral. Também tende a viajar utilizando diferentes meios de transporte e a fazer opções diversificadas de meios de alojamento.

Capítulo 6 – Conclusão

6.1. Introdução

O Capítulo 6 prevê a apresentação das principais conclusões do estudo desenvolvido, a apresentação das contribuições a nível teórico e a nível prático e, ainda, a exposição das limitações sentidas e de recomendações para investigações futuras.

6.2. Principais conclusões

O turismo é um conceito multidisciplinar.

O fenómeno turístico tende a crescer significativamente nos anos vindouros, pois existem cada vez mais *facilities* para as pessoas se deslocarem de um para outro lugar. Também o fácil acesso à informação conduz a que o segmento do Turismo cresça. Estes aspetos impulsionaram a cultura da viagem, tão associada ao novo perfil do turista, o qual procura satisfazer os seus desejos e necessidades, aumentando a sensação de bem-estar percebido.

O conceito de bem-estar ocupa agora um lugar central na vida humana, que pretende sentir satisfação com a sua vida, através da experimentação de emoções positivas e de sensações de prazer, com as quais as experiências turísticas estão relacionadas. O turismo exerce influência mais significativa no bem-estar subjetivo dos indivíduos, uma vez que resulta de sensações imediatas. Contudo, também é pertinente afirmar que o turismo tem, ainda, impactes no bem-estar psicológico dos praticantes, na medida em que permite o crescimento psicológico destes e a sua autorrealização. Então, conclui-se que o turismo tem impactes positivos no bem-estar dos praticantes, de um modo geral.

Os animais de estimação são, cada vez mais, entendidos pelos seus proprietários como membros da família, o que alterou, ao longo dos anos, o vínculo afetivo estabelecido entre proprietário e animal de estimação, intensificando-o e levando a que houvesse uma melhor compreensão das necessidades dos animais e, por conseguinte, satisfazendo-as, com vista a aumentar o bem-estar destes. A ligação afetiva proprietário–animal de estimação traz benefícios para ambos quer ao nível psicológico, quer para a saúde, entre

outros, o que lhes permite experimentar maiores índices de felicidade e, consequentemente, uma maior sensação de bem-estar.

Uma vez considerados membros da família, os animais de estimação acompanham as suas famílias nas viagens que realizam. Como vantagens das viagens realizadas com os seus animais de estimação, podem enumerar-se o facto de os animais de estimação serem considerados os melhores amigos dos seus proprietários, uma excelente companhia, o facto de os animais transmitirem segurança aos seus proprietários e também porque estes, viajando com os seus animais, evitam preocupações com o estado em que os animais se possam encontrar, o que tem repercussões no bem-estar de ambos.

No entanto, os turistas deparam-se com constrangimentos desde o momento de planeamento e no decorrer das viagens, estando estes associados ao desajuste da oferta *pet-friendly* existente. Esta pode ser considerada uma das causas pelas quais os números do abandono continuam tão elevados. As características dos animais têm também impactes na realização das viagens turísticas. Estes podem ser positivos e constituir uma motivação ou podem ser negativos e traduzir-se num constrangimento para os proprietários.

Apesar dos constrangimentos que ainda são mais evidentes do que o expectável, pode considerar-se que as viagens na companhia dos animais de estimação proporcionam, tanto a proprietários como a animais, a experimentação de maiores sensações de bem-estar e são uma mais-valia na saúde física e psicológica de ambos.

A investigação empírica desenvolvida mostrou que o perfil do inquirido que viaja na companhia dos seus animais de estimação é mulher, com idade média de 37 anos, solteira, detentora de habilitações literárias ao nível do ensino superior, e auferir entre € 500.00 e € 999.99 de rendimento líquido individual mensal. Viaja em média 1 a 2 vezes em três anos, planeia a viagem recorrendo a amigos e familiares como fontes de informação, prefere viajar de carro e ficar alojada em casas alugadas. Tem dois cães de porte pequeno, que considera membros da sua família e na companhia dos quais prefere viajar. Sente maioritariamente constrangimentos estruturais, que são aqueles relacionados com a adequação da oferta turística. Considera que as viagens na companhia de animais de estimação trazem benefícios tanto para o proprietário como para os animais de estimação, nomeadamente uma maior sensação de felicidade, mais diversão e ambos são uma boa

companhia um para o outro. Consideram ainda que as viagens contribuem para a diminuição dos níveis de abandono.

Analisando o lado da procura e, portanto, o perfil dos clusters que viajam na companhia dos seus animais de estimação, verificam-se diferenças, em geral, entre os três clusters.

Numa perspetiva global, compreendeu-se que o cluster que tem mais motivação para viajar com os seus animais de estimação (*Pet-traveller*) é aquele que sente menos constrangimentos decorrentes das viagens efetuadas com os seus animais e que, naturalmente, percebe mais benefícios para si e para os seus animais de estimação, decorrentes das viagens que realiza. Inversamente, embora o *Pet-owner* não seja o cluster que menos viagens realiza, é aquele que tem menos motivação para o fazer e acaba por sentir mais constrangimentos a todos os níveis, percebendo, por isso, menores sensações de bem-estar.

Também se compreendeu que, consoante o perfil de cada cluster, as características das viagens alteram. As espécies e o número de animais de animais influenciam os benefícios obtidos das viagens. O cluster que mais viaja com os seus animais (*Pet-traveller*) tende a procurar mais informação, utilizando as diferentes fontes de informação ao seu dispor, de um modo geral. Também tende a viajar utilizando diferentes meios de transporte e a fazer opções diversificadas de meios de alojamento.

Avaliando o lado da oferta, pode, em suma, concluir-se que a oferta turística não corresponde aos desejos e às necessidades dos turistas que viajam com os seus animais de estimação, uma vez que se verifica o desajuste da oferta existente que é insuficiente e, em geral, de qualidade inferior ao tipo de alojamento desejado pelo turista, não dispõe das infraestruturas necessárias para acomodar os animais junto dos seus proprietários (tendo os animais que ficar confinados a espaços criados para os acomodar – por exemplo, canis existentes nos hotéis) e apresenta lacunas na disponibilização de informação. É da competência dos gestores turísticos alterar a realidade atual, disponibilizando a este nicho de mercado *facilities* que terão impactes positivos para turistas e animais de estimação e ainda impactes económicos positivos para o setor turístico.

6.3. Contribuições do estudo (teóricas e práticas)

A elaboração da presente investigação implicou explorar conceitos multidisciplinares que resultaram em contribuições para o desenvolvimento do conhecimento teórico e prático na área do turismo e do bem-estar, nomeadamente em dimensões afetas às viagens efetuadas na companhia de animais de estimação. Resultou, ainda, na consciencialização para a questão do abandono de animais de estimação.

A nível teórico, são de salientar três principais contribuições:

- i) exploração do conceito de bem-estar e da implicação deste na área do turismo, como forma de adequação do setor às necessidades do turista;
- ii) caracterização das viagens na companhia de animais de estimação, cuja análise feita na revisão de literatura pode contribuir tanto para elucidar o lado da oferta relativamente aos desejos e necessidades dos turistas, como para motivar e desmistificar constrangimentos do lado da procura;
- iii) procura pela consciencialização, de um modo geral, das necessidades dos animais que, uma vez compreendidas e atendidas, resultarão numa melhor ligação afetiva entre proprietário e animal de estimação, o que trará maior sensação de bem-estar e felicidade a pessoas e animais.

A nível prático, o presente estudo empírico contribuiu para:

- i) conhecer as características dos turistas que viajam com animais;
- ii) compreender as características das viagens com animais;
- iii) compreender quais os fatores que mais motivam a realização de viagens na companhia de animais;
- iv) deslindar os fatores que mais constroem os turistas nas viagens que realizam com os seus animais de estimação;
- v) uma perceção mais abrangente dos benefícios sentidos pelos turistas nas viagens que realizam com os seus animais de estimação.

Em suma, acredita-se que a presente investigação terá contributos significativos na área do turismo, mais particularmente no aprofundamento de conhecimentos científicos que visam o melhoramento das experiências turísticas dos praticantes e respetivos animais de estimação.

6.4. Limitações e recomendações para investigações futuras

Finalizada a investigação, entende-se necessário refletir sobre as várias opções tomadas no seu desenvolvimento e, em consequência, avaliar as limitações que delas decorreram.

Relativamente ao enquadramento teórico, dada a limitação imposta para a extensão da presente investigação, tanto a nível temporal, quanto à extensão da própria redação, houve a necessidade de restringir as temáticas a abordar. A dificuldade na recolha de informação foi outra limitação sentida, uma vez que existem poucos estudos científicos que abordem a temática das viagens com animais de estimação.

Quanto ao estudo empírico, há que reconhecer as limitações próprias do método quantitativo de recolha de dados adotada, associadas às dificuldades em conseguir obter a amostra mínima necessária que fosse representativa da população. Também o facto de não se ter optado por um método misto de recolha de dados é entendido como uma limitação.

Neste sentido, seria interessante que investigações futuras abordassem outras perspetivas relacionadas com a temática das viagens na companhia de animais de estimação, nomeadamente:

- a) procurar estudar o lado da oferta turística e compreender em que medida está preparada, como pode colmatar as lacunas existentes, entre outros aspetos;
- b) procurar compreender se este é um nicho de mercado em expansão;
- c) avaliar os impactes económicos deste nicho de mercado, na perspetiva da oferta;
- d) avaliar a qualidade do serviço prestado a este nicho de mercado;
- e) avaliar o impacto do turismo na espécie animal.

Com base nos resultados obtidos nesta investigação, acredita-se nas vantagens de viajar na companhia de animais de estimação, na importância dos benefícios obtidos, tanto para os turistas, quanto para os animais. Neste sentido, entende-se necessário o aprofundamento do conhecimento científico nesta temática.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, I., & Lima, M. D. (2007). Personalidade e bem-estar subjectivo: uma abordagem com os projectos pessoais, 1-30. (retirado de: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0373.pdf>).
- All Pets Veterinary Medical Center (2016). Benefits of Travel With Your Dog and Pet Friendly Hotels [<http://blog.allpetsmedical.com/benefits-of-traveling-with-your-dog-and-pet-friendly-hotels/>], (acedido em 30 de abril de 2017).
- Ambitur (2015). 59% dos Portugueses Consideram os Animais Parte da Família [<http://www.ambitur.pt/59-dos-portugueses-consideram-os-animais-parte-da-familia/>], (acedido em 30 de abril de 2017).
- Andereck, K. L., Valentine, K. M., Vogt, C. a., & Knopf, R. C. (2007). A Cross-cultural Analysis of Tourism and Quality of Life Perceptions. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(5), 483–502. (retirado de: <https://doi.org/10.2167/jost612.0>).
- Andrews, F. (1974). Social indicators of perceived life quality. *Social Indicators Research*, 1(3), 279-299. (retirado de: https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/43678/11205_2004_Article_BF00303860.pdf?sequence=1).
- Animal Freedom. s/d. Drawbacks for humans when keeping pets [http://animalfreedom.org/english/opinion/pets/drawbacks_for_humans.html], (acedido em 20 de março de 2017).
- “Animal”, in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-01-30 19:29:02]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/animal>.

- Aref, F. (2011). The effects of tourism on quality of life: A case study of Shiraz, Iran. *Life Science Journal*, 8(2), 26–30. (retirado de: http://www.lifesciencesite.com/ljsj/life0802/05_4594life0802_26_30.pdf).
- Asri, M. A. M. (2015). An evaluation of measurement model for medical tourism research : the confirmatory factor analysis approach Zainudin Awang *, Asyraf Afthanorhan and Mahadzirah Mohamad, 6(1), 29–45. (retirado de: <https://doi.org/10.1504/IJTP.2015.075141>).
- Barros, J. d. (2004). *A Projecção do Quotidiano no Turismo e no Lazer*. Lisboa: UTL, ISCSP.
- Bernardo, F. J. L. (2011). Necessidades psicológicas de proximidade e autonomia: relação com bem-estar e mal-estar psicológicos. Lisboa: Universidade de Lisboa (retirado de: <http://hdl.handle.net/10451/4998>).
- Booking.com, (s./d.), Booking.com. [<https://www.booking.com>] (acedido em 27 de maio de 2017).
- Cadilha, N. M. F. (2010). Regulação da satisfação das necessidades de prazer e dor: relações com o bem-estar e distress psicológicos. Lisboa: Universidade de Lisboa (retirado de: <http://hdl.handle.net/10451/2690>).
- Cardoso, S. P. D. (2013). Causas de Renúncia de Cães e Gatos nos Concelhos de Cascais e Sintra. Universidade Lusófona (retirado de: <http://hdl.handle.net/10437/5353>).
- Carneiro, M. J., & Eusébio, C. (2011). Segmentation of the tourism market using the impact of tourism on quality of life. *Tourism & Management Studies*, (7), 91-100. (retirado de <http://www.uacm.kirj.redalyc.org/articulo.oa?id=388743869009>).
- Carr, N. (2014). *Dogs in the leisure experience*. University of Otago (retirado de: <http://www.cabi.org>).
- Carr, N. (2016). Recognising the position of the pet dog in tourism. *Annals of Tourism Research*, 62, 10–11. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.10.011>).

- Chen, H. J., Chen, P. J., & Okumus, F. (2013). The relationship between travel constraints and destination image: A case study of Brunei. *Tourism Management*, 35, 198-208. (retirado de: <https://www.cabdirect.org/cabdirect/20133017824>).
- Chen, A. H., Peng, N., & Hung, K. P. (2014). Developing a Pet Owners' Tourism Constraints Scale—The Constraints to Take Dogs to Tourism Activities. *International Journal of Tourism Research*, 16(4), 315-324. (retirado de: <http://dx.doi.org/10.3727/108354213X13645733247855>).
- Chen, C. C., Huang, W. J., & Petrick, J. F. (2016). Holiday recovery experiences, tourism satisfaction and life satisfaction - Is there a relationship?, 53, 140–147. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.09.016>).
- Chen, Y., Lehto, X. Y., & Cai, L. (2013). Vacation and well-being: A study of chinese tourists. *Annals of Tourism Research*, 42, 284–310. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2013.02.003>).
- Clemente, M. I. D. E. C. (2011). Contributos do turismo para a qualidade de vida. 4-70. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10773/8162>).
- Corvo, P. (2011). The pursuit of happiness and the globalized tourist. *Social indicators research*, 102(1), 93-97.
- Couto, S. F. S. (2012). O impacto do turismo na qualidade de vida e bem-estar do turista. Universidade Lusófona (retirado de: <http://hdl.handle.net/10437/3947>).
- Curb, L. A., Abramson, C. I., Grice, J. W., & Kennison, S. M. (2013). The relationship between personality match and pet satisfaction among dog owners. *Anthrozoos*, 26(3), 395–404. (retirado de: <https://doi.org/10.2752/175303713X13697429463673>).
- Cunha, L. (2010). A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário. Universidade Lusófona (retirado de: <http://hdl.handle.net/10437/665>).
- Cooper, C., Gilbert, D., Fletcher, J., Wanhill, S., & Shepherd, R. (1998). *Tourism - Principles and Practice* (2nd ed.). Harlow, England: Prentice Hall.

Decreto-Lei nº 13/1993 de 18 de fevereiro de 1993, relativo à Convenção Europeia para a Protecção dos Animais de Companhia.

Decreto-Lei nº 312/2003 de 17 de dezembro de 2003, Regime Jurídico de Detenção de Animais Perigosos.

Decreto-Lei nº 313/2003 de 17 de dezembro de 2003, Sistema de Identificação e Registo de Caninos e Felinos (SICAFE).

Decreto-Lei nº 314/2003 de 17 de dezembro de 2003, Programa Nacional de Luta e Vigilância Epidemiológica da Raiva Animal e Outras Zoonoses (PNLVERAZ).

Decreto-Lei nº 421/2004 de 24 de abril de 2004, Regulamento de Registo, Identificação e Licenciamento de Cães e de Gatos.

Decreto-Lei nº 315/2009 de 29 de outubro de 2009, Detenção de Animais Perigosos.

Decreto-Lei nº 69/2014 de 29 de agosto de 2014, Criminalização de Maus Tratos a Animais.

Decreto-Lei nº 8/2017 de 03 de março de 2017, Estatuto Jurídico dos Animais.

Dewailly, J. M., & Flament, E. (1993). *Géographie du tourisme et des loisirs*. 188-193.

Diário de Notícias, 2015, *Em 2014 foram abandonados mais animais do que nunca*. [<http://www.dn.pt/portugal/interior/em-2014-foram-abandonados-mais-animais-do-que-nunca-4734732.html>], (acedido em 20 de fevereiro de 2017).

Díaz, D., Rodríguez-carvajal, R. Blanco, A., Moreno -jiménez, B. Gallardo, I & Valle, C. (2006). Adaptación española de las escalas de bienestar psicológico de Ryff, 18, 572-577.

- Diener, E., Emmons, R., Larsen, J. & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 1 (retirado de: https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13).
- Diener, E. (2000). Subjective Well-Being. The Science of Happiness and a Proposal for a National Index. *American Psychologist*, Vol, 55, 1, 34-43.
- Dolnicar, S., Yanamandram, V., & Cliff, K. (2012). The contribution of vacations to quality of life. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 59–83. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.04.015>).
- Dotson, M. J., & Hyatt, E. M. (2003). Does your dog sleep on the bed? An exploratory study of dog-related consumer behavior. Society for Marketing and Advances Proceedings. (retirado de: <https://doi.org/10.1080/19368623.2011.530175>).
- Dotson, M. J., & Hyatt, E. M. (2008). Understanding dog–human companionship. *Journal of Business Research*, 61(5), 457-466.
- Dotson, M. J., Hyatt, E. M., & Clark, J. D. (2010). Traveling with the Family Dog: Targeting an Emerging Segment. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 20 (1), 1–23. (retirado de: <https://doi.org/10.1080/19368623.2011.530175>).
- Douglas, I. (2015). Ecosystems and Human Well-Being. Reference Module in Earth Systems and Environmental Sciences. (retirado de: <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-409548-9.09206-X>).
- Ellson, T. (2008). Can we live without a dog? Consumption life cycles in dog-owner relationships. *Journal of Business Research*, 61(5), 565–573. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2007.07.011>)
- "Eudemonismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/eudemonismo> [consultado em 26-01-2017].
- Figueiredo, M. T. (2015). Vidas aprisionadas: a interface entre o estresse e o bem-estar em medidas socioeducativas. 80-85. Universidade de Coimbra.

- Fratkin, J. L., Sinn, D. L., Patall, E. A., Gosling, S. D., & Erwin, W. (2013). Personality Consistency in Dogs: A Meta-Analysis. *PLoS ONE*, 8(1), e54907. (retirado de: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0054907>)
- Gilbert, D., & Abdullah, J. (2004). Holidaytaking and the sense of well-being. *Annals of Tourism Research*, 31(1), 103-121.
- Gordia, A. P., Quadros, T. M., Campos, W. D., & Petroski, É. L. (2009). Domínio físico da qualidade de vida entre adolescentes: associação com atividade física e sexo. *Revista de salud pública*, 11(1), 50-61.
- "Hedonismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/hedonismo> [consultado em 26-01-2017].
- Instituto Nacional de Estatística (2016). Estatísticas do Turismo – 2016. Ed. 2017. 30-32.
- Jornal de Notícias. (2015). *São cada vez mais os animais abandonados*. [<http://www.jn.pt/nacional/interior/sao-cada-vez-mais-os-animais-abandonados-4713798.html>], (acedido em 20 de fevereiro de 2017).
- Jornal Público, 2015, *Número de animais abandonados em Portugal atingiu pico em 2014*. [<https://www.publico.pt/2015/08/17/sociedade/noticia/numero-de-animais-abandonados-em-portugal-atingiu-pico-em-2014-1705294>], (acedido em 20 de fevereiro de 2017).
- Kahneman, D., & Krueger, A. B. (2006). Developments in the measurement of subjective well-being. *The journal of economic perspectives*, 20(1), 3-24. (retirado de: <https://doi.org/10.1257/089533006776526030>).
- Kim, H. J., Lee, T. J., & Ko, T. G. (2016). Satisfaction and Subjective Well-Being of Health Tourists: The Case of Japanese and Korean Tourists. *Journal of Travel and Tourism Marketing*, 33(5), 742–756. (retirado de: <https://doi.org/10.1080/10548408.2016.1167392>).
- Kim, H., Woo, E., & Uysal, M. (2015). Tourism experience and quality of life among elderly tourists. *Tourism Management*, 46, 465–476. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.08.002>).

- Kirillova, K., Lee, S. N., & Lehto, X. (2015). Willingness to travel with pets: a U.S. consumer perspective. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, 16(1), 24–44. (retirado de: <https://doi.org/10.1080/1528008X.2015.966296>).
- Kwan, J.Y., Bain, M.J., (2013). Owner attachment and problem behaviors related to relinquishment and training techniques of dogs. *J. Appl. Anim. Welf. Sci.* 16, 168-183. (retirado de: <https://doi.org/10.1080/10888705.2013.768923>).
- Leggat, P., & Speare, R. (2000). Traveling with pets. *Journal of Travel Medicine*, 7(6), 325–329.
- McCabe, S., & Johnson, S. (2013). The happiness factor in tourism: subjective well-being and social tourism. *Annals of Tourism Research*, 41, 42e65. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.12.001>).
- Maricato, N. A. G. (2012). O turismo em Portugal: tendências e perspectivas. 52-74. Universidade de Coimbra. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10316/20002>).
- Mathieson, A., & Wall, G. (1982). *Tourism, economic, physical and social impacts*. New York: Longman.
- Mendes, A. R. C. & Cunha, A. R. (2014). O papel moderador da inteligência emocional na relação entre regulação emocional e bem-estar: um estudo com trabalhadores portugueses. 48-57. Universidade de Coimbra. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10316/27684>).
- Meyer, I., & Forkman, B. (2014). Dog and owner characteristics affecting the dog-owner relationship. *Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research*, 9(4), 143–150. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2014.03.002>).
- Myers, D. & Diener, E. (1995). Who is happy? *American Psychological Society*, Vol. 6, 1. 10-19. (retirado de: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1995.tb00298.x>).
- Nawijn, J., Marchand, M. A., Veenhoven, R., & Vingerhoets, A. J. (2010). Vacationers happier, but most not happier after a holiday. *Applied Research in Quality of Life*, 5(1), 35-47. (retirado de:

<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs11482-009-9091-9.pdf>).

- Neal, J. D., Sirgy, M. J., & Uysal, M. (1999). The role of satisfaction with leisure travel/tourism services and experience in satisfaction with leisure life and overall life. *Journal of Business Research*, 44(3), 153-163.
- Neal, J. D., Uysal, M., & Sirgy, M. J. (2007). The effect of tourism services on travelers' quality of life. *Journal of Travel Research*, 46(2), 154-163.
- Nogueira, V. M. R. (2002). Bem-estar, bem-estar social ou qualidade de vida: a reconstrução de um conceito. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 23(1), 107-122. (retirado de: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2002v23n1p107>).
- Novo, R. F. (2005). Bem-estar e psicologia: conceitos e propostas de avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 20(2), 183-203. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10451/17844>).
- Pagán, R. (2015). The contribution of holiday trips to life satisfaction: the case of people with disabilities. *Current Issues in Tourism*, 18(6), 524–538. (retirado de: <https://doi.org/10.1080/13683500.2013.860086>).
- PetTravel.com, (2017), The History of Pet Travel. [http://www.pettravel.com/history_pet_travel.cfm] (acedido em 02 de abril de 2017).
- Pires, E. C. R. (2004). As Inter-relações turismo, meio ambiente e cultura. Instituto Politécnico de Bragança. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10198/222>).
- Pratas, M. R. D. O. (2014). Auto-regulação emocional: qual a influência no bem-estar psicológico e satisfação com a vida na adolescência? Universidade de Lisboa. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10451/18252>).
- Quintela, J. A. F. D. S. (2008). Turismo de saúde e bem-estar: impacto da qualidade de serviço na satisfação dos utilizadores. Universidade de Aveiro. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10773/3692>).

Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1998). Manual de investigação em ciências sociais. 1-34.

Regulamento (UE) n.º 576/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de junho de 2013, Circulação sem carácter comercial de animais de companhia.

Remédios, C. I. F. R. N. (2010). O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência. Universidade de Lisboa. (retirado de: <http://hdl.handle.net/10451/2792>).

Ribeiro, J. L. P. (2009). A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. *Bem-estar e qualidade de vida: contributos da psicologia da saúde*. In: J.P.Cruz, S.N. de Jesus, & C Nunes (Coords.). Bem-Estar e Qualidade de Vida (31-49). Alcochete: Textiverso.

Ryan, R. (1995). Psychological needs and the facilitation of integrative processes. *Journal of Personality*, 63, 397–427.

Ryff, C. (1989b). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 1069-1081.

Ryff, C. D. (1995). Psychological well-being in adult life. *Current Directions in Psychological Science*, 4, 99 – 104.

Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727. (retirado de: <http://midus.wisc.edu/findings/pdfs/830.pdf>).

Scolfaro, B., & Oliveira, P. De. (2013). Felicidade e Turismo: análise empírica da relação entre felicidade subjetiva e o ato de viajar. 1–21.

Serpell, J. A. (1996). Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels. *Applied Animal Behaviour Science*, 47(1), 49-60. (retirado de: [http://expeng.anr.msu.edu/sites/animalwelfare/files/Attachment_1_\(Serpell,_1996\).pdf](http://expeng.anr.msu.edu/sites/animalwelfare/files/Attachment_1_(Serpell,_1996).pdf)).

- Sharpley, R. (2009). *Tourism Development and the Environment: Beyond Sustainability?* London - Sterling, VA: Earthscan Publications.
- Setién, M. L. (1993). *Indicadores sociales de calidad de vida*. Madrid: *Siglo veintiuno*.
- Simões, A., Ferreira, J., Lima, M., Pinheiro, M., Vieira, C., Matos, A., et al. (2000). O Bem-Estar Subjectivo: Estado actual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultura*, IV (2), 243-279.
- Smith, M., & Puczkó, L. (2014). *Health, tourism and hospitality: Spas, wellness and medical travel*. 1-203.
- Sirgy, M. J. (2010). Toward a quality-of-life theory of leisure travel satisfaction. *Journal of Travel Research*, 49(2), 246-260. (retirado de: <https://doi.org/10.1177/0047287509337416>).
- Trekaroo (2015). Taking the Dog Along: The Benefits and a Few Tips for Traveling with Your Dog [<https://blog.trekaroo.com/taking-the-dog-along-the-benefits-and-a-few-tips-for-traveling-with-your-dog/>], (acedido em 30 de abril de 2017).
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of tourism research*, 24(3), 638-657. (retirado de: [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0)).
- Tuo, Y., Bai, C., & Chen, Z. (2014). Travel for meaning: The present and future of tourist wellbeing. *Proceedings - 2014 7th International Joint Conference on Computational Sciences and Optimization, CSO 2014*, 479–483. (retirado de: <https://doi.org/10.1109/CSO.2014.95>).
- UNESCO. (1978). *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*. (retirado de: <https://www.cm-vagos.pt/files/3/documentos/20110715163705459518.pdf>).
- United Nations, World Tourism Organization, 1994, *International Recommendations on Tourism Statistics*, Serie M, nº 83, United Nations, New York 1994.
- United Nations, World Tourism Organization, 2008, *International Recommendations for Tourism Statistics*, Serie M, nº 83, Rev. 1, United Nations, New York 2010.

- Uysal, M., Sirgy, M. J., Woo, E., & Kim, H. L. (2016). Quality of life (QOL) and well-being research in tourism. *Tourism Management*, 53, 244–261. (retirado de: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.07.013>).
- Vacation Differently (2016). Why Traveling with Your Pet is Therapeutic [<http://www.vacationdifferently.com/traveling-with-pets/>], (acedido em 30 de abril de 2017).
- Van Dierendonck, D., Abarca, A. B., Díaz, D., Jiménez, B. M., Gallardo, I., Valle, C., & Carvajal, R. R. (2006). Adaptación española de las escalas de bienestar psicológico de Ryff. *Psicothema*, 18(3), 572-577. (retirado de: <http://www.crecimientopositivo.es/Materiales/well-being-psycothema.pdf>).
- Van Dierendonck, D. (2004). The construct validity of Ryff's Scales of Psychological Well-being and its extension with spiritual well-being. *Personality and individual differences*, 36(3), 629-643. (retirado de: [http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00122-3](http://dx.doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00122-3)).
- Vásquez, C., Torres, G. H., Rahona, J. J., & Gómez, D. (2009). Bienestar psicológico y salud: aportaciones desde la psicología positiva. *Anuario de psicología clínica y de la salud*, (5), 15-28. (retirado de: http://institucional.us.es/apcs/doc/APCS_5_esp_15-28.pdf)
- Waterman, A. S. (1993). Two conceptions of happiness: Contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 678 – 691. (retirado de: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.64.4.678>).
- Wayne, L., & Tess, H. (2012). Integrating the hedonic and eudaimonic perspectives to more comprehensively understand wellbeing and pathways to wellbeing, 2, 196–221. (retirado de: <https://doi.org/10.5502/ijw.v2i3.3>).
- World Tourism Organization - WTO. (1995). Concepts, definitions and classifications for tourism statistics. Madrid: World Tourism Organization.
- Zenhas, F. P. (2012). Felicidade hedónica e eudaimónica: um estudo com adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 31(4), 329-342. (retirado de:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000400002&lng=pt&tlng=pt).

Apêndice

Apêndice I - Questionário a proprietários que viajam na companhia dos seus animais de estimação



universidade de aveiro

DEGEIT - Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo

Questionário a proprietários que viajam na companhia dos seus animais de estimação

Quem deve responder a este questionário: todas as pessoas que nos últimos três anos realizaram pelo menos uma viagem turística na companhia do seu animal de estimação com duração de 3 ou mais dias.

Este questionário destina-se à realização de um projeto de investigação da Universidade de Aveiro da área de Turismo. O projeto tem como finalidade avaliar em que medida as viagens turísticas na companhia do animal de estimação potenciam o aumento da sensação de bem-estar de turistas e respetivos animais de companhia.

Todas as respostas são confidenciais e destinam-se apenas à realização deste projeto de investigação.

A sua colaboração é essencial para a concretização deste estudo. Muito obrigada!

A – Identificação dos animais de estimação

1 – Indique quantos animais de estimação tem: _____

2 – Espécies:

Cão ☐ Quantos? _____

Gato ☐ Quantos? _____

Outro ☐ Quais? _____ Quantos? _____

3 – Indique o porte dos seus animais de companhia: _____

B – Caracterização das práticas turísticas na companhia de animais de estimação

4 – Nos últimos três anos qual a frequência com que realizou viagens turísticas na companhia do seu animal de estimação? 1 - 2 ☐ 3 - 4 ☐ 5 ou mais ☐

5 – Quando viaja com o seu animal de estimação normalmente planeia a sua viagem?

Sim ☐

Não ☐

6 – Quando viaja com o seu animal de estimação, qual o tipo de organização da viagem?

Viagem independente ☐

Viagem organizada ☐

7 – No planeamento das viagens que realiza com o seu animal de estimação, com que frequência utiliza as fontes de informação seguintes? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião):

(1 – Raramente; 5 – Sempre)

Amigos / Familiares	1	2	3	4	5
Televisão / Rádio	1	2	3	4	5
Revistas / Jornais	1	2	3	4	5
Internet / Websites	1	2	3	4	5
Agência de Viagens	1	2	3	4	5
Centro de Informação turística	1	2	3	4	5
Clínica Veterinária	1	2	3	4	5
Outra – Qual?	1	2	3	4	5

8 – Quando viaja com os seus animais de estimação, quais os meios de transporte que utiliza com maior frequência? (Assinale com X cada um dos meios utilizados)

Carro ☐

Autocarro ☐

Comboio ☐

Avião ☐

Barco ☐

Outro ☐ Qual? _____

9 – Quando viaja com os seus animais de estimação, quais os meios de alojamento que utiliza com mais frequência? (Assinale com X cada uma das opções tomadas)

Hotel / Hostel ☐

Casa de amigos / familiares ☐

Casa alugada ☐

Turismo Rural ☐

Outro ☐ Qual? _____

C – Motivações da viagem

10 – Considera que os aspetos indicados na tabela seguinte forma motivos importantes para a realização de viagens turísticas na companhia dos seus animais de estimação? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião)

(1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)

Considero o meu animal de estimação um membro da família	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

Prefiro viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo em casa	1	2	3	4	5
Prefiro destinos <i>pet-friendly</i> para viajar com o meu animal de estimação	1	2	3	4	5
Considero as necessidades do meu animal de estimação ao planear a viagem	1	2	3	4	5
Considero mais barato e conveniente viajar com o meu animal de estimação do que deixá-lo com terceiros	1	2	3	4	5
Sinto-me mais motivado a viajar se o fizer na companhia do meu animal de estimação	1	2	3	4	5
Considero que as viagens com animais contribuem diretamente para a diminuição dos números de abandono	1	2	3	4	5

D – Constrangimentos da viagem

11 – Na sua opinião, em que medida concorda com as seguintes afirmações? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião)

(1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)

O meu animal de estimação não tem autocontrole	1	2	3	4	5
O meu animal de estimação não gosta de estar fora do ambiente familiar	1	2	3	4	5
O meu animal de estimação fica cansado e aborrecido facilmente	1	2	3	4	5
A viagem pode tornar-se perigosa para o meu animal de estimação	1	2	3	4	5
Em geral, não considero adequado que o meu animal de estimação faça viagens	1	2	3	4	5
Sinto-me desconfortável ao viajar com o meu animal de estimação porque outras pessoas não gostam de animais	1	2	3	4	5
O meu animal pode ser hostil para outros turistas / animais	1	2	3	4	5
Não tenho companhia para viajar comigo e com o meu animal	1	2	3	4	5
O meu animal doméstico pode não aceitar pessoas estranhas	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de companhia envolve custos adicionais	1	2	3	4	5
É difícil encontrar informações que me ajudem a planear a viagem com o meu animal de estimação	1	2	3	4	5
O destino não é adequado para o meu animal (por exemplo, o clima)	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal consome muito do meu tempo de lazer	1	2	3	4	5
Não posso participar numa atividade porque tenho que cuidar do meu animal em simultâneo	1	2	3	4	5
O destino não dispõe de equipamentos/infraestruturas para animais	1	2	3	4	5

Levar o meu animal de companhia é inconveniente	1	2	3	4	5
---	---	---	---	---	---

12 - Exponha os constrangimentos que, na sua opinião, podem prejudicar as experiências de viagens na companhia do seu animal de estimação.

E – Benefícios percebidos da realização de viagens turísticas na companhia de animais

13 – Em que medida concorda que as viagens que realizou com o seu animal de estimação provocaram em si os seguintes efeitos? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião)

(1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)

Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais seguro	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação faz-me sentir mais feliz	1	2	3	4	5
Não me sinto sozinho se viajar com o meu animal de estimação	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação permite-me relaxar mais	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação permite-me desfrutar mais da viagem turística	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação torna a viagem mais divertida	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação leva-me a praticar mais exercício físico	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação aumenta os meus níveis de energia	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação melhorou a nossa ligação	1	2	3	4	5
Viajar com o meu animal de estimação permite-me interagir com desconhecidos	1	2	3	4	5
Ao viajar com o meu animal de estimação, encontro outros proprietários de animais com quem partilhar experiências	1	2	3	4	5

14 - Em que medida concorda que as viagens que realizou com o seu animal de estimação provocaram no seu animal de estimação os seguintes efeitos? (Assinale com um círculo a opção que corresponde à sua opinião)

(1 – Discordo totalmente; 5 – Concordo totalmente)

O meu animal de estimação sente-se mais feliz	1	2	3	4	5
O comportamento do meu animal de estimação fora do ambiente familiar melhorou	1	2	3	4	5
Com a viagem, o meu animal de estimação passou a aceitar estranhos mais facilmente	1	2	3	4	5

15 - Explique em que medida a sua experiência de viagem na companhia do seu animal de estimação contribuiu para aumentar a sua sensação de bem-estar.

F – Caracterização sociodemográfica do inquirido

16 – Género: Feminino ☐ Masculino ☐

17 – Idade: _____

18 – Estado civil:

Solteiro ☐ Casado / União de Facto ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐

19 – Nível de escolaridade

Ensino básico ☐ Ensino Secundário ☐ Ensino Superior ☐

20 – Rendimento líquido individual

< €500 ☐ [€500 - €1000[☐ [€1000 - €2000[☐ > €2000 ☐

Obrigada pela sua colaboração!